

ÉRIKA YURIE FUJIWARA

**A CRIAÇÃO DE NEOLOGISMOS DE
BASE JAPONESA POR FALANTES
DE PORTUGUÊS**

**TRÊS LAGOAS - MS
2014**

ÉRIKA YURIE FUJIWARA

**A CRIAÇÃO DE NEOLOGISMOS DE
BASE JAPONESA POR FALANTES
DE PORTUGUÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Hagemeyer Burgo

**TRÊS LAGOAS - MS
AGOSTO/2014**

ÉRIKA YURIE FUJIWARA

**A CRIAÇÃO DE NEOLOGISMOS DE BASE JAPONESA POR
FALANTES DE PORTUGUÊS**

Dissertação aprovada como requisito à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Estudos Linguísticos, do Campus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Hagemeyer Burgo (UFMS)

Titular: Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira (UFMS)

Titular: Profa. Dra. Cláudia Cristina Ferreira (UEL)

Suplente: Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro (UEL)

Três Lagoas, 15 de agosto de 2014.

Dedico este trabalho às bases da minha vida: meus pais, meu irmão, minha avó Miwako (in memorian) e meu avô Nelson, por todo amor, pelo apoio incondicional, ensinamentos, e principalmente, por acreditarem em mim. Obrigada, hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me proporcionar uma nova oportunidade, uma nova chance dia após dia.

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, por ver em mim um potencial que até eu mesma desconhecia, por me inserir no mundo instigante da pesquisa acadêmica, ainda no meu primeiro ano de curso, e principalmente por sempre me incentivar e guiar meus passos até aqui. Por ser, além de um exemplo de profissional, um amigo para mim. Obrigada, sempre.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e seus respectivos professores, e a CAPES, pela bolsa concedida. Sem a qual, a conclusão deste trabalho seria duplamente trabalhosa.

Aos professores do curso de graduação em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela minha formação acadêmica, e por me fazerem enxergar o universo de possibilidades existente nas Letras.

À Profa. Dra. Vanessa Hagemeyer Burgo, por dar continuidade a minha orientação, e principalmente, por me apoiar no momento em que mais precisei.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, pelas contribuições em determinado momento desta trajetória.

À Profa. Dra. Vitória Regina Spanghero, pela avaliação e valiosas contribuições a este trabalho na qualificação.

À *sensei* Masako Moriwaki, pelos ensinamentos sobre a língua e cultura japonesas, e por não me deixar desistir de aprender a língua dos meus antepassados.

Ao Claudionor Messias da Silva, pela prontidão, disposição, atenção e palavras sempre reconfortantes nos momentos certos.

Aos meus pais, meu irmão e toda minha família, pelo apoio incondicional, e por acreditarem que eu sou capaz de alcançar meus objetivos. Por sempre me incentivarem a seguir, quando nos momentos mais difíceis eu já não tinha forças, nem esperança. Serei eternamente grata por tudo!

Às minhas amigas de graduação, pela amizade, companheirismo e cumplicidade em todos os quatro anos de curso, e agora, para o resto da vida. Ana Alice, Eloiza, Lívia, Patrícia, Jemima, Bruna e Taíssa, obrigada por tornarem o início da minha vida acadêmica mais prazerosa, leve e feliz.

Aos amigos de mestrado, pela companhia, pelos conselhos, por amenizarem minhas angústias, dificuldades, e também por dividirem comigo alegrias, conquistas e conhecimento.

Aos melhores amigos que alguém poderia ter: *Ana Carolina*, por ser meu ponto de apoio em praticamente tudo, por todas as horas, pelos inúmeros conselhos, e devoluta amizade; *Maristela*, pela amizade sem cobrança, pela cumplicidade, e por sempre estar ali para me estender a mão; *Dênis*, por ser meu irmão de alma, por todo o apoio, por dividir comigo sentimentos, gostos e afins; *Polyana*, pela amizade sincera, por toda a ajuda, por sempre se preocupar comigo, e por ter sido minha “mãe” quando precisei; *Dalíria*, pela amizade espontânea, pela ótima companhia de sempre, e principalmente, por me ensinar a sorrir e rir da vida; e *Fábio*, pela amizade de infância, e por me mostrar que a vida tem que ser levada a sério. Obrigada por nunca desistirem de mim. A vocês, minha imensa e eterna gratidão.

E a todos que, direta ou indiretamente, em algum momento dessa jornada, contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

Deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

*Odiei as palavras e as ameí,
e espero tê-las usado direito.*

Markus Zusak: A menina que roubava livros

FUJIWARA, Érika Yurie. **A criação de neologismos de base japonesa por falantes de português**. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos - Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

RESUMO

A renovação linguística é um fenômeno essencial para a evolução e manutenção de qualquer língua, seja ela natural ou artificial. Esse processo de renovação e criação linguísticas é chamado de neologia. Seu produto, por sua vez, de neologismo. Adotando o neologismo como objeto de estudo, procuramos buscá-lo em contextos envolvendo as línguas japonesa e portuguesa simultaneamente. O campo de pesquisa utilizado foi a internet, devido sua dinamicidade e abrangência. Assim, selecionamos um total de noventa neologismos de base linguística provenientes da língua japonesa, os quais foram analisados mediante base teórica pautada em estudos acerca da Neologia e Lexicologia da língua portuguesa, a saber, Biderman (1978, 2001); Alves (1990); Basílio (1991); Barbosa (1998, 2000); Pilla (2002); Kehdi (2007); Carvalho (2009, 2012); Correia e Almeida (2012); Gonçalves (2012); dentre outros. A análise dos neologismos teve como parâmetros o: (a) tipo de neologismo, (b) tipo de base linguística, (c) tipo de processo na formação da unidade lexical, (d) função linguística do neologismo, (e) contextualização, (f) formas flexionais e variantes. Este procedimento de análise permitiu observar que o tipo de neologismo mais frequente no *corpus* é o sintático, e o processo de formação lexical mais produtivo, a derivação sufixal. Além de indicar que a criação de neologismos pelos falantes se dá de forma sistemática, em contextos informais de comunicação, e com um propósito definido, ou seja, de veiculação de ideias e conceitos.

Palavras-chave: Neologismos. Língua japonesa. Língua portuguesa.

FUJIWARA, Érika Yurie. **A criação de neologismos de base japonesa por falantes de português**. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos - Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

ABSTRACT

The linguistic renovation is an essential phenomenon to the evolution and maintenance of any language, whether natural or artificial. This process of renovation and linguistic creation is called neology. Your product, the neologism. Adopting the neologism as an object of research, we pick it up in contexts involving both Japanese and Portuguese languages. The research field used was the internet, due to its dynamic nature and scope. Thus, we selected a total of ninety neologisms of linguistic base from the Japanese language, which were analyzed through theoretical basis in studies on Neology and Lexicology of the Portuguese language, namely Biderman (1978, 2001); Alves (1990); Basílio (1991); Barbosa (1998, 2000); Pilla (2002); Kehdi (2007); Carvalho (2009, 2012); Correia e Almeida (2012); Gonçalves (2012); and others. The analysis of neologisms had as the parameters: (a) type of neologism, (b) type of linguistic basis, (c) type of process in the formation of lexical unit, (d) linguistic function of neologism (e) contextualization, (f) inflectional forms and variants. This procedure of analysis allowed us to observe that the most frequent type of neologism in the corpus is syntactic one, and the lexical process more productive, is the suffixal derivation. Besides indicating that the creation of neologisms by speakers occurs in a systematic way, in informal contexts of communication, and with a definite purpose, to transmission of ideas and concepts.

Keywords: Neologisms. Japanese language. Portuguese language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

FIGURA 1 - Ferramenta de busca do <i>Google</i>	20
FIGURA 2 - Exemplo de busca com a palavra <i>sushi</i> + sufixo <i>-ada</i>	21
FIGURA 3 - Exemplo de busca com a palavra <i>sushi</i> + sufixo <i>-eiro</i>	22
TABELA 1 - Processos de formação lexical.....	61
TABELA 2 - Tipos de neologismos.....	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO TRABALHO	16
1.1.1. OBJETIVOS GERAIS.....	16
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.1.3. QUESTÕES A SEREM OBSERVADAS	17
1.2. METODOLOGIA	17
1.2.1. HIPÓTESE DA PESQUISA	17
1.2.2. PROBLEMÁTICA NA SELEÇÃO DE <i>CORPUS</i>	17
1.2.3. <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	19
1.2.4. MATERIAL DE ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS.....	24
2. RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, LÉXICO E VOCABULÁRIO	27
3. NEOLOGIA, NEOLOGISMOS E TIPOS DE NEOLOGISMOS	30
3.1. NEOLOGIA	30
3.2. NEOLOGISMOS	32
3.3. TIPOS DE NEOLOGISMOS	37
3.3.1. NEOLOGISMOS FONOLÓGICOS.....	37
3.3.2. NEOLOGISMOS SINTÁTICOS.....	39
3.3.3. NEOLOGISMOS SINTAGMÁTICOS.....	40
3.3.4. NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS.....	40
3.3.5. ESTRANGEIRISMOS	41
3.3.6. EMPRÉSTIMOS.....	43
3.3.7. HIBRIDISMOS	44
3.3.8. DECALQUES	46
4. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS	47
4.1. PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL	47
4.1.1. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO	48
4.2. DERIVAÇÃO	49
4.2.1. DERIVAÇÃO PREFIXAL.....	50
4.2.2. DERIVAÇÃO SUFIXAL	50
4.2.3. DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA	51
4.2.4. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA.....	51
4.2.5. DERIVAÇÃO REGRESSIVA.....	52
4.3. COMPOSIÇÃO.....	53
4.3.1. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO	54
4.3.2. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO	54
4.3.3. COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA.....	55
4.4. IMPORTAÇÃO DE PALAVRAS	55
4.5. OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL	56
4.5.1. ANALOGIA.....	56

4.5.2. RECOMPOSIÇÃO	57
4.5.3. REDUPLICAÇÃO	58
4.5.4. HIPOCORIZAÇÃO	58
4.5.5. TRUNCAMENTO	58
4.5.6. MESCLAGEM LEXICAL	59
4.5.7. SIGLAGEM	60
5. ANÁLISE DOS DADOS LEXICAIS	61
5.1. DERIVAÇÃO SUFIXAL	62
5.2. DERIVAÇÃO PREFIXAL	74
5.3. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA	75
5.4. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO	76
5.5. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO	76
5.6. MESCLAGEM LEXICAL	79
5.7. NEOLOGIA SEMÂNTICA	80
5.8. ANALOGIA	81
5.9. IMPORTAÇÃO DE PALAVRAS	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
APÊNDICE A	95

INTRODUÇÃO

A língua é, por excelência, a ferramenta mais eficiente que o homem dispõe para expressar seus sentimentos, pensamentos, ideias. Essa ferramenta, viabilizada por meio da fala e escrita, possibilita plena interação comunicativa entre os falantes. É, sem dúvida, essencial para o desenvolvimento humano.

O interesse pela língua, incluindo seus falantes e estratégias linguísticas por eles utilizadas, tornou-se o ponto de partida para a presente pesquisa. A língua, mais especificamente, o léxico, muda conforme o progresso técnico-científico, a integração dos povos, a frequência e intensidade das comunicações de massa e telecomunicações. Todos esses fatores conduzem a uma renovação lexical, ou seja, a criação e incorporação de novas unidades ao léxico. Se a língua não evolui, ela morre. A renovação é um processo natural, e os falantes são praticamente obrigados a evoluir junto.

Com a aproximação (mesmo que virtual) dos povos, línguas e culturas, esse processo de renovação natural é, de certo modo, acelerado. Diante das modificações promovidas pelos fatores descritos, a necessidade de aquisição de uma segunda língua tornou-se inevitável para uma considerável parcela da população.

É nesse contexto, do bilinguismo, ou seja, da utilização de duas línguas para fins comunicativos, que chegamos a ambientalização da nossa pesquisa. Aqui, consideramos contextos linguísticos envolvendo a língua japonesa e a língua portuguesa. Os falantes bilíngues¹, bem como os que falam somente a língua materna, dependendo da necessidade comunicativa que determinada situação exija, recorrem a estratégias linguísticas motivadas, as quais demonstram a abrangência da sua criatividade lexical. Esta última, entendida como a capacidade que o falante possui de renovar e ampliar seu sistema linguístico conscientemente. Há também de se considerar os falantes maternos de língua portuguesa, descendentes de japoneses que não são considerados bilíngues, mas que tem conhecimento sobre a língua e vocabulário japoneses por meio do contato com outras pessoas, geralmente da própria família e idosos, estes considerados bilíngues. Neste caso, eles

¹ Consideramos como bilíngues, neste trabalho, os falantes que utilizam de duas línguas, com um nível razoável de proficiência em uma das duas (sem equivalência), em contextos variados e independentes. Excluem-se os chamados bilíngues perfeitos.

aprendem parte do léxico da segunda língua no âmbito familiar, caracteristicamente informal. Apesar de ser um aprendizado restrito, esse contato linguístico permite a tais falantes utilizarem das estratégias linguísticas para a criação lexical entre as línguas. Muitas vezes, “brincando” com os mecanismos e estruturas linguísticas, utilizando sua criatividade lexical para renovar seu léxico.

De uns poucos anos para cá, a presença da língua e cultura japonesas cresceu mundialmente, itens, conceitos, fenômenos do Japão estão se alastrando a passos acelerados. No Brasil, é inegável a influência e presença da culinária japonesa e oriental no dia-a-dia de uma considerável parcela da população. Além da culinária, observamos a influência no setor entretenimento (moda, música, *animes*, *mangas*) e claro, da sempre inovadora tecnologia japonesa.

Nesse sentido, David Crystal afirma que

quando uma língua se espalha, ela muda. O simples fato de que partes do mundo diferem tanto uma das outras, física e culturalmente, significa que os falantes têm inúmeras oportunidades de adaptar a língua, para satisfazer suas necessidades de comunicação e adquirir novas identidades. A parte principal da adaptação será no vocabulário - não apenas novas palavras, mas novos significados para as palavras, e novas expressões idiomáticas -, já que essa é a área que reflete com mais proximidade condições de vida e formas de pensar. (CRYSTAL, 2005, p. 36)

Com a presença constante de assuntos ligados ao Japão no nosso cotidiano, a necessidade de uso da língua aumentou, e com isso, é inevitável que a língua também adquira maior visibilidade. E essa visibilidade tornou-se ainda mais aparente por meio da Internet (World Wide Web [“www”]). A palavra que define esse fenômeno é acessibilidade. Por meio dela, pessoas do mundo inteiro compartilham informações ao mesmo tempo, basicamente, qualquer pessoa tem acesso ao conteúdo disposto na rede. Há pouco mais de uma década, a internet ganhou proporções imensuráveis, revolucionando as formas de interação e comunicação das pessoas. Hoje, por meio da internet e suas ferramentas, é possível aprender uma língua falada do outro lado do mundo, como o japonês ou mandarim, sem nem mesmo sair de casa. O impacto que essa criação causou no nosso cotidiano é incontestável.

Com o desenvolvimento das sociedades humanas, da globalização, e o advento da internet, a necessidade de ampliação dos signos lexicais e a rotulação das novas invenções e noções desenvolvidas pela ciência cresceram. Utilizamos,

cotidianamente, palavras do nosso vocabulário, sem nem ao menos pensar sobre elas. Contudo, por vezes, nos deparamos com a necessidade de utilizar uma palavra para explicar uma situação, nomear determinado objeto ou até mesmo expressar uma ideia. Geralmente, nesses contextos, as palavras (significado + significante) existentes não são suficientes para expressar exatamente o que queremos, assim, partimos para a criação de novas palavras, as quais têm o objetivo de suprir as necessidades comunicativas, e viabilizar a criatividade linguística do falante. Assim, o léxico, único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto, se expande, ampliando as formas de expressão linguísticas. É nesse contexto que encontramos os objetos de estudo da presente pesquisa: os neologismos.

Diante dos fatos apontados, optamos por selecionar dados provenientes da internet - a qual não deixa de ser um meio / ferramenta de interação linguística -, registrados por qualquer falante de língua portuguesa que em algum momento tenha necessitado utilizar uma nova formação vocabular (no contexto anteriormente citado) em sua fala (registro escrito). Convém observar que as páginas utilizadas na seleção de dados nos remetem a fontes escritas mais próximas a oralidade.

No âmbito da neologia, no que compete a criação lexical, podemos encontrar diversos estudos sobre o assunto, ou seja, dos tipos de neologismos e processos de formação de palavras na língua portuguesa. Apesar da novidade do ambiente virtual de comunicação, há vários estudos sobre os neologismos criados e veiculados em tal espaço. Em ressalva, dentre os estudos, a maioria visa formações que envolvam a língua inglesa e sua influência sobre a língua portuguesa, principalmente trabalhos sobre importação de palavras e contextos bilíngues. Diante disso, consideramos escassos os trabalhos que visem formações neológicas envolvendo a língua japonesa com a língua portuguesa. A importância da pesquisa se justifica na questão de que formações dessa natureza existem, são criadas a todo o momento, enriquecem o léxico, e demonstram a plena capacidade e criatividade linguística dos falantes, portanto, não podem ser simplesmente ignoradas.

Para a discussão do tema proposto, dividimos a dissertação em cinco capítulos, além da introdução, considerações finais, referências bibliográficas e apêndice. No primeiro capítulo, apresentamos os objetivos gerais e específicos da pesquisa, bem como os processos metodológicos utilizados no decorrer do trabalho.

No capítulo seguinte, abordamos de forma concisa, os conceitos de língua, léxico e vocabulário, bem como a relação existente entre eles.

No terceiro capítulo, apresentamos, de forma sucinta, a base teórica utilizada, com as principais definições sobre neologia e neologismo, bem como dos tipos de neologismos existentes e possíveis de serem formados na língua portuguesa.

O foco do quarto capítulo são os tipos de processos de formação de palavras dos quais os falantes de língua portuguesa dispõem para a renovação e ampliação lexicais, e como eles utilizam desses artifícios para formar novas criações lexicais. Deve-se levar em consideração que nem todos os processos de formação existentes são constitutivos dos neologismos relacionados neste trabalho.

No quinto e último capítulo, apresentamos uma análise qualitativa e quantitativa dos dados neológicos extraídos, de acordo com os parâmetros metodológicos e base teórica apresentados nesta dissertação. A análise foi organizada pelo tipo de processo de formação lexical utilizado pelo falante.

Logo após, as considerações finais e referências bibliográficas.

Ao final, a apresentação, em ordem alfabética, das fichas lexicográficas contendo todos os neologismos extraídos (Apêndice A).

1.1. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO TRABALHO

1.1.1. OBJETIVOS GERAIS

Tivemos como objetivo inicial e geral para esta pesquisa, analisar o processo de criação léxica, ou seja, o modo como se dá a formação de palavras no contexto linguístico atual das línguas japonesa e portuguesa do Brasil, com base na perspectiva teórica de estudos sobre a Lexicologia e Neologia, sobretudo nos trabalhos de Biderman (1978, 2001); Alves (1990); Basílio (1991); Barbosa (1998, 2000); Pilla (2002); Kehdi (2007); Carvalho (2009; 2012); Correia e Almeida (2012); Gonçalves (2012). O enfoque foi dado aos neologismos que utilizam a língua japonesa como base de formação lexical².

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Arrolar os tipos de neologismos extraídos do *corpus*;
- Descrever os processos de formação pelos quais os neologismos foram criados;
- Observar a existência de uma possível sistematização na criação dos neologismos, bem como uma organização dos mesmos;
- Verificar quais mecanismos de criação lexical (baseados nos processos disponíveis na língua portuguesa) são mais produtivos nesse contexto;
- Observar como os falantes estão utilizando elementos próprios da língua portuguesa para a formação de palavras com base em palavras provenientes da língua japonesa;
- Observar como os falantes reproduzem suas criações lexicais na comunicação mediada pelo computador no veículo internet, utilizando a chamada “fala escrita”, ou seja, uma linguagem que se aproxima mais da língua falada do que da escrita padrão.

² Sem, contudo, descartar os neologismos que não tem base de formação na língua japonesa, mas que se encontram no contexto da língua japonesa, ou seja, formações advindas de empréstimos da língua japonesa, ou formações envolvendo a língua japonesa e outra, por exemplo, a inglesa.

1.1.3. QUESTÕES A SEREM OBSERVADAS

- Quais os mecanismos de criação neológica são mais frequentes (levando em consideração que exista mais de um)?
- Em quais contextos os neologismos foram criados?
- Qual o perfil dos “criadores” dos neologismos?
- A produção e uso desses neologismos tende a se manter, aumentar, ou diminuir? Por quais razões?

1.2. METODOLOGIA

1.2.1. HIPÓTESE DA PESQUISA

Partimos do pressuposto de que falantes com conhecimento de ambas as línguas, japonesa e portuguesa, são capazes de utilizar dos mecanismos de formação de palavras da língua portuguesa para criar formações japonês+português e português+japonês (entre outras), com base na semântica das palavras japonesas, de acordo com a necessidade e o contexto de uso.

Há diversos trabalhos e pesquisas no Brasil envolvendo a língua japonesa e portuguesa, voltados para questões de bilinguismo, *codeswitching*, *code-mixing*, interferência linguística, contextos diglóticos, tais como, Fuchs (1996), Doi (2006), Takano (2008), Ota (2009), dentre outras questões linguísticas. Contudo, para questões de formação de palavras entre essas línguas, mais especificamente, neologismos, não obtivemos ocorrências, exceto casos de empréstimos linguísticos. Os trabalhos que abordam os processos de formação neológica, geralmente estão concentrados em junções e estruturas mórficas da língua portuguesa com a língua inglesa.

1.2.2. PROBLEMÁTICA NA SELEÇÃO DE CORPUS

O primeiro passo da pesquisa foi a realização de uma coleta de dados informal, de caráter especulativo, diretamente com dez falantes (familiares e amigos) das línguas japonesa e portuguesa (fluentes ou não em ambas), selecionados de

acordo com a idade (vários níveis³). Nessa coleta, que optamos por fazer oralmente, ou seja, sem a recolha de dados registrados, explicamos brevemente o conceito de neologismo, bem como as possíveis formações estruturais da nossa hipótese (japonês+português e português+japonês), sem, contudo, dar nenhum exemplo. Os entrevistados foram questionados se lembravam de alguma palavra já utilizada por eles que poderia vir a se constituir como um neologismo, porém não obtivemos sucesso, já que eles simplesmente não se lembravam de nenhuma palavra que utilizassem ou que já tivessem utilizado nesse contexto.

Para quem não trabalha com análise linguística, ou que nunca parou para pensar metalinguisticamente, é complicado entender o propósito de uma pesquisa deste tipo, portanto, a fim de ilustrar melhor o que pretendíamos, utilizamos a palavra *tsukaretado*⁴ (*tsukareta* (cansado) + *ado*), que significa simplesmente “cansado”, palavra esta, corriqueira na fala de descendentes de japoneses, e formada pela estrutura *japonês + português*.

Os entrevistados, quando perguntados se já tinham ouvido ou utilizado a palavra *tsukaretado* no seu cotidiano, demonstravam espanto e garantiam que sim, porém, afirmavam saber somente da ocorrência desta, ou seja, não se lembravam de mais nenhuma unidade lexical candidata a neologismo.

Diante desse obstáculo, e com a certeza de que não teríamos dados neológicos suficientes, e nem tempo hábil para a realização da pesquisa com informantes diretos, optamos por testar a hipótese na internet, com registros escritos.

Após a decisão de extrair os dados da internet, o primeiro passo foi buscar por *corpus* ou *corpora* dedicado à fala/escrita de descendentes de japoneses no Brasil, método baseado na *linguística de corpus*. Contudo, não encontramos um *corpus* específico de língua japonesa, ou de variação linguística do japonês falado no Brasil que atendesse aos objetivos da nossa pesquisa. Já era de se esperar que livros, edições jornalísticas, dentre outros, não forneceria os dados que precisávamos (de língua geral), pois os mesmos tendem a utilizar a escrita padrão, e o tipo de formações neológicas que visávamos, pressupomos que seriam encontradas em registros da língua escrita falada.

³ Relativo às gerações ou níveis de descendência japonesa: *issei* (primeira geração), *nissei* (segunda geração), *sansei* (terceira geração), e assim por diante.

⁴ Ficha 84.

Há *corpora* de registro escrito de língua japonesa, contudo, apresentado nos sistemas de escrita japônês (*kanji*, *hiragana* e *katakana*)⁵. Para a nossa pesquisa, o *corpus* necessitaria estar registrado em *romaji*⁶, ou seja, baseado no sistema *Hepburn*⁷, pois o neologismo supostamente teria que conter um afixo da língua portuguesa ou um significado lexical relacionado.

Não pudemos utilizar de *softwares* de seleção de *corpus*, como o *Wordsmith Tools*, o qual lista todas as palavras constantes em uma base textual, além de listar as respectivas concordâncias, pelo fato de que essas ferramentas não facilitavam a extração, bem como os objetivos da pesquisa.

Também não se mostrou útil a ferramenta de construção de *corpora* a partir da Web, como o *BootCat*, pois no mesmo, é necessária a inserção de um conjunto de *seeds*⁸ como entrada, e a partir desse conjunto específico, o programa constrói o *corpus* por meio da ferramenta de pesquisa denominada *Google*.

A metodologia de extração de *corpus* que utilizamos não é considerada adequada mediante a linguística de *corpus*, contudo, mostrou-se como a única forma de extrair as unidades candidatas a neologismo. A seguir, explicamos o processo.

1.2.3. CORPUS DA PESQUISA

Diante da dificuldade da extração de dados baseada na linguística de *corpus*, optamos por uma extração de dados manual, ou seja, não automática, no qual procuramos cada unidade lexical candidata a neologismo individualmente.

⁵ O *kanji* é o conjunto de ideogramas da língua japonesa originário da China. Substantivos, radicais de adjetivos, verbos e advérbios são quase todos representados em *kanji*. Nesse sistema, cada ideograma representa uma ideia completa, contudo, nem tudo que existe possui uma representação em *kanji*. O *hiragana* e o *katakana* são silabários diferentes que representam o mesmo conjunto de sons da língua japonesa. O *hiragana* é utilizado principalmente para usos gramaticais, bem como para facilitar a leitura dos chamados *kanji*, ou representar palavras que não possuem representação em *kanji*. Já o *katakana*, é utilizado para escrever palavras de origem estrangeira, para representar a leitura de *kanji* em outra língua (Chinês), ou para dar ênfase a uma palavra (itálico).

⁶ O *romaji* é a representação dos sistemas de escrita japoneses por meio do alfabeto latino, ou seja, é basicamente uma romanização da língua japonesa. É utilizado em abreviaturas e palavras com visibilidade além do Japão.

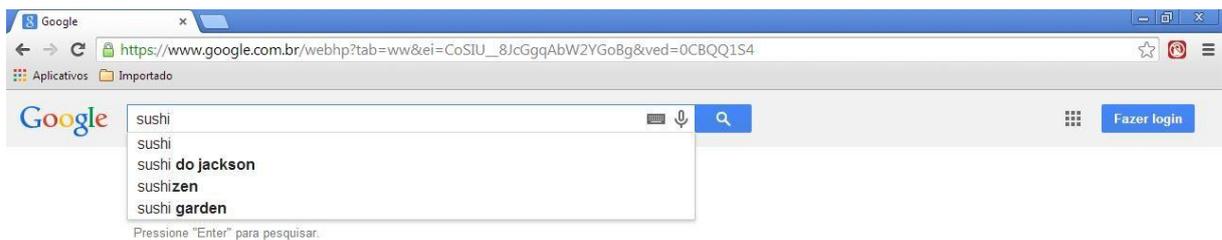
⁷ Baseado no sistema da fonologia da língua inglesa, o sistema *Hepburn* foi desenvolvido pelo reverendo James Curtis Hepburn para transcrever os sons da língua japonesa para o alfabeto romano com o objetivo de criar um dicionário japonês-inglês, este publicado por ele em 1867.

⁸ No *BootCat*, *seeds* são as “sementes” ou palavras-chave, adicionadas em conjunto para que o programa possa realizar o procedimento de extração de *corpora* especializados e de termos, a partir de textos da *Web*, utilizando o buscador *Google* (<http://www.google.com.br>).

O primeiro passo foi selecionar os vocábulos da língua japonesa utilizados com mais frequência por descendentes, e também conhecidos por falantes do português, os quais seriam utilizados como bases, como por exemplo, *sushi*, *arigato*, *manga*, *origami*, *hashi*, *sake*⁹, dentre outras, muitas considerados empréstimos linguísticos para o português, contudo, sem que tenham perdido sua neologicidade. Após a busca com as palavras mencionadas, iniciamos o mesmo procedimento com outras palavras da língua japonesa, estas, por sua vez, menos conhecidas pelos falantes de português, mas comuns na fala de descendentes.

Depois de selecionadas as possíveis “bases”, as mesmas eram pesquisadas na ferramenta de busca do *Google*¹⁰ (Figura 1) de várias formas possíveis, incluindo o acréscimo de possíveis afixos da língua portuguesa às bases, e variações gráficas das mesmas (Figuras 2 e 3).

FIGURA 1 – Ferramenta de busca do *Google*



Fonte: www.google.com.br

⁹ Optamos por utilizar as palavras como grafadas pelo sistema *Hepburn*. Desconsiderando, em um primeiro momento, a grafia das palavras nos dicionários de língua portuguesa.

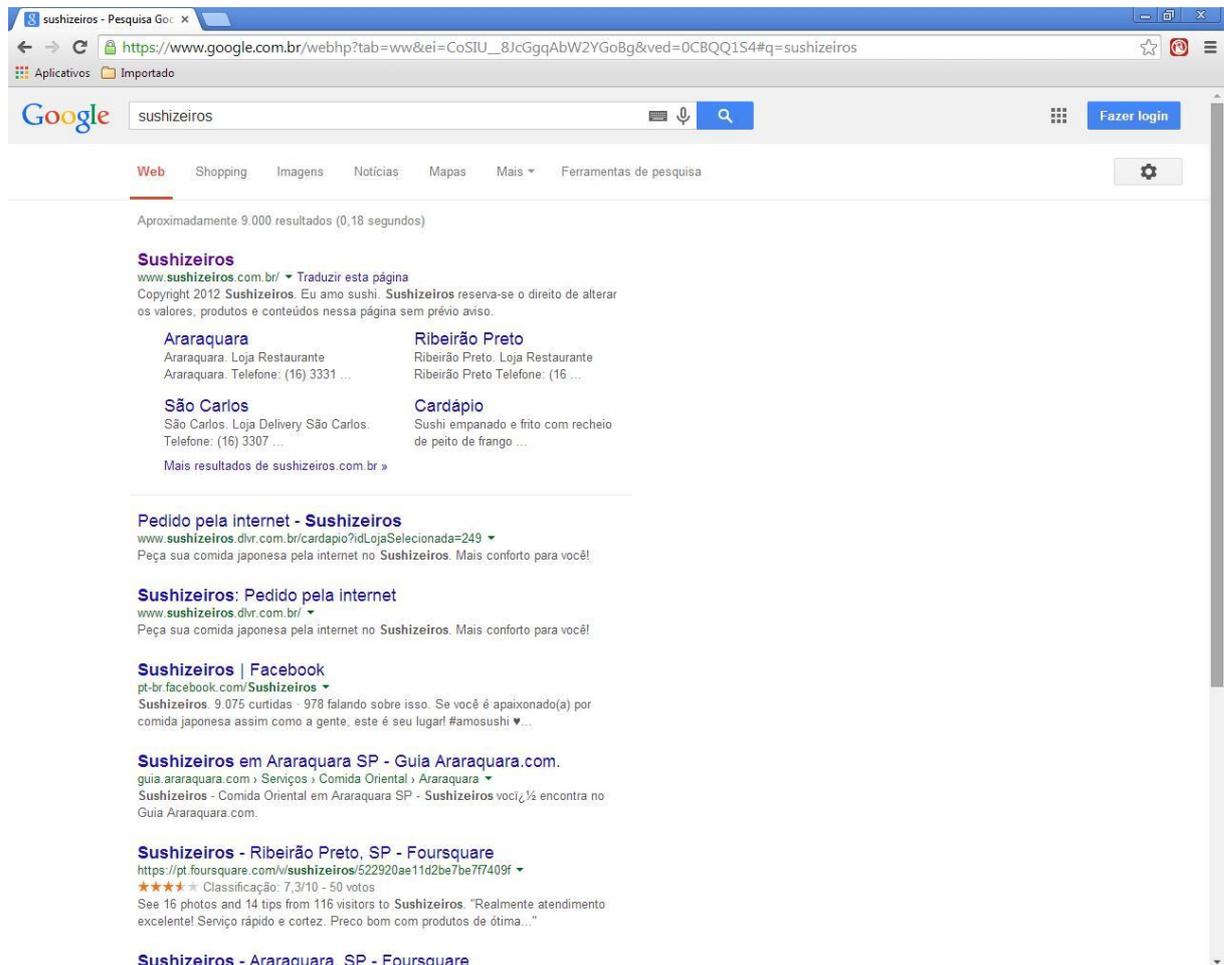
¹⁰ A escolha de realizar a pesquisa por meio da ferramenta de busca do *Google* se deu pelo fato de o mesmo ser a ferramenta de busca mais abrangente e completa encontrada na internet. O grau de confiabilidade dessa ferramenta varia, por esse motivo, selecionamos manualmente cada texto que comporia o nosso *corpus*, garantindo assim, a utilização de textos autênticos e representativos da língua japonesa. Essa busca foi baseada na técnica do extrator *BootCat*, anteriormente mencionado.

FIGURA 2 - Exemplo de busca com a palavra sushi + sufixo *-ada*

The screenshot shows a Google search for 'sushizada' in a browser window. The search bar contains 'sushizada' and the results show approximately 28,500 results found in 0.31 seconds. The results are categorized into several sections:

- Web:**
 - 2ª Sushizada da Time Out | Facebook**: <https://pt-br.facebook.com/events/24118322929697/>. Está a chegar o evento mais aguardado do Verão: a Sushizada da Time Out, 9 de Julho, no Lorosae - Praia de S. João da Caparica, em parceria com o Origami ...
 - Sushizada | Facebook**: <https://www.facebook.com/Sushizada> Traduzir esta página. Sushizada. 17 likes. Event Planning/Event Services.
 - 2ª Sushizada da Time Out | Facebook**: <https://pt-br.facebook.com/media/set/?set=a.10150249315639806...>. 2ª Sushizada da Time Out. De Time Out Lisboa - Atualizado: há mais de um ano. Tiradas em Lorosae Beach Club, 9 de Julho Praia de São João da Caparica.
 - Sushizada Time Out | Facebook**: <https://pt-br.facebook.com/events/103083509740829/>. Não perca a grande festa da "Sushizada". Mais uma vez o Origami Sushi Bar associa-se à Time Out e leva o melhor sushi de Lisboa à praia de Paço de Arcos ...
 - Sushizada Porto Alegre**: www.sushizada.com.br/. Sushizada é um site da comunidade Sushizadas de Porto Alegre onde seus integrantes podem visualizar todas as fotos das sushizadas que acontecem todos ...
 - Sushizada - Google Sites**: <https://sites.google.com/site/sushizada>. Olá! Bem-vindos à Sushizada! Somos quatro amigas e somos fãs de sushi. Assim, criamos a Sushizada para dar resposta ao apetite de todos os fanáticos por ...
- Imagens de sushizada**: Denunciar imagens. This section displays four image thumbnails: a plate of sushi, a poster for 'SUSHIZADA', a plate of sushi, and a poster for 'SUSHIZADA TIME OUT'.
- Mais imagens para sushizada**: A link to view more images.

Fonte: www.google.com.br

FIGURA 3 – Exemplo de busca com a palavra sushi + sufixo *-eiro*

Fonte: www.google.com.br

Passamos, nesse ponto, a utilizar o chamado “*sentimento de novidade*”¹¹ perante o vocábulo, um critério de natureza psicológica e primeiro passo para se atestar a neologicidade de uma palavra, contudo sem utilizá-la como único critério.

Perante os resultados das buscas, demos preferência aos vinte ou trinta primeiros sites/resultados nos quais a palavra estava contida. É possível observar o número de ocorrências/ resultados encontrados com a pesquisa da palavra, como mostram as figuras 2 e 3. A palavra “sushizada” tem aproximadamente 28.500 resultados (Figura 2), e “sushizeiros” aparece em aproximadamente 9.000 resultados (Figura 3). Logo após, por meio de uma rápida checagem, foram selecionados os sites considerados mais confiáveis e relevantes para os objetivos da pesquisa. Neste caso, o *Google* apresenta uma “prévia” do conteúdo da página,

¹¹ cf. GUILBERT, 1975.

logo após a ocorrência da palavra pesquisada (sempre em negrito), e o link para ela, facilitando a localização exata da palavra no contexto, como é possível observar nas Figuras 2 e 3.

Eram visados sites que tratassem de assuntos relacionados à língua e cultura japonesas. É importante ressaltar que foram aqui incluídas redes sociais, tais como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, *Fotolog*, e outros, pela característica de conter registros de linguagem informal, e por estarem entre os principais resultados na busca pelos neologismos, como é possível observar nas Figuras 2 e 3. Algumas ocorrências foram extraídas “ao acaso”, durante a busca / pesquisa na internet em contato com diversos textos, nos deparávamos com um possível caso de formação neológica, então a ocorrência era separada para uma futura análise, além disso, uma pequena parcela de dados foi obtida por meio de comunicação pessoal.

A partir dessa pesquisa inicial, foram listadas todas as ocorrências dos supostos neologismos, incluindo várias ocorrências de uma mesma palavra, porém em contextos diferentes, além de palavras que apresentavam apenas uma ocorrência (casos de *hapax*¹²).

Apesar de os extratores de *corpora* conhecidos e já mencionados utilizarem como critério de neologicidade de uma palavra a quantidade de ocorrências da mesma em um mesmo *corpus* (keywords), em instrumentos de análise como *WordList*, *Concord*, e *KeyWords*, encontrados no *WordSmith*, por exemplo, na nossa pesquisa este critério foi tido como irrelevante. Baseamos-nos neste momento, em pesquisas como de Ferraz (2007) e Gonçalves (2012), para as quais apenas uma ocorrência de um neologismo é o suficiente para categorizá-lo como tal.

O registro do neologismo invariavelmente está relacionado à escrita da língua falada, ou seja, aparece em textos e conversas mais casuais. Visto que o perfil dos falantes (que utilizam a internet) é considerado jovem, e que geralmente esse público (de descendentes ou não) não fala a língua japonesa fluentemente, resultando em um vocabulário mais restrito da segunda língua. É incontestável a capacidade de criação lexical dos mesmos, o que somente demonstra a criatividade linguística dos falantes, algo que não pode ser simplesmente ignorado.

Foram selecionadas, durante o período de quatro meses (junho, julho, agosto e setembro de 2013), 102 unidades lexicais candidatas a neologismos. E

¹² cf. Cap. 3, item 3.3.2., pg. 39.

considerados válidos os dados extraídos com registro datados entre os anos de 2005 a 2013, pelo fato de este ser um período em que a internet foi amplamente disseminada e as redes sociais tomaram grandes proporções, portanto, houve um aumento no número de usuários na internet no geral. Além disso, a escolha do período foi motivada pelos anos das publicações dos dicionários de língua utilizados durante a pesquisa¹³.

Após a seleção dos dados candidatos a neologismos, e suas respectivas fontes, o próximo passo foi atestar sua neologicidade por meio do critério psicológico de novidade lexical, seguido pelo critério de instabilidade formal, e por último, da observação do seu registro ou não em dicionários específicos de língua, ou seja, o uso do critério lexicográfico de exclusão (estes critérios serão descritos no cap. 3, item 3.2.). Confirmada a sua oficialidade, o vocábulo era excluído do rol de neologismos, porém catalogada como um possível caso de empréstimo ou estrangeirismo.

Após a checagem da neologicidade das unidades lexicais, foram arrolados 90 neologismos, excetuando-se unidades que já foram consideradas neológicas, e hoje se encontram dicionarizadas, ou seja, já fazem parte do léxico do português brasileiro.

1.2.4. MATERIAL DE ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS

Visando sistematizar e organizar os dados selecionados, utilizamos fichas lexicográficas baseadas nas fichas de terminologia de Faulstich (1995), as quais foram adaptadas para que o objeto da nossa pesquisa, no caso, o neologismo, fosse analisado, e os dados organizados de acordo com nossos objetivos. O modelo de ficha de Faulstich, amplamente utilizado como protótipo para o registro de termos em pesquisas socioterminológicas, é composto por dezesseis campos¹⁴, os quais não precisam ser fixos, pois a seleção dos campos dependerá dos objetivos da pesquisa. Selecionamos, da ficha de terminologia citada, apenas os campos necessários (alterando alguns termos) à análise do neologismo, visando

¹³ Cf. Cap. 1, item 1.2.4., pg. 26; e cap. 3, item 3.2., pg. 37.

¹⁴ Os campos indicados por Faulstich (1995) são: número; entrada; categoria gramatical; gênero; sinônimo; variantes (gráfica, lexical, morfossintática, socioprofissional, topoletal); área; subárea; definição; contexto; remissivas (hiperônimo; hipônimo; conceito conexo); equivalentes (inglês, espanhol, francês); nota(s); autor da ficha; instituição; data.

informações específicas, ou seja, modificando-a para uma ficha neológica ou lexicográfica, como o modelo a seguir:

Ficha [X]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto (s) de uso			
	Fonte(s)			

Na ficha aqui apresentada, temos o campo FICHA [x], que diz respeito à posição da unidade léxica, por ordem alfabética; o TERMO é a unidade léxica tal como graficamente encontrada no *corpus*; o campo da CLASSE GRAMATICAL refere-se à classe de palavras na qual o termo está inserido; no campo DEFINIÇÃO, é explicado o significado do termo, bem como da base (em geral, japonesa); a ANÁLISE LINGUÍSTICA indica o processo de formação lexical do termo; a FORMA(S) VARIANTE(S) traz as possíveis variações gráficas do termo; o campo CONTEXTO(S) DE USO se refere ao(s) contexto(s) específico(s) do qual o neologismo foi extraído; e por fim, a FONTE(S) apresenta o(s) local(is) (*link*) ou a(s) fonte(s) de informação do qual o termo foi extraído.

Abaixo, apresentamos um exemplo de ficha com a análise com dados neológicos.

Ficha [x]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Taikoenses	Substantivo	Em japonês, <i>taiko</i> significa “tambor”. Fora do Japão, <i>taiko</i> é o nome dado a determinados tambores japoneses utilizados em uma apresentação em ritmo de marcha. <i>Taikoense</i> (e suas variantes) designam a pessoa que pratica a arte do <i>taiko</i> , ou seja, aquele que toca <i>taiko</i> .	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo <i>-ense</i> , <i>-sense</i> , ou <i>-eiro</i> , para designar a pessoa que exerce a atividade relacionada na base. Dependendo do sufixo utilizado, há a inserção do <i>-z-</i> , como no caso de <i>taikozeiros</i> ; ou a retirada da última vogal da base < o >, como no caso de <i>taikeiros</i> .
	Forma(s) variante(s)	Taikosenses / Taikozeiros / Taikeiros		
	Contexto(s) de uso	“Milamanzano ligado 12/08/2007 ó os taikoenses! hahahaha! beijos		

	<p>..*”</p> <p>“my super best friens...pate...tate...loooooove you...x)bjooooousssss gordinhos taikosenses”</p> <p>“E aí Taikozeiros e simpatizantes de plantão!”</p> <p>“Pra finalizar, quatro taikozeiros (taikeiros, ah, tacadores de taiko, vai) fazendo pose. Tocar Oodaiko é legal demais!!!”</p>
Fonte(s)	<p>http://www.fotolog.com.br/super_god/28814987/</p> <p>http://www.fotolog.com.br/patitake/17025036/</p> <p>http://shyu-daiko.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html</p> <p>http://junpictures.blogspot.com.br/2011/10/japansul.html</p>

Em resumo, as criações lexicais encontradas foram organizadas em fichas baseadas em Faulstich (1995), as quais foram descritas e analisadas preferencialmente sob o viés dos pressupostos teóricos da Lexicologia e Neologia (BIDERMAN, 1978, 2001; ALVES, 1990; BASÍLIO, 1991; PILLA, 2002; KEHDI, 2007; CARVALHO, 2009, 2012; GONÇALVES, 2012; CORREIA E ALMEIDA, 2012).

Analisamos parâmetros referentes ao (a) tipo de neologismo, (b) tipo de base linguística, (c) tipo de processo na formação da unidade lexical, (d) função linguística do neologismo, (e) contextualização, (f) formas flexionais e variantes.

Adotou-se, nesta pesquisa, como *corpus* de exclusão lexicográfica, as últimas edições dos dicionários gerais de língua, ao quais abrangem o período de 2009 a 2014, sendo também considerados representativos do léxico do português brasileiro para o presente trabalho, a saber:

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. V.3.

Como *corpus* de exclusão lexicográfica da língua japonesa, utilizamos:

WAKISAKA, K. MICHAELIS: dicionário prático japonês-português. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2ª ed., 2012. 565 p.

CAPÍTULO II

RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, LÉXICO E VOCABULÁRIO

A língua é um fato social¹⁵, e como fato social, abarca todas as ideias, interesses e ocupações dos membros de uma sociedade. Ela acompanha as mudanças que permeiam uma comunidade de fala, ou seja, está diretamente associada à cultura, ideologias e crenças, transformações históricas, culturais e sociais. No centro desse conjunto de fatores, encontra-se o homem, influenciado pelo meio, e único responsável pela formação e transformação do léxico que utiliza. O ambiente age primeiramente no indivíduo, e não no coletivo, sendo assim, a língua, e mais precisamente, o léxico, são modificados por meio da visão de mundo e consequente atuação do homem na sociedade.

De acordo com Basílio (2013, p. 9), “a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação”, ou seja, ela permite registrar o conhecimento do universo, bem como permite que haja comunicação entre os seres humanos.

Ainda segundo a autora,

o papel do léxico está diretamente ligado a essa dupla função da língua. O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação. O qual fornece unidades básicas para a construção de enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (BASÍLIO, 2013, p. 9)

O responsável por esse tipo de categorização, como já dito, é o homem, o qual rotula e estrutura as entidades que o cerca, identificando, classificando, agrupando, reunindo os objetos. Deste modo, foi por meio desse processo de rotulação que surgiu o léxico das línguas naturais ou sistema classificatório. Ele foi gerado a partir de atos sucessivos de cognição da realidade e categorização da experiência, ou seja, da visão de mundo e cultura de cada povo, além de ter sido cristalizado por meio das palavras ou signos linguísticos, os quais reportam ao universo referencial (BIDERMAN, 2001).

¹⁵ cf. CALVET, 2002.

Toda língua existente no mundo, seja ela oficial ou não, possui certa necessidade natural de renovação lexical, de criação e incorporação de novas unidades ao léxico, por esse motivo, considera-se o léxico o único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto, que muda conforme o progresso técnico-científico, a integração dos povos, a frequência e intensidade das comunicações de massa e telecomunicações. É por meio da transformação do léxico que observamos as mudanças sociais de determinada comunidade, ele é o reflexo do ambiente físico e social dos usuários da língua, e, por sua natureza menos conservadora, sofre mudanças constantemente, sendo considerado o aspecto que mais influi sobre a língua.

No Dicionário de linguagem e linguística, Trask (2011, p. 155), define o léxico como “o vocabulário de uma língua. [...] o inventário total de palavras disponíveis aos falantes”. Definição semelhante é feita por Basílio (2013, p. 7), para a qual o léxico pode ser tradicionalmente definido como “o conjunto de palavras de uma língua”. Essa visão do léxico também é tida pelo que se chama de senso comum.

Contudo, o léxico vai além de um mero conjunto de palavras, ele possui estruturas que permitem a formação de novas unidades lexicais, bem como a aquisição de outras novas.

Complementando o pensamento, para Trask (2011, p. 155),

“é muito comum que o léxico não seja entendido apenas como uma longa lista de palavras. Ao contrário, concebemos o léxico como um conjunto de recursos lexicais, que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos”.

Dessa forma, existe o léxico externo (conjunto de palavras da língua), e o léxico mental (conjunto de padrões estruturais). Este último permite que o sistema linguístico seja utilizado em sua totalidade, por meio de padrões linguísticos ativados pelo falante em caso de necessidade, como por exemplo, nas criações neológicas.

Restringindo, o léxico encontra-se dentro da língua, e dentro do léxico encontra-se o chamado vocabulário. Os termos léxico e vocabulário são corriqueiramente utilizados como sinônimos, porém, como apresentado, o léxico é consideravelmente mais amplo. O vocabulário é mais restrito, abrange as palavras

que integram uma determinada área do conhecimento (como a medicina ou informática), e não a totalidade delas em uma língua, que é o caso do léxico.

Genouvrier e Peytard (1974) ainda dividem o léxico em global e individual. O global abrange todas as palavras de uma língua, e o individual, refere-se a todas as palavras conhecidas por um falante. Dependendo do contexto discursivo, o falante abre mão de um determinado leque de palavras, ou seja, emprega um determinado vocabulário. Ele pode utilizar de diferentes vocabulários (conjuntos de palavras) empregando-os em diferentes situações linguísticas (familiar, profissional, etc.) O vocabulário então está inserido no léxico individual de um falante, e este, por sua vez, encontra-se inserido no léxico global de uma língua.

A relação entre língua, léxico e vocabulário pode ser observada no seguinte esquema:



Para que uma língua continue a existir, é preciso que ela continue sendo usada como meio de comunicação (oral ou oral e escrito), caso contrário, o sistema lexical da língua se cristalizará, ou seja, ela não mais evoluirá, e poderá cair em desuso. A não utilização de uma língua implica no seu desaparecimento, Crystal (2005) afirma que uma língua morre quando a penúltima pessoa que a fala morrer, pois a última não terá mais como se comunicar, ou quando a comunidade falante perde o interesse em preservá-la, substituindo-a por outra de maior prestígio, como em situações de assimilação cultural. A língua só perdura se foi de alguma forma registrada, o que infelizmente não aconteceu com a maioria das línguas já extintas. Em resumo, se a língua continuar servindo como meio de comunicação, seu léxico inevitavelmente continuará se expandindo por meio da criação de novas palavras ou ressignificações das existentes. Essas criações ou ressignificações podem ser denominadas neologismos. Os quais serão estudados em capítulo posterior.

CAPÍTULO III

NEOLOGIA, NEOLOGISMOS E TIPOS DE NEOLOGISMOS

Neste capítulo, citamos alguns conceitos relacionados às definições de neologia e neologismo, além dos principais tipos de neologismos existentes na língua portuguesa brasileira, e analisados pelas teorias de formação neológica, a saber, o neologismo formal (que abrange os neologismos fonológicos, sintáticos e sintagmáticos), o neologismo conceitual (ou semântico) e os neologismos por empréstimos (casos de hibridismo, estrangeirismos e o chamado decalque). Trabalhamos, sobretudo, com os estudos dos principais teóricos da lexicologia da língua portuguesa (ALVES, 1990; BASÍLIO, 1991; BARBOSA, 1998, 2000; PILLA, 2002; CARVALHO, 2009, 2012; GONÇALVES, 2006, 2012).

3.1. NEOLOGIA

A renovação do léxico pode ocorrer a partir da utilização de diversas regras e estratégias linguísticas presentes em determinada língua. O falante, como usuário da língua, possui a capacidade de utilizar das regras de construção linguística para criar palavras possíveis de existirem. Esse processo contínuo de criação e renovação linguísticas é nomeado *neologia*. Contudo, há outra acepção para neologia: o estudo do processo de criação neológica. Adotaremos neste trabalho os dois conceitos.

Em uma definição clara e sucinta, a neologia diz respeito, citando Alves (1990, p. 5), “ao processo de criação lexical” [...]. Já “o elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*”.

O mesmo define Ferraz, quando diz que a neologia refere-se ao “processo linguístico que consiste em produzir formas e significados inéditos no léxico de uma língua¹⁶”. A autora seleciona três mecanismos existentes para a incorporação de novas unidades no léxico, a saber,

¹⁶ FERRAZ, 2007, p. 54.

a) Neologia formal – a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico; b) Neologia semântica – a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes; c) Neologia de empréstimos – a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua¹⁷.

Já para Carvalho (2012, p.11), a “neologia lexical é o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento, num momento dado da história da língua”. É também considerada uma modificação constante e regular, “prevista” pelo sistema linguístico. A neologia, segundo a autora, está ligada diretamente ao contexto sociolinguístico, bem como à capacidade e criatividade linguística do falante.

Correia e Almeida (2012) adotam os dois conceitos. Segundo as autoras, a neologia pode tanto ser entendida como a capacidade natural de renovação do léxico, por meio dos chamados neologismos, bem como o estudo dos mesmos, ou seja, a ciência que estuda os processos de criação desses mesmos neologismos.

A neologia, como estudo e produção, pode estar relacionada aos vários níveis de análise linguística, como propõe Alves (2007) citando os níveis fonológico, morfossintático, semântico e textual. A Neologia, quando relacionada ao nível fonológico, ou seja, à Fonologia, permite a criação dos neologismos fonológicos, tais como, criações *ex-nihilo* e onomatopeias. Da relação entre a Neologia, a Morfologia e a Sintaxe, têm-se os chamados neologismos sintáticos, formados pelos processos de derivação e composição. A Neologia relacionada à Semântica, como previsto, produz os neologismos semânticos, resultantes da atribuição de novos significados a um significante pré-existente. Por fim, quando relacionada ao Texto, a Neologia se faz presente nas relações metalinguísticas encontradas em excertos textuais.

Em relação ao estudo da neologia propriamente dita, de acordo com Guilbert (1975 *apud* PILLA, 2002, p.15), “uma das maneiras de estudar a neologia, consiste em coletar e descrever um conjunto de neologismos surgidos em um determinado período da vida da língua de uma dada comunidade e ainda não-dicionarizados”. É nesse viés que baseamos a presente pesquisa, ou seja, visando os candidatos a neologismos na época atual, período este, compreendido entre os anos de 2005 a 2013.

¹⁷ FERRAZ, 2007, p.54-55.

Atualmente existem diversos centros de pesquisa e projetos voltados ao estudo sistemático dos neologismos do português e demais línguas românicas, no Brasil e em países da Europa, principalmente. Alves (2006) faz um levantamento dos estudos sobre a neologia lexical, baseados em diversos *corpora*, a partir do século XX, período em que tais estudos tornaram-se mais frequentes.

Merece destaque a iniciativa do Professor Bernard Quemada, que, na década de 60, criou o primeiro observatório de análise neológica, o *Laboratoire d'Analyse Lexycologique do Centre d'Etude do Vocabulaire Français*, na França. A partir dessa iniciativa, diversos outros projetos foram postos em prática na Europa. No Brasil, Alves cita a implementação em 1988, do TermNeo (Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil), o qual objetiva contribuir com as pesquisas neológicas lexicais do português contemporâneo. Segundo a autora,

desde 1993, o Observatório realiza a coleta sistemática da neologia da língua comum, não-especializada, cujos resultados são registrados na *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* (doravante Base). Nesse projeto, um *corpus* constituído pelos jornais *Folha de S.Paulo (FDS)* e *O Globo (G)* e pelas revistas *IstoÉ (IE)* e *Veja (V)*, observados por amostragem (um veículo por semana), tem propiciado a coleta de neologismos de caráter vernáculo e estrangeiro. (ALVES, 2006, p.132)

O neologismo então, entendido como o produto da neologia, segundo Alves, está “fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical¹⁸”.

Passemos então às definições do chamado *neologismo*.

3.2. NEOLOGISMOS

Os neologismos, como conceituados anteriormente, são a essência para a renovação e ampliação do repertório lexical de um falante. Tomamos por neologismo nesta pesquisa, toda aquela palavra incorporada no uso da língua portuguesa recentemente¹⁹, seja ela criada, formada, resignificada ou emprestada.

¹⁸ ALVES, 2006, p.132.

¹⁹ Tendo por base o período de extração dos neologismos, que abrange os anos de 2005 a 2013.

As criações lexicais podem ser formadas por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos (ALVES, 1990). Dessa forma, os neologismos, também denominados de *grandezas-signos*²⁰, refletem e estão intimamente ligados às necessidades sociais de determinado grupo social. São vistos como instrumentos de uma ideologia, de uma época, da visão de mundo de um grupo.

Nas palavras de Pilla, a renovação do acervo lexical

pode constituir-se por itens provenientes de outros sistemas linguísticos - traduzidos ou não (decalques e estrangeirismos ou empréstimos) -, associações arbitrárias de sons (criações do nada, siglas estrangeiras e nacionais), associações não-arbitrárias (onomatopeias ou outras palavras motivadas) ou mutações de sentido (neologismos semânticos). (PILLA, 2002, p.13)

Ainda de acordo com a autora, a definição de neologismo deve seguir critérios específicos, tais como o morfológico, semântico ou cronológico, dependendo do âmbito em que se encontra o neologismo, e o estudo do mesmo.

Correia e Almeida definem o neologismo como sendo

uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento. Desse modo, pode ocorrer que uma palavra, caída em desuso numa determinada época, seja retomada noutra época posterior, passando a ser sentida como neológica pelos falantes, que a desconhecem. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.22)

Seguindo a mesma linha de pensamento das autoras anteriormente citadas, quanto à definição do neologismo, Carvalho acrescenta que,

os neologismos já foram considerados como um fenômeno apenas retórico e gramatical. Passaram então a ser estudados sob o viés “da dinâmica da criatividade”, [...], pois “o neologismo é ao mesmo tempo uso da língua e subversão, reconhecimento e transgressão da norma. Criar palavras novas supõe um domínio da língua suficiente para poder enriquecer as estruturas existentes”. (CARVALHO, 2012, p.12-13)

É o falante, com sua capacidade linguística e mental, que permite que o léxico de sua língua se renove, utilizando da sua criatividade linguística para

²⁰ BARBOSA, 2000.

“brincar”²¹ com as regras da língua, num jogo de criar, construir, recriar e reconstruir palavras e expressões linguísticas, trazendo um sentimento de novidade para o que já se encontrava desgastado, ou seja, repaginando o seu acervo lexical.

Carvalho (2006) traz a definição de Bastuji (1979) sobre neologismo:

todo neologismo é um processo em dois tempos: criação individual que requer atividade enunciativa de um sujeito identificado ou não, e depois difusão social, onde a unidade é retomada em novos discursos, ou onde ela aparece como citação e depois se dilui no uso de um grupo ou da massa falante. A lexicalização realiza uma economia de mensagem, fixa a mobilidade combinatória em unidade sincronicamente estáveis e assegura uma codificação social dos objetos e conceitos. (BASTUJI, 1979 *apud* CARVALHO, 2006, p. 193)

As criações neológicas, na maioria das vezes, amparadas e criadas a partir de palavras já existentes, enriquecem o léxico com informações e conceitos novos, como que uma “reciclagem” da língua, uma “customização” lexical, das palavras, termos e expressões. Essa “reciclagem” linguística surge da necessidade de o falante nomear novos objetos e fatos, é a clara expressão da criatividade e capacidade linguística do ser humano. O sistema precisa ser revitalizado, ou seja, a língua é praticamente forçada a evoluir com a sociedade.

Para Basílio (2013, p.10), o léxico é “ecologicamente correto”, porque utiliza na sua expansão, os processos de formação de palavras a partir de material existente. Isso tudo para não sobrecarregar o sistema linguístico e a memória, garantindo a comunicação automática.

Os neologismos incorporados às línguas podem ser classificados de acordo com características estruturais que apresentam. Biderman (1978) classifica-os em dois tipos, são eles: o neologismo conceptual e o neologismo formal. Segundo a autora, o primeiro está relacionado à ampliação de um campo semântico por meio de novas acepções a um determinado significante, ou seja, uma mesma palavra pode ter a ela incorporadas diversas significações, e, por sua vez, ser utilizada em diversos campos do conhecimento.

²¹ A afirmação de que o falante brinca com as palavras pode ser observada no *corpus* da nossa pesquisa, no qual algumas palavras ou neologismos aparecem *entre aspas*, ou seja, colocadas dessa maneira pelos próprios falantes, a fim de reiterar que aquela palavra é uma construção nova. O que permite ao falante “brincar” com as palavras é o fato de o contexto linguístico ser informal, ou seja, a produção se dá devido à informalidade.

O segundo, o neologismo formal, refere-se a uma nova palavra adicionada à língua, podendo ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro (formais e conceptuais). Como termos vernáculos, temos as lexias simples e complexas, as expressões idiomáticas e as gírias. Neles estão inclusos os anglicismos (com maior expressividade na língua portuguesa), galicismos, italianismos, niponismos, dentre outros. Formalmente, há três tipos de estrangeirismos: o decalque (tradução literal), o estrangeirismo adaptado fonética e ortograficamente, e o estrangeirismo incorporado ao léxico com sua fonética e grafias originais. Os tipos de neologismos citados serão detalhados e exemplificados posteriormente.

Reiterando, os neologismos surgem a partir da necessidade de uso por parte do falante, a qual acontece por diversas razões, em determinado momento da história da língua, dentro de situações específicas. Como afirma Barbosa (1998, p.35), “é no ato da fala que se dá a criação neológica, embora os modelos de estrutura sejam fornecidos pelo sistema”. Todo ato de fala é caracterizado pela exclusividade, é inédito, e jamais repetido. No caso da neologia lexical, advinda da linguagem oral ou escrita, a exclusividade é duplicada, pois tem também uma significação inédita.

De acordo com Barbosa,

há vários momentos importantes na criação no neologismo: a) o instante mesmo de sua criação; b) o momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural; c) o momento em que começa a dar-se a sua desneologização. (BARBOSA, 1998, p.35)

Depois de criado, em âmbito individual, o neologismo passa pelo crivo coletivo, é nesse momento que se dá a sua recepção e aceitação como unidade lexical válida, e seu emprego nos demais atos de enunciação. Se não for aceito pela comunidade falante, e memorizado pelos usuários, corre o risco de entrar em desuso, de desaparecer. Nas palavras de Carvalho (2000, p.198), “muitos neologismos cairão no esquecimento e não serão mais lembrados; outros, dentro de algum tempo, não mais serão percebidos como tal”.

Se nesse processo ocorrer o contrário, ou seja, o neologismo não vir a desaparecer, e as ocorrências de seu uso aumentarem regularmente, acarretando a

diminuição da “consciência da neologicidade²²”, como citado por Barbosa, o neologismo em questão tende a se desneologizar, última etapa da sua existência. Nessa etapa, “o neologismo integra-se a uma norma, torna-se lexia memorizada na competência de um grupo de falantes, efetiva, disponível para atualização; por vezes, integra-se à norma geral, do conjunto dos sujeitos falantes-ouvintes do idioma²³”.

A respeito desse grau de memorização, Ferraz (2007, p.55) também ressalta que “a entrada no sistema da língua é formalmente marcada quando essas unidades lexicais são registradas em dicionários de língua, o que caracteriza também a sua desneologização”.

Sobre dos dicionários de língua, Biderman afirma que,

[...] o dicionário como depositário físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo, que as recolhe e preserva, às vezes, por séculos. O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral. Ou seja: o vocábulo novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua. (1978, p.16)

Assim, por meio desse dicionário de língua, pode ser atestado se uma determinada unidade lexical é considerada ou não um neologismo. “Por via de regra, para apurar se uma palavra pode ou não ser marcada como neológica, toma-se por universo de exclusão um conjunto de fontes, o mais amplo possível, de um dado momento epocal”. (RIO-TORTO, 2007, p.25).

Para que uma unidade lexical seja considerada neológica, não basta utilizar o critério de natureza psicológica, ou seja, o sentimento de novidade em relação ao neologismo, ou até mesmo o critério de instabilidade formal, o qual, de acordo com Correia e Almeida (2012) abrange a natureza morfológica, fonética e ortográfica da unidade. É preciso, além de tudo, atestar a sua neologicidade por meio de critérios mais objetivos, científicos, ou seja, averiguar se a unidade lexical “está ou não registrada nos dicionários representativos do estado da língua em questão²⁴”.

Levando em consideração os principais critérios de identificação de um neologismo, o diacrônico, o semântico, o psicológico, o morfológico e o lexicográfico,

²² BARBOSA, 1998, p.36.

²³ *Ibidem*, p.37.

²⁴ CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22.

ressalta-se que adotamos na presente pesquisa, os dois últimos critérios, ou seja, de exclusão lexicográfica, complementando com o de instabilidade formal da unidade lexical.

O critério lexicográfico, dentre todos, é o mais preciso, porém, não completo, pois como sabemos, é virtualmente impossível que um dicionário de língua arrole todas as palavras de uma língua, e as possíveis candidatas a tal, e esteja ao mesmo tempo totalmente atualizado²⁵. Além disso, há dicionários que arrolam determinadas unidades lexicais como neologismo (abreviado como *neol.*), assim, a simples verificação da presença ou não da palavra em determinado dicionário não é um critério por si só completo para atestar a sua neologicidade.

Diante disso, acrescentamos também o critério de instabilidade formal, além do psicológico (utilizado na primeira etapa da pesquisa), e como *corpus* de exclusão lexicográfica, as últimas edições dos dicionários gerais de língua, supracitados, estes considerados representativos do léxico do português brasileiro no decorrer do trabalho.

3.3. TIPOS DE NEOLOGISMOS

3.3.1. NEOLOGISMOS FONOLÓGICOS

As criações de neologismos fonológicos exigem do falante um elevado uso de sua criatividade linguística, pois, por se constituírem por uma inovação lexical, uma novidade, podem dificultar a compreensão do significado da unidade léxica. Não basta que o elemento recém-criado esteja de acordo com o sistema da língua, é preciso que a comunidade linguística decodifique e interprete a unidade léxica criada, para que ela possa garantir uma comunicação efetiva, e de fato, adentrar no léxico da língua. Os exemplos abaixo foram retirados de Alves (2007, p. 80):

- (1) *Anglo-sexônica* (criação analógica à palavra *anglo-saxônica*),
- (2) *Zilionário* (criação analógica à palavra *milionário*).

²⁵ Sabe-se que os dicionários não são atualizados anualmente. Há um espaço de tempo considerável entre uma atualização e outra, no geral, de aproximadamente cinco a dez anos. O Dicionário Aurélio da língua portuguesa aqui utilizado, data de 2010, em sua 5ª edição. A edição anterior do mesmo data de 2004, e anterior a esta última, de 1999.

Nos exemplos (1) e (2), as criações lexicais *anglo-sexônica* e *zilionário*, fazem analogia às palavras *anglo-saxônica* e *milionário*, respectivamente. Em ambos os casos, há apenas a alteração de fonemas, o que ocasiona a nova lexia. Neste caso, foram criadas com base em outras unidades lexicais já existentes.

Outro tipo de neologismo considerado fonológico é o chamado *ex nihilo* (ALVES, 2007; CORREIA, ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2012). Trata-se de um neologismo criado com base em radicais totalmente inéditos, sem qualquer tipo de motivação, e como tal, extremamente raro em todas as línguas do mundo.

Tal como o meio de criação, raros também são os exemplos. Geralmente, na língua portuguesa, os mesmos constituem-se por importações, a exemplo,

(3) *Kodak*

(4) *Gás*

O primeiro (3) trata-se de uma marca de produtos e serviços relacionados à fotografia. O último, o termo *gás* (4), considerado por muito tempo como criação inédita, foi dada como originária da palavra grega *khaos*, segundo Guilbert (1975, *apud* Alves, 2007, p. 80).

Gonçalves (2012) descreve em seu trabalho os fenômenos considerados inovadores na morfologia do português, e nesse contexto, caracteriza as criações *ex nihilo* como menos interessantes que as demais, porém dignas de nota. Ao molde de outros autores, ele também classifica os *ex nihilo* (por ele denominados *criações de raiz*) como extremamente raros, pois é difícil cunhar uma palavra sem ativação de qualquer processo morfológico ou semântico. Como exemplos, o autor traz alguns adjetivos considerados depreciativos, a saber,

(5) *Catilanga*

(6) *Mocreia*

(7) *Baranga*

Os exemplos em (5), (6) e (7), são utilizados em referência a mulheres desprovidas de atributos físicos, e retirados, pelo autor, da letra do *funk* “Melô da mulher feia”, de *Mc Marlboro*.

As onomatopeias também constituem neologismo do tipo fonológico. Acerca dessas criações, geralmente presentes em histórias em quadrinhos, Alves (1990),

afirma que são, assim como os *ex nihilo*, baseadas em significantes inéditos, ou seja, que ainda não existem no léxico. Todavia, esse tipo de formação não é totalmente arbitrário, já que está ancorado na relação entre a unidade lexical e o ruído ou grito que pretende representar.

Barbosa (2000), também comenta esse tipo de criação em um trabalho que traz os tipos e graus de motivação dos signos (neológicos e não-neológicos). Em uma escala de +motivação e -motivação, a autora situa, em escala decrescente, as chamadas palavras expressivas (ganido), as de harmonia imitativa (suspiro) e harmonia sugestiva (tristeza).

3.3.2. NEOLOGISMOS SINTÁTICOS

Segundo Alves (1990), os neologismos sintáticos são formados por meio da combinação de elementos linguísticos já existentes no sistema da língua, por essa razão, não necessitam advir de criação inédita, como acontece com os neologismos fonológicos. Tais neologismos são denominados sintáticos, pois a combinação dos elementos vai além do âmbito lexical, ela pode alterar a classe gramatical da palavra utilizada como base, e, além disso, possui caráter coordenativo e subordinativo.

Os neologismos sintáticos, os mais recorrentes nas línguas, podem ser formados pelos processos de derivação, divididos em derivados prefixais, sufixais, prefixais e sufixais, e parassintéticos; ou por composição por justaposição, por aglutinação e siglagem ou acronímia, processos estes, considerados altamente produtivos na língua portuguesa, há também casos de *hapax legomenon*²⁶ e analogismos. Todos os processos envolvidos serão descritos posteriormente.

Como exemplos de neologismos deste tipo, podemos citar as palavras:

- (8) *Autoassistência* e *antimáfia* (derivados prefixais, por *sem-* e *in-*)
- (9) *Argentinização* e *favelização* (derivados sufixais, por *-ção*)
- (10) *Apalhaçar* (derivado parassintético, por *a-* + *-ar*)
- (11) *Média-metragem* e *hotel-fazenda* (justapostos)
- (12) *Boquiaberto* e *carreata* (aglutinados);

²⁶Expressão grega que significa “dito uma só vez”. Segundo Gonçalves (2012, p.172), esses tipos de neologismos são mais frequentes na linguagem literária, formadas muitas vezes por questões estilísticas.

- (13) *AIDS* e *INSS* (siglas)
- (14) *Chuvadeira* e *chuvadonha*²⁷ (hapax legomenon)
- (15) *Lista branca* (analogia à lista negra)

3.3.3. NEOLOGISMOS SINTAGMÁTICOS

As formações sintagmáticas podem ser basicamente compreendidas como unidades compostas por mais de um elemento lexical, ou seja, por uma sequência lexical, que assumem caráter fixo, e podem ser utilizadas em função do significado de uma só palavra já existente.

Nesse sentido, Alves (1990, p. 50) afirma que a composição sintagmática ocorre “quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade”.

Um sintagma começa a ser lexicalizado quando passa a não ser mais estranho ou causar dúvida aos falantes, quando não admitir a inserção de outro elemento em sua formação, ou quando seus elementos assumirem caráter fixo, não podendo ser substituídos. Na fase de lexicalização, a formação sintagmática geralmente não aparece com hífen.

São exemplos de neologismos sintagmáticos:

- (16) *Inclusão digital*
- (17) *Dedicação exclusiva*
- (18) *Vidro elétrico*

3.3.4. NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS

Os neologismos semânticos, ou conceituais / conceptuais, como denominados por Carvalho (2000, 2006), referem-se a mudanças de significados em determinado item lexical, sem que haja especificamente uma mudança na estrutura da palavra, neste sentido, Alves (1990, p. 62), afirma que “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical, ocasiona a criação de um novo elemento”.

²⁷ Do poema *Caso pluvioso*, de Carlos Drummond de Andrade. (In: GONÇALVES, 2012, p. 172).

Nas palavras de Carvalho (2000, p.194), o neologismo conceitual “é um novo sentido adquirido por um termo em sua evolução semântica”. Ainda de acordo com a autora, o neologismo conceptual é resultado do fenômeno da economia linguística, ou seja, surge da necessidade comunicativa, esta, marcada pela “inércia memorial e articulatória” por parte do falante, impedindo qualquer inovação no neologismo, além da mudança de sentido.

A criação de um neologismo semântico é resultado da capacidade linguística consciente do falante, podendo ocorrer de diversas formas, como na mudança no conjunto dos semas relacionados a um determinado item lexical, atribuindo novos significados ao elemento, por analogia, por generalização, pela passagem de um termo da língua específica para a geral, pela criação de gírias, etc. Esses neologismos podem surgir por meio da metáfora, metonímia, sinédoque, processos muito comuns na linguagem publicitária e literária, por conta da sua grande capacidade expressiva.

O neologismo semântico é muito comum na língua, pois a maioria dos significantes da língua possui mais de um significado, ou seja, são polissêmicos. Geralmente, os lexemas monossêmicos se restringem a vocabulários técnicos, nos quais devem ser evitados os termos polissêmicos, de vários significados, pois podem gerar outras interpretações.

Podemos tomar como exemplos de neologismos semânticos atuais na língua portuguesa, as palavras em (19) e (20).

(19) *Torpedo* (designando mensagem eletrônica por celular)

(20) *Ficar* (gíria, designando relacionamento curto e sem compromisso)

O processo de criação semântica é altamente produtivo na língua portuguesa, contudo, a sua difusão depende da sua efetividade na comunicação, e seu papel dentro de um contexto sociolinguístico. A difusão de tal neologismo pode conduzir à inserção dos novos significados nos dicionários de língua.

3.3.5. ESTRANGEIRISMOS

Um estrangeirismo consiste basicamente em uma palavra de determinada língua estrangeira empregada a um sistema linguístico distinto, ou seja, é um item

lexical novo, mas não criado, que não faz parte do léxico da língua que a adota. Incide na primeira fase do processo de importação de palavras de outros sistemas linguísticos, quando ele ainda é “sentido” como estrangeiro aos falantes.

Geralmente referem-se a contextos ou situações que constituem e retratam a cultura da língua da qual advém. É um tipo de neologismo muito comum em vocabulários técnicos, tais como informática, esportes, economia, culinária, etc., nos quais é mais prático e fácil utilizar o termo, sem alteração no significado e significante, ao invés de traduzi-lo.

Para Carvalho (2000), no processo de adoção do item lexical, o estrangeirismo adquire várias características. A primeira etapa consiste da aceitação, fase em que o estrangeirismo é definido como *peregrinismo*. Caso o termo importado continue na sua grafia original, será denominado *xenismo*, muito comum nas terminologias da informática e publicidade. Como exemplos, a autora cita:

(21) *Show*

(22) *Marketing*

Podemos citar também estrangeirismos advindos da língua japonesa, tais como:

(23) *Sushi*

(24) *Bonsai*

(25) *Hashi*

Correia e Almeida propõe uma clara distinção entre estrangeirismo e empréstimo. O estrangeirismo

denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que “empréstimo” denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, que foi aportuguesada. (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 71)

Com o advento da globalização, a adaptação de termos estrangeiros ao sistema da língua, e a incorporação dos mesmos ao léxico tem se tornado comum, no caso da língua portuguesa contemporânea, a maioria dos termos advém da

língua inglesa e francesa, e muitos deles já se encontram dicionarizados, ou seja, formalmente, já fazem parte da língua, e nesse caso, passam a ser denominados empréstimos linguísticos.

É sabido que, com o avanço de específicas áreas do conhecimento, o léxico se expande, adquirindo mais palavras, por meio de empréstimos lexicais, ou seja, pela importação de palavras de outra língua. Essas palavras ou termos técnicos são geralmente internacionalizados, ou seja, possuem a mesma significação e, por vezes, grafia, em várias línguas do mundo, considerados assim, estrangeirismos.

3.3.6. EMPRÉSTIMOS

A neologia por empréstimo ocorre quando um determinado termo passa da linguagem técnica ou especial para a geral, dentro da própria língua (empréstimo interno), ou quando o item lexical de uma língua estrangeira se integra a língua que o recebe, e passa a ser codificada por ela (empréstimo externo). Neste caso, é basicamente um estrangeirismo adaptado à língua receptora. Os empréstimos, também denominados por Barbosa (2000) de neologismos aloenéticos, podem ser palavras, expressões ou conteúdos semânticos adquiridos de outra língua. A quantidade de empréstimos utilizados em determinada área do conhecimento, tende a refletir o contexto político, social e econômico de determinado grupo ou contexto social.

Além de considerar, assim como Barbosa (2000), o empréstimo como uma espécie de adaptação de uma palavra ao sistema linguístico de uma língua, Carvalho (2000), caracteriza o empréstimo como sendo cultural ou íntimo. Íntimo quando advém do contato diário e direto entre populações aloglóticas, como no caso de línguas de contato; e cultural quando advém de outro país cuja cultura e língua são distintas.

Esse tipo de neologismo pode ser adaptado graficamente, morfológicamente ou semanticamente para o sistema linguístico da língua que a adota. Alves (1990) afirma que a incorporação ortográfica do item lexical ao outro sistema linguístico não é uma regra, por vezes, a forma gráfica original concorre com a forma adaptada à língua. Também coloca que morfossintaticamente, a integração à língua ocorre quando o empréstimo começa a gerar derivados e compostos. Outro fato que ocorre com os empréstimos, é que os mesmos chegam à língua como unidades

monossêmicas, e com o tempo, passam a adquirir novos significados, tornando-se polissêmicas, característica dos termos neológicos.

Como exemplos de empréstimos linguísticos advindos da língua japonesa, podemos citar:

- (26) *Saquê* (*Sake* em japonês)
- (27) *Caraoquê* (*Karaoke* em japonês)
- (28) *Caratê* (*Karate* em japonês)

As unidades lexicais em (26), (27) e (28) competem com a forma original da palavra, como afirma Alves (1990, p.77).

3.3.7. HIBRIDISMOS

Quando partimos para a classificação dos empréstimos, levando em consideração a sua origem, podemos nos deparar com os casos de hibridismo. O hibridismo lexical remete a um vocábulo formado por elementos lexicais provindos de línguas diferentes, e pode ser formado por meio dos processos de derivação ou composição. De acordo com Kehdi (2007), na língua portuguesa, são comuns os compostos de elemento grego com elemento latino, como exemplos, podemos citar:

- (29) grego (auto) e latim (movel): *automóvel*
- (30) latim (socio) e grego (logia): *sociologia*

Além das combinações entre grego e latim, há também outros tipos de hibridismos relacionados a outras línguas, dentre os quais, há:

- (31) árabe (álcool) e grego (metro): *alcoômetro*
- (32) francês (bureau) e grego (cracia): *burocracia*
- (33) grego (tele) e português (visão): *televisão*
- (34) tupi (goiab) e português (eira): *goiabeira*

De certa forma, a gramática tradicional condena a formação lexical híbrida, pelo fato de considerarem apenas os elementos já existentes na língua. Mas a língua é modificada e construída pelo povo, por meio da fala. E os falantes não sentem qualquer aversão ao uso dos hibridismos. Diante disso, segundo Carvalho (2009, p. 61), “para “fingir” que os fatos da língua precisam de seu consentimento”, os gramáticos passaram a aceitar os hibridismos quando os elementos híbridos são sentidos como vernáculos, ou quando os compostos já existem na língua com significação distinta. No primeiro caso, de elementos sentidos como vernáculos, os exemplos trazidos são:

- (35) tupi e português: *cajazeira*
- (36) inglês e português: *futebolístico*
- (37) latim e francês: *videocassete*

Exemplos do segundo caso são:

- (38) latim e grego: *decímetro* e grego: *decâmetro*
- (39) grego e latim: *automóvel* e grego: *autômato*

Ferraz (2007), em um trabalho de coleta e análise de neologismos na propaganda impressa entre os anos de 2003 e 2004, traz casos de hibridismos em diferentes estruturas, tais como,

o derivado criado a partir de uma base estrangeira por meio de afixo, como também o cruzamento vocabular (**caipiclight, caipiorloff, caipivodka, infoline**), a composição (**berço-camping, gás-stop, samba-rock**) e a formação sintagmática (**Belô beer fest, feira chop. filé grill, frango-grill, stand de vendas**). (FERRAZ, 2007, p. 62, grifos do autor).

Podemos também citar casos do japonês e português, como os exemplos abaixo:

- (40) *Caipisakê*
- (41) *Hashitag*

Em (40) temos a mesclagem lexical de *caipirinha* e *sakê*; e em (41), temos *hashi* e *hashtag*, o qual pode ser tratado como analogia.

3.3.8. DECALQUES

O decalque, como apresentado por Alves (1990 p. 79), “consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora”. De acordo com a autora, o decalque costuma “rivalizar” com a expressão da qual adveio.

Correia e Almeida (2012, p.73), consideram o decalque “uma das formas mais radicais de adaptação semântica à língua de chegada”. Para elas, o decalque preserva o mecanismo semântico de origem, geralmente, uma metáfora, como no caso de “*cogumelo atômico*, do inglês *atomic mushroom* (nuvem em forma de cogumelo, originada por uma explosão nuclear)” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.74).

Para Carvalho (2009), acontece no momento de adoção do objeto, termo ou conceito de uma língua estrangeira para a língua de adoção, certa resistência num primeiro momento, por parte dos falantes, pois o sistema linguístico é diverso ao estrangeiro. Há dificuldade quanto à importação do termo, por este motivo, é feito o decalque/ calque ou tradução literal. Contudo, nesse caso, segundo Carvalho (2009, p.56), “o falante não percebe a origem alógena do termo”.

Outros exemplos de tradução literal ou decalque são:

- (42) alta tecnologia (*high technology*)
- (43) arranha-céu (*skyscraper*)
- (44) fim-de-semana (*weekend*)
- (45) cartão de crédito (*credit Card*)
- (46) jardim-de-infância (*kindergarden*)

CAPÍTULO IV

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Neste capítulo, discorreremos acerca dos principais processos de formação de palavras possíveis de gerar novas unidades lexicais na língua, todas utilizadas no português²⁸, analisados principalmente por Alves (1990), Basílio (1991), Pilla (2002), Kehdi (2007), Carvalho (2009, 2012), Correia e Almeida (2012), bem como alguns processos menos visados, considerados “marginais”, e vistos por Gonçalves (2012), como tendências no português brasileiro contemporâneo. Procuramos mostrar os vários mecanismos passíveis de serem utilizados pelo falante para a criação lexical.

4.1. PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL

Utilizar as diversas ferramentas disponíveis na língua para formar novas palavras a serem incorporadas (ou não) ao léxico é a maneira mais eficiente encontrada pelo homem para não sobrecarregar seu sistema linguístico interno, e ainda, de acordo com Basílio (2013, p.10), reduzir a dependência de memória e garantir a comunicação automática.

A expansão do léxico é necessária à sobrevivência das línguas, tanto naturais, como o português e o japonês, no caso desta pesquisa, quanto artificiais, como no caso do esperanto²⁹. Essa expansão é, como já mencionada,

efetuada sobretudo pelos processos de formação de palavras, que são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico. Por meio desses padrões, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam mas que não conhecíamos anteriormente. Ou seja, o léxico é “ecologicamente correto” (BASÍLIO, 2013, p.10).

Ainda de acordo com a autora, essa renovação funciona como uma espécie de reciclagem de itens preexistentes na língua (unidades lexicais e infralexicais), de

²⁸ Embora descrevamos neste trabalho a maioria dos processos de formação de palavras no português, cabe observar que nem todos os processos arrolados foram encontrados no nosso *corpus*. Porém, sentimos a necessidade de criar um panorama teórico acerca dos processos de formação existentes na língua.

²⁹ cf. DIAS, 2007.

modo a garantir uma maior produtividade e eficiência no sistema. Contudo, ela ressalta que possuímos dois léxicos, o virtual e o real, e que um incide sobre o outro no que compete à concretização da produção de palavras. O primeiro abarca todos os padrões de construção lexical possíveis de serem utilizados, já o segundo é o conjunto de palavras realmente existentes na língua. Formar uma palavra no seu léxico virtual não é garantia de que ela possa de fato existir na língua, pois a mesma possui regras de estruturação linguísticas previamente estipuladas que, diferentemente do léxico, não constituem um sistema aberto.

Para incorporar novas palavras ao léxico, no geral, as línguas utilizam essencialmente três tipos de mecanismos, que de acordo com Correia e Almeida (2012, p. 33), são:

- Construção de palavras, recorrendo a regras da própria língua;
- Atribuição de novos significados a palavras já existentes;
- Importação de palavras de outras línguas.

4.1.1. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

O processo de derivação é considerado por muitos lexicólogos o mais produtivo na língua portuguesa, seguido pelo processo de composição. São inúmeros morfemas que podem ser utilizados como afixos na formação de palavras, apesar de constituírem um sistema fechado na língua. Esse fator torna a derivação um processo considerado mais regular e mais previsível que os demais.

Os processos de derivação e composição encontram-se intimamente relacionados, e muitas vezes, confundidos. Mas há diferenças no que compete ao seu desenvolvimento, vejamos. Na derivação, o vocábulo apresenta somente um radical, ou seja, uma unidade de significação, e geralmente, os morfemas ou afixos (prefixos, sufixos, ou os dois ao mesmo tempo) encontram-se em relação de dependência perante este radical (*repor* = *re-* (pref.) + *pôr*, *finalizar* = *final* + *-izar* (suf.), *esclarecer* = *es-* (pref.) + *clar[o]* + *-ec (er)* (suf.)). Já na composição, um processo menos previsível, a palavra formada apresenta dois ou mais radicais, geralmente autônomos, ou seja, duas ou mais unidades de significado lexical, como em *amor-perfeito* e *quadro negro*. Segundo Correia e Almeida, (2012, p.37), “qualquer unidade de significado pode participar na composição”. Kehdi (2007, p.7),

afirma que certos morfemas na língua portuguesa apresentam uso autônomo, como se fossem preposições. São exemplos, *contra-* e *entre-*:

Contrapor / José está *contra* os colegas.

Entreabrir / Ficou *entre* a cruz e a espada.

Esse tipo de formação levou muitos gramáticos a considerarem a prefixação como um caso de composição. Contudo, apesar dessa característica, tais prefixos são exceções. A maioria dos prefixos, e também sufixos, apresentam a relação de dependência com o radical, ou seja, constituem formas presas, configurando, portanto, casos de derivação.

De acordo com Kehdi (2007, p. 8), a diferença entre prefixos e sufixos não é apenas distribucional, pois os prefixos só se agregam a verbos e adjetivos, e além do mais, não mudam a classe gramatical do radical ao qual se conectam. Em contrapartida, os sufixos se caracterizam pelo poder de mudar a classe gramatical do radical. Sem deixar de mencionar os circunfixos, afixos considerados descontínuos, os quais também mudam a categoria da base.

Nas palavras de Correia e Almeida (2012, p. 41),

Os afixos derivacionais são portadores de uma instrução categorial e semântica que lhes permite, em conjunto com a informação de base e com a informação da regra a que pertencem, determinar a categoria do derivado, construir o seu significado e em muitos casos delimitar a sua capacidade referencial, isto é, as classes de entidades extralinguísticas que é capaz de denominar.

Relacionadas as diferenças entre derivação e composição, os dois principais processos de formação de palavras no português, bem como os prefixos e sufixos, passemos ao detalhamento de cada processo.

4.2. DERIVAÇÃO

Correia e Almeida (2012) postulam que na derivação afixal (prefixos e sufixos), ocorre sempre um processo binário, no qual, em cada unidade derivada intervêm, por vez, uma base ou radical derivacional e um afixo, à exceção dos casos de derivação parassintética. Em palavras como *desvalorização*, os afixos

encontrados resultaram de vários processos derivacionais. Neste caso específico, a derivação segue o seguinte esquema: *valor* – *valorizar* – *desvalorizar* – *desvalorização*. Kehdi (2007, p.12) nomeia e trata esse esquema como uma “superposição de blocos de C.I. (constituintes imediatos), ou seja, não é apenas uma sucessão de morfemas, cada camada é representada por um elemento nuclear (radical) e um elemento periférico (afixo ou desinência). Serão apresentados ainda os casos de derivação não-afixal, nos quais não há acréscimo de afixos derivacionais ou mudanças formais, apenas a mudança de categoria por alteração no significado e de padrões flexionais.

4.2.1. DERIVAÇÃO PREFIXAL

O processo de derivação prefixal, como o próprio nome já pressupõe, apresenta um prefixo agregado a um radical, ou a uma palavra existente na língua, formando um derivado. São considerados exemplos de derivados prefixais: desfazer = *des-* + fazer; inconstitucional = *in-* + constitucional; pré-natal = *pré-* + natal; hipertensão = *hiper-* + tensão, dentre outros.

O prefixo caracteriza-se basicamente por ocorrer sempre à esquerda da base, e possuir conteúdo semântico menos gramatical que o sufixo. Na língua portuguesa, geralmente os prefixos advêm de antigas preposições e advérbios latinos e gregos. De acordo com Alves (1990, p. 15), “não há unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais”.

4.2.2. DERIVAÇÃO SUFIXAL

Na derivação sufixal, ao contrário da prefixal, encontramos o afixo à direita do radical, atribuindo-lhe uma ideia acessória, e, na maioria dos casos, mudando a sua classe gramatical. É característico dos sufixos a não-autonomia, ou seja, são dependentes do radical, e a recorrência.

De acordo com Correia e Almeida (2012), a sufixação, no português, atualiza os processos de *verbalização*, *nominalização*, *adjetivação* e *adverbialização*. São exemplos, respectivamente: hospitalizar = hospital + *-iz (ar)*, realização = realiza(r) + *-ção*, mulherengo = mulher + *-engo*, felizmente = feliz + *-mente*.

4.2.3. DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Na derivação parassintética ou parassíntese, há a junção de ambos afixos, prefixo e sufixo concomitantemente à base, no seguinte esquema: prefixo + radical + sufixo. Para que de fato seja um processo parassintético, é necessária a interdependência entre os afixos, ou seja, somente a exclusão do prefixo ou do sufixo torna a palavra inexistente na língua.

Estes dois exemplos, retirados de Kehdi (2007, p. 18), ilustram o fenômeno: *esclarecer* = es- + clar- + -ec(er), não existe a palavra *esclaro*, e nem *clarecer*; *subterrâneo* = sub- + terr- + -aneio, não há na língua portuguesa *subterra* ou *terrâneo*.

Se acaso os afixos não tiverem relação de dependência entre si, constitui um caso de derivação prefixal e sufixal, não somente uma derivação prefixal, ou uma derivação sufixal, como em *infelizmente* = in- + feliz + -mente, no qual as duas formas são possíveis: *infeliz* e *felizmente*.

Kehdi (2007), afirma que na caracterização da parassíntese, além da observação da simultaneidade dos afixos, deve-se levar em consideração o exame dos subsistemas, além da análise do aspecto semântico. Ele traz como exemplo verbos que apresentam duas formas aceitáveis, como *alargar* e *largar*, a primeira forma com o prefixo e a segunda sem, o que descaracterizaria o verbo como parassintético. Contudo, deixando a estrutura formal de lado, resta a relação semântica, ou seja, perante o significado, são verbos diferentes: *alargar* (tornar largo), e *largar* (soltar, deixar). Nesse caso, há apenas a uma relação formal entre os verbos, portanto *alargar* é um derivado parassintético.

4.2.4. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

A derivação imprópria ou também chamada de *conversão* (ALVES, 1990; BASÍLIO, 1991; KEHDI, 2007; CORREIA, ALMEIDA, 2012), constitui um tipo de derivação considerada não afixal (Correia e Almeida, 2012, p.42). Como exemplos dos processos de conversão mais frequentes na língua portuguesa, as autoras citam:

- Nominalização deadjetival: genérico (adj.) > genérico (subst.) = “medicamento que não ostenta marca comercial”;
- Adjetivação denominal: rosa (subst.) > rosa (adj.) = “da cor que têm as rosas, estereotipicamente”;
- Adverbialização deajetival: alto (adj.) > alto (adv.) = “indicando intensidade”.

Kehdi (2007, p.29) cita ainda as passagens de substantivo próprio ao comum, do comum ao próprio, de substantivo/adjetivo/advérbio a interjeição, de verbo a substantivo, de verbo e advérbio a conjunção, de particípio a preposição, de particípio passado a substantivo e adjetivo, de palavras invariáveis a substantivos. Alves (1990, p. 61) lembra que na maioria dos casos, “o contexto em que se insere a unidade léxica é que os permite observar o fenômeno da conversão”.

4.2.5. DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Correia e Almeida explicam que, “de acordo com a gramática tradicional, a derivação regressiva caracteriza-se pelo fato de, em vez de se juntar um afixo a uma base, se retira um segmento de uma base”. (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p. 44). Segundo as autoras, a derivação regressiva sempre constituirá um processo de nominalização deverbal, ou seja, as bases da derivação serão sempre verbos e os seus produtos, nomes de ação. A exemplo temos *fug(ir) > fuga*; *atac(ar) > ataque*; *us(ar) > uso*; *combat(er) > combate*. Caso o suposto derivado não significar “ação”, ele não é um derivado regressivo, mas sim, um substantivo básico, portanto o verbo derivou do substantivo, como no caso de *óleo > ole(ar)*; *dígito > digit(ar)*. De acordo com Basílio (1991, p. 42), “uma formação deve ser considerada como deverbal quando puder ser usada com sentido verbal”. A autora acrescenta ainda que o processo de derivação regressiva é o mais comum na formação de substantivos a partir de verbos no português, contudo, outros autores, tais como Alves (1990), Basílio (1991), Kehdi (2007), postulam que não se trata apenas da nominalização deverbal, há outros casos que se caracterizam como derivação regressiva (ou regressão).

Para Basílio (1991, p. 37), “nos casos de derivação regressiva, propriamente dita, a supressão é sempre de uma sequência fônica tomada como afixo, e a palavra resultante não tem o mesmo significado ou uso da palavra derivante”, ou seja, retira-se da palavra base um sufixo real ou uma parte da palavra tomada como suposto afixo. O processo em si não constitui apenas na remoção de afixos. Tomemos como exemplo o vocábulo *aço*, derivado de *aceiro* (levando em consideração de que *-eiro* é sufixo como nos casos de *ferreiro*, *jardineiro*) (KEHDI, 2007, p. 22); em Basílio (1991, p. 38), temos o exemplo da palavra *sarampo*, formada pela supressão de *-ão*, do vocábulo *sarampão*.

4.3. COMPOSIÇÃO

Dentre os processos disponíveis na língua portuguesa para a formação de novas palavras, encontra-se a chamada composição. Trata-se basicamente da junção de dois significantes (bases autônomas ou não) cuja associação se dá de forma significativa e formal, resultando, deste modo, um novo significado, o qual difere dos significados originais dos seus componentes. É um processo que visa à economia da comunicação e a efetividade expressiva do discurso, visto que o significado de uma construção frástica pode ser transferido para uma única unidade léxica.

Esse processo, bastante comum na língua, por ser formado por justaposição ou por aglutinação, por meio dos quais é produzida uma nova unidade léxica, que, no geral, não produz formas recorrentes. Característica esta, que a difere da formação derivada. Há também a composição sintagmática, cuja formação se dá pela combinação de vários elementos em relação sintática (*cf.* item 4.3.3., neste mesmo capítulo).

Para a criação de tipo de neologismo formal, o falante precisa dispor de boa parcela de sua criatividade linguística, pois, como afirma Pilla (2002, p. 64), “em vez de simplesmente nomear, o composto descreve o referente, ou seja, torna-se uma nomeação descritiva, [...], assim, é imprevisível saber quando e por que um falante se decide a criar um composto ou simplesmente usar uma paráfrase”, uma vez que isso acontece devido a necessidades específicas, ou em situações de nomeação metafórica.

4.3.1. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

A composição por justaposição, como o próprio nome pressupõe, se dá pela junção ou justaposição de dois elementos lexicais, ou seja, de duas bases, as quais podem ser autônomas ou não-autônomas. Segundo Kehdi (2007, p. 36), “ocorre a justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade”.

Os compostos por justaposição podem ser caracterizados como subordinativos ou coordenativos, como exemplo do primeiro caso, temos: *guarda-roupa*, *seguro-saúde*, *couve-flor*; já do segundo caso, temos: *hotel-fazenda*, *surdo-mudo*, *cirurgião-dentista*, dentre inúmeros exemplos.

4.3.2. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO

A composição por aglutinação, por sua vez, constitui a união íntima de dois ou mais elementos, com perda da integridade formal de uma delas. Nas palavras de Kehdi (2007, p. 36), “tem-se a aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos”.

Também denominada de composição de bases presas (BASÍLIO, 1991, p. 34), esse tipo de formação é de certo modo, limitado a poucos radicais, geralmente de raízes gregas ou latinas, já integrantes da língua portuguesa. É bastante comum em terminologias específicas, das ciências ou tecnológicas, por esse motivo não ocorre neste caso a construção metafórica.

Podemos observar formações aglutinativas nas seguintes unidades lexicais: *agricultura* (agr- + -i- +cultura), *telecomunicações* (tele- + comunicações), *sociolinguístico* (socio- + linguístico), dentre outros exemplos.

Ao contrário da justaposição, na qual a ordem dos constituintes é de determinado seguido de determinante, na aglutinação a ordem dos constituintes é de determinante seguido de determinado, numa relação de subordinação da esquerda para a direita.

4.3.3. COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA

Na composição sintagmática, também chamada de formação sintagmática, ou unidades polilexicais (FERRAZ, 2010, p. 266), temos elementos integrantes de um segmento frasal em relação sintática, ou seja, todos os elementos passam a constituir uma única unidade lexical, com um único significado e função.

Segundo Ferraz,

apresentando a estrutura formal de um sintagma e o comportamento sintático-semântico de uma palavra, a composição sintagmática resulta da transferência de informações da dimensão sintagmática (combinação de palavras) para a dimensão paradigmática (um item lexical), quando deixa de ser uma combinação livre para assumir uma estrutura morfossintática fixa” (2010, p.266)

Tomemos como exemplos, *bagagem de mão*, *cartão de memória*, *inclusão social*, *dedicação exclusiva*. Uma unidade resultante deste processo, geralmente encontra-se em vias de lexicalização, ou seja, não gera dúvidas aos falantes com relação à sua significação, pois está sendo convencionalizada pelo uso. Por estar se lexicalizando, a unidade geralmente não apresenta o uso de hífen. Nesta fase, da lexicalização, a formação sintagmática não admite a inserção de um novo elemento na composição.

4.4. IMPORTAÇÃO DE PALAVRAS

Dentre os principais processos existentes para a formação de palavras no português, o mais evidente - pela percepção dos falantes - é o processo de importação de palavras. A razão disso é que essas palavras são importadas de outra língua, ou seja, foram produzidas em um sistema linguístico diferente do nosso, e, no geral, apresentam características da língua de importação.

Se o falante não tiver conhecimento linguístico da outra língua, provavelmente irá rejeitar, e mostrar certa resistência às novas unidades lexicais. Contudo, como a língua é ‘maior’ que o falante, este, inevitavelmente será incapaz de barrar tal importação. Resta a ele, ceder às mudanças da língua, as quais, nos últimos tempos têm acontecido com mais frequência e velocidade.

É importante encarar esse processo como algo positivo, já que, por mais que algumas palavras vernáculas foram, e serão substituídas por palavras importadas, e alguns falantes serem avessos ao fato, argumentando uma possível “contaminação linguística”, o fator principal da importação é a inovação vocabular, o enriquecimento do léxico da língua.

Se a cada dia, novas palavras são importadas de várias partes do mundo, significa que, além fazermos parte do fenômeno da globalização, juntamente com as palavras, também estão sendo importados objetos, ideias, conceitos, visão de mundo.

Não iremos abordar aqui os fenômenos linguísticos dentro do processo de importação de palavras, pois estes já foram abordados nos itens 3.3.5. (estrangeirismo); 3.3.6. (empréstimo); 3.3.7. (hibridismo) e 3.3.8. (decalque), no capítulo 3.

4.5. OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL

Além dos já mencionados processos de derivação e composição, ocorrem, na língua portuguesa, outros processos de formação de novas palavras, menos comuns e menos produtivos, mas que, contudo, apresentam certa frequência de uso. Nesse contexto, encontramos alguns processos não-concatenativos, tais como a reduplicação (afixação não-linear), truncamento e hipocorização (encurtamento), mesclagem lexical e siglagem (fusão) (GONÇALVES, 2006, 2012), além da chamada analogia e da recomposição.

4.5.1. ANALOGIA

Nesse processo, as palavras são criadas por meio de um espelhamento em outras palavras, ou seja, o falante utiliza de uma palavra original, e a partir dela, cria outra palavra parecida graficamente e foneticamente. Gonçalves (2012, p. 172) afirma que formações analógicas podem se espelhar em compostos e derivados, por esse motivo, algumas formações analógicas podem ser confundidas com casos de derivação ou composição (as quais não deixam de apresentar tais processos).

Como exemplo de formação análoga a uma composição, Gonçalves (2012, p. 172) apresenta a palavra *lista branca* como antônimo de *lista negra*; e como

exemplo análogo a derivação, *lerdox* em oposição a *velox*, e *aguaréu* em oposição a *fogaréu*; até mesmo *trêbado* em relação à *bêbado* ou *monocelha* em relação à *sobrancelha*.

O autor afirma também que uma formação analógica isolada pode dar origem a um novo afixo, o qual proporciona um esquema produtivo de formação lexical. Um exemplo desse caso é o sufixo *-ete*, com o significado de *dançarina ou admiradora de X*, em palavras como *paniquete*, *ronaldete*, *etc.* Segundo o autor a palavra original foi *vedete*, a partir da qual se originou *chacrete*, e assim, a sua produtividade deu origem ao sufixo *-ete*.

Um tipo de analogia, descrito por Gonçalves (2012, p. 172), é a chamada decomposição sublexical, a qual, visando expressividade, com base na forma da palavra, reconhece-se duas ou mais unidades lexicais em uma única unidade lexical. Como exemplos, o autor cita *pressupor* (colocar preço em algo); *detergente* (ato de prender seres humanos); *cerveja* (o sonho de toda revista); *bimestre* (indivíduo com dois títulos de mestrado), dentre outros.

4.5.2. RECOMPOSIÇÃO

A recomposição, processo um pouco mais complexo que outros compostos morfológicos, utiliza dos chamados pseudoprefixos ou prefixoides (CORREIA; ALMEIDA, 2012), ou afixoides (GONÇALVES, 2012) para a sua formação. Os afixoides são elementos, tais como *tele-*, *agro-*, *eco-*, *petro-*, e outros, não considerados radicais, mas sim, derivados de truncamento de palavras eruditas, como *televisão*, *agricultura*, *ecologia*, *petróleo*, as quais, dos seus afixoides, geram-se palavras como *telenovela*, *agropecuária*, *ecoturismo*, *petrodólar*, respectivamente.

De acordo com Gonçalves (2012, p. 191), “tem-se recomposição quando parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua”, ou seja, o significado dos elementos da recomposição é diferente do significado etimológico.

4.5.3. REDUPLICAÇÃO

Segundo Kehdi (2007, p. 50), a reduplicação ou redobro, como por ele chamada, “consiste na repetição da sílaba radical de um vocábulo”. Esse tipo de construção geralmente expressa carinho, portanto, recorrente em nomes (apelidos), linguagem infantil, além das onomatopeias. São exemplos de reduplicação afetiva: *papá* (papai), *mamã* (mamãe), *Lulu*, etc. Há também o que Kehdi (2007, p. 50) nomeia de redobro intensivo, que é a repetição de um substantivo para intensificar seu valor expressivo, como no caso de “Você está *linda, linda*”.

No português contemporâneo, Gonçalves (2012, p. 183) cita a formação de nomes a partir da repetição de verbos na terceira pessoa do singular, como em *esfrega-esfrega*, *rala-rala*, etc.

4.5.4. HIPOCORIZAÇÃO

No processo de hipocorização, nomes próprios são abreviados visando à afetividade, ou seja, os nomes e sobrenomes são reduzidos e transformados em apelidos, em uma relação de correspondência. Convém observar que o contrário não ocorre, Gonçalves (2006, p. 224) afirma que “se por um lado, hipocorísticos são apelidos, por outro, apelidos não são, necessariamente, hipocorísticos”. Não há função lexical nos hipocorísticos. São exemplos: *Quel* (Raquel), *Lipe* (Felipe), *Guto* (Augusto), *Nando* (Fernando), dentre inúmeros outros.

4.5.5. TRUNCAMENTO

O truncamento (ALVES, 1990), também chamado de truncação ou abreviação vocabular (CORREIA; ALMEIDA, 2012); redução (CARVALHO, 2010); ou *clipping* (GONÇALVES, 2006; 2012), tem natureza expressiva, e incide no processo pelo qual a forma original de uma palavra (palavra-matriz) é reduzida, ou seja, uma parte dela é eliminada, geralmente a final, sem distanciamento do significado. O uso do truncamento tem aumentado no português contemporâneo, e muitos ainda são considerados neologismos. Como exemplos de truncamentos, podemos citar *micro* (de microcomputador), *hétero* (de heterossexual), *churras* (de churrasco), *metrô* (de metropolitano), dentre outros.

Gonçalves (2012, p. 186) ainda cita que, em alguns casos, “o truncamento pode incidir em elementos não morfêmicos”, como em *profe* (de professor), *visu* (de visual), *vagaba* (de vagabunda), *cerva* (de cerveja), *delega* (de delegado) e outros.

4.5.6. MESCLAGEM LEXICAL

Há várias denominações para o processo de mesclagem lexical ou cruzamento lexical (FERRAZ, 2010), são elas, cruzamento vocabular ou *blend* lexical (GONÇALVES, 2012); amálgamas (CORREIA; ALMEIDA, 2012); palavra-valise, palavra *portmanteau*, contaminação (ALVES, 1990); outras denominações ainda podem ser citadas, mot-valises, palavra-mala, combinação, palavra-centauro, palavra entre-cruzada, palavra-montagem, fusão, mistura.

Utilizamos aqui a definição mesclagem lexical. Neste processo, semelhante à composição, também ocorre a junção de duas unidades lexicais, contudo, diferente da composição (processo aglutinativo), seus constituintes são partes de lexemas que se juntam, formando uma só palavra gráfica, ou seja, as duas bases perdem material morfológico, uma final e a outra, inicial. De acordo com Ferraz, nesse processo,

em geral, o primeiro segmento da mescla, retomando o valor semântico da palavra-matriz que representa, aparece como predicador, determinando ou qualificando o segundo segmento, o qual também conserva o valor semântico da palavra-matriz representada. (2012, p.417-418)

Podemos citar como exemplos: *portunhol* (português + espanhol); *aborrescente* (aborrecimento + adolescente); *chafé* (chá + café); *cantriz* (cantora + atriz); *apartamento* (aperto + apartamento).

O recurso de mesclagem lexical é amplamente utilizado na linguagem literária, bem como na linguagem publicitária, com a intenção de “chamar atenção”, seja por ironia, sátira ou pejoratividade, exigindo um alto nível de criatividade linguística.

4.5.7. SIGLAGEM

O processo de siglagem (GONÇALVES (2006); FERRAZ (2007)), ou como também denominado, abreviação (SANDMANN, 1990³⁰), composição por siglas ou acronímica (ALVES, 1990), caracterizado como moderno e generalizado, consistia inicialmente em reduzir longos títulos às letras iniciais de seus elementos constituintes, hoje, seu uso estendeu-se a praticamente tudo, pessoas, objetos, acontecimentos e até mesmo doenças. Pode ser considerado um caso de economia linguística, tornando a comunicação mais simples e eficaz.

Geralmente, na língua portuguesa, as siglas podem advir além de construções vernáculas, também de estrangeirismos (*cf.* FERRAZ, 2007, p. 59). Como exemplos de siglas do primeiro tipo, temos: *INSS* (Instituto Nacional do Seguro Social), *IBGE* (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); e do segundo caso: *DJ* (Disc-Jockey), *CD* (Compact Disc), e outros. Os exemplos citados constituem casos de alfabetismos (siglas produzidas de forma soletrada). Existem também os *acrônimos*, que, segundo Gonçalves (2012, p. 183), “são siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como uma palavra da língua, a exemplo recente *UPA* (Unidade de Pronto Atendimento), realizada como [u.pɛ]”.

As siglas não se constituem apenas das iniciais das palavras do sintagma, elas podem decorrer da união de algumas sílabas do sintagma, como no caso de *Anvisa* (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), ou de *Anatel* (Agência Nacional de Telecomunicações).

Um fenômeno recente em relação a siglas são as chamadas *siglas reversas* (FANDRICH, 2008 *apud* GONÇALVES, 2012, p. 183), nas quais o falante utiliza de uma sigla existente e reinterpreta-na com palavras que têm as mesmas iniciais, como em *TPM* (Tensão Pré-Menstrual), também lida como *Treinada para matar, Terrível Para os Maridos*, dentre outras. Essas formações, no geral, possuem tom de piada, ironia, brincadeira.

³⁰ *Apud* GONÇALVES, 2006, p. 228.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS DADOS LEXICAIS

Neste capítulo, apresentamos uma análise dos dados que visará os mecanismos e processos de formação de palavras utilizados pelos falantes, e em quais contextos essas novidades lexicais são aplicadas.

Adotamos, preferencialmente, como base teórica de parâmetros e conceitos, os pressupostos de Biderman, 1978, 2001; Alves, 1990; Basílio, 1991; Pilla, 2002; Kehdi, 2007; Carvalho, 2009, 2012; Correia e Almeida, 2012; Gonçalves, 2012.

Organizamos a análise pelos tipos de processos de formação lexical utilizados pelos falantes em contextos retirados de conteúdos dispostos na internet. A análise obedece a seguinte ordem: derivação sufixal, derivação prefixal, derivação imprópria, composição por aglutinação, composição por justaposição, mesclagem lexical, neologia semântica, analogia e importação de palavras. A tabela 1, abaixo, mostra todas as 90 ocorrências de neologismos encontradas no *corpus*.

TABELA 1 - Processos de formação lexical

PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL	OCORRÊNCIAS	
	QUANTIDADE (nº)	PORCENTAGEM (%)
Derivação Sufixal	59	65,55
Derivação Prefixal	3	3,34
Derivação Imprópria	3	3,34
Composição por Aglutinação	1	1,11
Composição por Justaposição	5	5,56
Mesclagem Lexical	6	6,67
Neologia Semântica	1	1,11
Analogia	10	11,11
Importação de palavras	2	2,22
TOTAL	90	100

Para uma visão geral dos tipos de neologismos encontrados no *corpus*, dispomos o número de ocorrências de cada tipo na tabela 2, a seguir:

TABELA 2 - Tipos de neologismos

TIPOS DE NEOLOGISMOS	OCORRÊNCIAS	
	QUANTIDADE (nº)	PORCENTAGEM (%)
Neologismo fonológico	7	7,77
Neologismo sintático	79	87,77
Neologismo sintagmático	1	1,11
Neologismo semântico	1	1,11
Estrangeirismo	2	2,22
TOTAL	90	100

Como podemos observar na tabela 2, os neologismos do tipo sintático compõe a maioria quase absoluta do total de neologismos extraídos, com setenta e nove ocorrências de um total de noventa neologismos. São 87,77% contra apenas 12,21% dos demais tipos de neologismos. Não iremos exemplificar aqui os tipos de neologismos relacionados na tabela 2, pelo fato de que na análise feita pelo tipo de processo de formação lexical (a partir do item 5.1.), tais exemplos já estão relacionados e detalhados, não havendo necessidade de especificá-los neste momento.

5.1. DERIVAÇÃO SUFIXAL

A derivação sufixal é considerada o processo mais produtivo na língua portuguesa. E esse fator refletiu na formação das palavras com a utilização da língua portuguesa com a japonesa no nosso *corpus*. De 90 neologismos, foram encontradas 59 ocorrências com este tipo de formação, representando 65,55% do total de dados.

O processo de derivação sufixal consiste na inserção de um afixo à base lexical, este afixo é o chamado sufixo. O acréscimo deste sufixo à palavra implica-lhe uma ideia acessória e geralmente muda a classe gramatical. Esses sufixos, assim como os prefixos, caracterizam-se pela sua dependência perante a base, ou seja, não são autônomos. Em todas as ocorrências extraídas, foram utilizadas somente sufixos da língua portuguesa, acrescidos às bases lexicais japonesas. A produtividade lexical observada na pesquisa revelou a utilização de 14 (quatorze) diferentes ocorrências de sufixos, a saber, *-ad (a/o)*, *-ão (-ona)*, *-ar*, *-aria*, *-ei*, *-eiro*, *-ense*, *-es*, *-ete*, *-inh (a/o)*, *-ise*, *-ista*, *-ndo*, *-ud (a/o)*. A quantidade de palavras

formadas com esses sufixos variou, e em alguns casos, houve apenas uma ocorrência. Predominou a utilização dos sufixos *-inh (o/a)*, *-ndo*, e *-ad (o/a)*.

Podemos observar a utilização dos sufixos mencionados, nos contextos que seguem, relacionados pelo tipo de sufixo, e limitados a quatro exemplos nos casos mais produtivos, ou seja, com ocorrências semelhantes.

- **-ad (o/a)**

Palavras formadas por meio destes sufixos podem compor formações adjetivais a partir de substantivos e nominais, ou simplesmente não terem a classe gramatical alterada, ou seja, continuam como substantivos. Foram encontradas onze ocorrências com este sufixo, representando 18,64% do total de formações sufixais. São exemplos,

- (1) *“Essa comunidade é destinado a todos que falam passam os domingos na casa da Bá, tentando uma comunicação, nem sempre compreendida mas sempre engraçada usando um nihongô aporuguesado ou um português **nihongozado**...”* [FICHA 47]
- (2) *“Abriu as portei ras pra **nikkeizada**, agora tem que arcar!”* [FICHA 50]
- (3) *“[...] e ainda ganhei de cortesia um banho de ofurô com pétalas de flor e espuminhas, preu ficar **ofurozada** no grande dia.”* [FICHA 56]
- (4) *“[...] desculpa, sábado eu tive uma **sashimizada** + churrascada com os amigos fodões do meu pai!”* [FICHA 70]

Nos casos (1) e (3), a inserção do sufixo *-ad* promove a formação de adjetivos, os quais tem a função de caracterizar algo ou alguém. Em (1), a formação deriva de um substantivo. *Nihongozado* poderia concorrer com *japonesado*, assim, a escolha pela base da língua japonesa *nihongo*, reforça a atitude do falante em fazer uso da língua japonesa. O mesmo ocorre com *nihongo* (no mesmo contexto), que equivale a “japonês” ou “língua japonesa”. Em (3), temos a adjetivação de um verbo, que no caso, advém de um substantivo (*ofuro*). No português, esse processo de derivação geralmente obedece a seguinte ordem: Substantivo > Verbo > Adjetivo. Logo, podemos supor que a adjetivação não foi totalmente direta, ou seja, o

substantivo *ofuro* passou primeiro para verbo, e depois para adjetivo. Formações como esta, podemos observar nos adjetivos da língua portuguesa *penteada* (pente > pentear), *alfinetada* (alfinete > alfinetar), *endinheirada* (dinheiro > endinheirar), etc.

Já em (2) e (4), o sufixo *-ad* foi anexado aos substantivos *nikkei* e *sashimi*, respectivamente. No caso de (2), o sentido é de coletividade, ou seja, de um grupo de pessoas, conseqüentemente, um grupo de *nikkeis* (pessoas com descendência japonesa). Já em (4), o sentido é de refeição em grandes porções, ou seja, uma refeição feita à base de *sashimi* (peixe cru em fatias). Como exemplo semelhante a esse tipo de derivação, temos no português: *feijoada*, *churrascada*, *macarronada*.

As outras formações com o sufixo *-ad* (*a/o*) relacionadas no *corpus* foram: *buchozada* [FICHA 15], *nihonzada* [FICHA 49], *niponzada* [FICHA 55], *shainzada* [FICHA 72], *sushizada* [FICHA 74], *tsunamado* [FICHA 85], *yakissobada* [FICHA 90].

- **-ão / -ona**

Alguns estudiosos da neologia não consideram formações com aumentativo e diminutivo como neologismos (caso do ONP), alegando que tais formações não apresentam qualquer tipo de novidade (*cf.* ANTUNES, 2012). Contudo, consideraremos essas formações, presentes no nosso *corpus*, como neológicas, pelo fato de serem formadas com base em palavras da língua japonesa (atestando a criatividade lexical do falante), e por esse motivo ainda causam certa “estranheza” aos usuários da língua portuguesa. Além disso, há a questão da carga afetiva empregada pelo sufixo, como veremos a seguir.

Palavras derivadas pelos sufixos *-ão* / *-ona* geralmente constituem intensificadores (aumentativo), mas podem ter outras acepções. Os sufixos, em geral, são utilizados para expressar afetividade, contudo, essa característica é marcada principalmente em sufixos aumentativos e diminutivos, com forte apelo de carga emocional e subjetividade (*cf.* MARONEZE, 2010). Estes sufixos podem juntar-se a radicais de substantivos, de adjetivos e de verbos. Nas ocorrências com *-ão*, apenas uma ligou-se a adjetivo, e três a substantivos. A ocorrência com *-ona* ligou-se a substantivo. No total, foram relacionadas cinco ocorrências com estes sufixos, representando 8,47% de todas as formações sufixais.

- (5) “O @shinjii_j é um **BAKAZÃO!** XPP (haha vou twittar isso toda vez que ele me encher o saco) XDD” [FICHA 07]
- (6) “Super original, uma era **batchanzona**, pq ela era maiorzinha e a outra pequenininha, batchanzinha... lindas as duas!!!” [FICHA 10]
- (7) “Comprei gohan e miso e sushi e mochi e shoyu e sake e utensílios pra fazer sushi e um **hashizão** :D” [FICHA 29]
- (8) “Experimentei tambem o okowa (foto acima), arroz cozido com legumes, frango e castanhas portuguesas da mesma barraca junto com um **tempurazão** enorme de legumes quentinho e super crocante!” [FICHA 81]

Em (5), pelo contexto, podemos deduzir que a utilização do sufixo *-ão* em *bakazão*, não caracteriza um aumentativo, mas sim, um intensificador, no sentido de que o indivíduo mencionado é “muito *baka*”, onde *baka* equivale a “bobo”. Trata-se de uma adjetivação deadjetival, ou seja, um adjetivo que continua como adjetivo, sem conotação pejorativa. A adjetivação deadjetival geralmente ocorre na formação de aumentativos e diminutivos, segundo Correia e Almeida (2012).

Já em (6), é possível afirmar, diante do contexto, que o uso do sufixo *-ona* (feminino de *-ão*), resgata a função original do sufixo, ou seja, o real aumentativo, neste caso o físico. Em japonês, *obachan* significa “avó, vovó”, *batchanzona* equivale então a uma avó considerada grande (em tamanho), e confirmada pela palavra *maiorzinha*, também contextualizada. Geralmente, no português, quando se utiliza uma formação do tipo *vovozona* é para caracterizar uma “super avó, uma avó muito boa”, ou seja, mostra afetividade.

Em (7) e (8), o sufixo *-ão* se afixa aos substantivos *hashi* e *tempura*, respectivamente. Nestes casos, o sufixo exerce a função de aumentativo, assim como em (6). Outra formação encontrada no *corpus* é *ofurozão* [FICHA 58], a qual segue a mesma formação das ocorrências em (6), (7) e (8), contudo, não contextualizada aqui.

Das cinco ocorrências mencionadas, apenas a (5) apresentou caráter afetivo, as demais apresentaram o caráter original do sufixo, ou seja, o aumentativo.

- **-inh (a/o)**

Os sufixos intensificadores, principalmente os diminutivos, são conhecidos pela carga semântica afetiva, afetividade esta que aponta mais para a pejoratividade. O sufixo *-inh* apresenta grande produtividade na língua portuguesa, pelo fato de juntar-se a substantivos e adjetivos, bem como a advérbios e outras palavras invariáveis. No nosso *corpus*, as formações com o diminutivo *-inh* mostraram-se altamente produtivas, o que pode ser considerado um reflexo dessa característica na língua portuguesa.

Cunha e Cintra (2008, p. 106), afirmam que, morfologicamente, “ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero, ou seja, o diminutivo conserva o gênero da palavra derivante”. Em outras palavras, mais especificamente, a afixação do sufixo *-inh (o/a)* não altera os traços (categoria lexical e gênero) do radical derivacional. Na língua japonesa, a questão de diferenciação de gênero e também de número dependerá exclusivamente do contexto. Não há marcador de gênero na língua, como há no português. A construção do gênero se dará pela combinação no uso dos *kanjis*. Na ocorrência com diminutivos em nosso *corpus*, obviamente, as formações neológicas obedeceram as características da formação dos diminutivos na língua portuguesa.

Com exceção de *aburazinha* [FICHA 01], e *bakazinha* [FICHA 08] que foram analisadas em primeiro lugar como casos de derivação imprópria, foram encontradas 12 neologismos formados pela derivação com o sufixo *-inh*, o que constitui cerca de 20,33% do total dos dados com formações sufixais. Algumas ocorrências podem ser observadas a seguir.

- (9) “*Super original, uma era batchanzona, pq ela era maiorzinha e a outra pequenininha, **batchanzinha**... lindas as duas!!!*” [FICHA 09]
- (10) “*Não aguentei e acabei comendo um **chawanzinho**.*” [FICHA 18]
- (11) “*esse meu blog que sempre estará em meu **kokorozinho**.*” [FICHA 38]
- (12) “*É que o da Quick num tem gosto nem forma, é só um **lamenzinho** pálido e triste, então [...]*” [FICHA 40]

Em (09), a base é *obachan*, que significa “avó, vovó”. A inserção do sufixo *-inh* à base, formando *batchanzinha*, remete à função original do sufixo diminutivo, ou seja, o diminutivo real, físico. Conclusão esta, reforçada pela observação do contexto, e utilização da palavra *pequeninha*. Geralmente, no português, quando se utiliza uma formação do tipo *vovozinha* ou *avozinha*, é para demonstrar afetividade, e não um grau de tamanho, ou seja, a pequenez.

Em (10) e (12), as bases são substantivas, e há a inserção do sufixo *-inh* com a intenção de mostrar o tamanho dos elementos, ou seja, no caso de (10), um *chawan* pequeno, e no caso de (12), um *lamen* pequeno ou reduzido. No Japão, o *chawan* é uma tigela utilizada para preparar e beber chá, e o *ramen* (ou *lamen*) é uma espécie de caldo com macarrão, legumes, verduras, carnes, e outros ingredientes.

Em (11), o sufixo *-inh* demonstra afetividade. *Kokoro* significa “coração” em japonês, portanto, *kokorozinho* é equivalente a *coraçõzinho*. O contexto mostra que não se trata do diminutivo de *kokoro*, ou seja, não se trata de um coração pequeno.

Outras formações com o sufixo *-inh* foram encontradas no *corpus*, são elas: *bonsaizinho* [FICHA 14], *hashizinho* [FICHA 30], *karaokezinho* [FICHA 35], *mangazinho* [FICHA 42], *ofurozinho* [FICHA 59], *omiyagezinho* [FICHA 60], *tempurazinho* [FICHA 82], e *tsuruzinho* [FICHA 86].

Todas as formações envolvendo o sufixo *-inh* no *corpus* estão relacionadas a substantivos, e delas, apenas cinco demonstram afetividade, as demais indicam diminutivo (sentido original).

- **-ar; -nd; -ei**

Formações com a utilização destes sufixos indicam verbalizações. Nas formações do primeiro caso, o sufixo *-ar* indica verbos da 1ª conjugação do português, com o ‘a’ temático, e o ‘r’ desinencial do infinitivo. No segundo caso (*-nd*), temos formações que indicam verbos no gerúndio, com a *vogal temática + desinencial do gerúndio + final neutro*. Todos os casos de gerúndio encontrados são de 1ª conjugação. No terceiro caso, (*-ei*) indica a terminação verbal do pretérito perfeito, do modo indicativo, a qual pode ser considerada um sufixo flexional. Foram extraídas três ocorrências com o sufixo *-ar* (5,08% do total de sufixos), uma

ocorrência com o sufixo *-ei* (1,70% do total de sufixos), e nove ocorrências com o sufixo *-nd* (15,25% do total de sufixos). Abaixo, foram relacionadas ocorrências com os tipos de formações envolvendo os sufixos verbais citados.

(13) “*E os brasileiros, criativos como sempre, inventaram o **gambatear**.*”
[FICHA 25]

(14) “*-**merando**=mandando me-ru*” [FICHA 43]

(15) “*Vou tentar atualizar o máximo de vezes aqui, já que passo dia todo **origamizando**.*” [FICHA 61]

(16) “*Depois que o cara se acostuma ao sistema, ai vem as piores.....: Gambatiando....**Wakatei**....e por ai vai.....kkkkk*” [FICHA 87]

No caso de (13), *gambatear* advém do verbo conjugado do japonês *ganbatte*, que significa “esforce-se, persista”, no imperativo. A forma verbal do infinitivo é *ganbaru* (“esforçar, persistir, resistir”). Trata-se de uma verbalização deverbal.

Em (14), temos uma formação incomum, pois *merando* literalmente significa “mandando/ enviando meru”. *Meru*, neste caso, advém do inglês “*mail*”, e equivale ao nosso “torpedo” (mensagem eletrônica de celular). Em inglês, a expressão para “enviar mensagem eletrônica de celular” é “to text message” ou simplesmente “to text”. Já na língua japonesa contemporânea diz-se “message okurimasu”. Por alguma razão, na ocorrência em (14), o falante ressignificou a palavra “mail”, utilizando-a com equivalência a “SMS/ message; torpedo/ mensagem”. Neste caso, a formação *merando* indica uma verbalização denominal, formada a partir do substantivo *meru*. Em (15), temos formação semelhante, na qual *origamizando* indica o “ato de fazer origami”, ou seja, fazer arte com dobraduras. Também se trata de uma verbalização denominal, derivada do substantivo *origami*.

Em (16), temos a formação *wakatei*, derivada do verbo *wakatta*, conjugado no pretérito perfeito do modo indicativo, e significa “entendi, compreendi”. Como se trata de uma base verbal já derivada, o falante optou por também utilizar o sufixo flexional da mesma conjugação da palavra utilizada como base. O infinitivo do verbo *wakatta* é *wakaru*. Trata-se então, de uma verbalização deverbal.

Outras formações lexicais envolvendo verbalizações foram encontradas, são elas: *benkiyoushimasar* [FICHA 13], *karaokezar* [FICHA 34], *gambateando* [FICHA

24], *kangaetando* [FICHA 31], *karaokezando* [FICHA 33], *ofurozando* [FICHA 57], *ranashitetando* [FICHA 66], *tabettando* [FICHA 76] e *wasabiando* [FICHA 88].

Do total de formações associadas ao sufixo *-ar*, uma derivou de substantivo, e as outras duas, de verbos. Já do total de formações com o sufixo *-nd*, quatro ligaram-se a verbos, e cinco a substantivos.

- **-aria**

O sufixo *-ia* tem várias acepções. No geral, emprega formações que designam “local, estabelecimento que produz X”, bem como “profissão, arte”.

(17) “a **OTAKARIA** tem o objetivo de trazer informações e notícias da cultura oriental para o Brasil.” [FICHA 62]

(18) “O **Sobaria** não é um restaurante japonês, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam por conta do nome. Ele é bem brasileiro e oferece pratos da cozinha típica do Mato Grosso do Sul– a começar pelo Sobá, [...]” [FICHA 73]

(19) “E, no Brasil, as **Temakerias** fazem muito sucesso na primeira década do século XXI.” [FICHA 80]

Em (17), a formação *otakaria* traz a função original do sufixo *-aria*, ou seja, de conector entre agente e ação. Neste caso, temos a seguinte estrutura: *otaku* + *-aria*. *Otaku*, termo advindo do Japão, atualmente tem o significado de “aquele que é fã de *anime* e/ou *manga*”. *Otakaria*, então, teria função de locativo, ou seja, seria o “local” (neste caso, na internet) onde se reuniriam informações e notícias relacionadas ao “universo otaku”.

Em (18) e (19), temos o sufixo *-aria* com a definição de “estabelecimento que produz X”. Em (18) *sobaria* (tipo de restaurante comum em Campo Grande-MS) é um local que oferece o prato *soba*, que é um tipo de macarrão produzido com trigo sarraceno, originalmente japonês. As “sobarias” são comuns na cidade de Campo Grande, já em outras regiões do país são raros os restaurantes, e quando existentes, sempre fazem referência à cozinha sul-mato-grossense, por ser incomum, o termo *sobaria* pode ser considerado um neologismo em determinadas

regiões, além de não constar nos dicionários utilizados na pesquisa. Em (19), *temakeria* designa um restaurante que oferece o famoso *temaki*, um tipo de *sushi* criado fora do Japão, que consiste em um rolinho de arroz japonês em formato de cone com recheio de vários sabores.

- **-eiro; -ense; -ista**

Formações envolvendo tais sufixos geram adjetivos e substantivos. O sufixo *-eiro* é predominante em vocábulos qualificativos e/ou designativos relacionados a indivíduos que exercem determinada profissão, atividade, ou simplesmente, praticam determinada ação, com ou sem relação profissional. O sufixo *-ense* geralmente emprega formações de gentílicos, contudo, também pode apresentar a mesma função do sufixo *-eiro*. O sufixo *-ista*, utilizado tanto no masculino, quanto no feminino, é usado para designar o indivíduo “adepto, seguidor, partidário” a algo. Do total de formações utilizando sufixos no *corpus*, temos seis ocorrências com o sufixo *-eiro*, duas com o sufixo *-ense*, e uma com o sufixo *-ista*, contudo, dessas nove, quatro compõe a mesma ficha (77). Todas essas ocorrências correspondem a 10,17% do total de formações sufixais.

Abaixo, relacionamos alguns contextos que apresentam formações envolvendo os sufixos mencionados.

- (20) “**Dorameiro** que é *dorameiro* está sempre disposto a passar horas e horas falando sobre o ator *Fulaninho*, das gravações do drama *X* e como foi incrível a estreia de *Y*.” [FICHA 23]
- (21) “Pra finalizar, quatro **taikozeiros** (**taikeiros**, ah, tacadores de taiko, vai) fazendo pose. [FICHA 77]
- (22) ó os **taikoenses!** hahahaha! beijos :*” [FICHA 77]
- (23) “A melhor em humor geek **Nintendista**. Repleta de notícias!” [FICHA 51]

Em (20), a formação *dorameiro* é derivada do substantivo *dorama*, a qual poderia ser traduzida como “novela, série”, no português. *Doramas* são parecidas com as minisséries e novelas brasileiras, porém, produzidas na Ásia (não se

restringe ao Japão). A palavra *dorama* advém do inglês *drama*. Contudo, o equivalente a novela no inglês é “soap opera ou novela”, já o termo *drama* relaciona-se ao teatro ou circunstâncias dramáticas. No Japão, o termo *dorama* (*drama*) adquiriu o significado de “novela”. No país, utiliza-se, mais especificamente a expressão “renzoku *dorama*” para as novelas de exibição diária. Em resumo, um *dorameiro* é semelhante a um *noveleiro*, e pode ser entendido como um “indivíduo que gosta de assistir *doramas*”, e está atualizado sobre tudo relacionado às produções dos mesmos, sem relação profissional.

Já em (21) e (22), o *taikozeiro*, *taikeiro*, ou *taikoense* (também foi encontrada a forma *taikosense* [FICHA 77]), é o indivíduo que “toca o taiko” ou que “pratica taiko”. Em japonês, *taiko* é equivalente a *tambor*.

Em (23), *Nintendista* é a pessoa que joga os jogos da *Nintendo*, e se interessa por tudo relacionado à marca *Nintendo*.

No *corpus* também foram encontradas as seguintes formações: *mangazeiro* [FICHA 41], *pachinkeiro* [FICHA 64], e *sushizeiro* [FICHA 75]. Todas as formações com os sufixos mencionados são nominalizações denominais.

- **-es**

Este sufixo geralmente classificado como formador de gentílicos (adjetivos e substantivos). Pode também formar adjetivos que designam palavras relativas a um país, local e/ou indivíduo. Neste caso, concorre com *-ense* nas formações de gentílicos. Foram encontradas três formações com o sufixo *-es*, totalizando 5,08% do total de sufixações. Como exemplos, temos:

(24) “Voce fala *Dekasegues*? E **Batyanes**?” [FICHA 11]

(25) “Quem não fala **dekassequês**?” [FICHA 21]

(26) “Terminaram nesta segunda-feira (9) as atividades realizadas por todo o Japão em comemoração dos 20 anos do Movimento **Dekasegues**, denominação que dão às pessoas que saem de outras regiões em busca de trabalho no país.” [FICHA 46]

Em (24) e (25), temos formações que designam “língua”, ou melhor, um tipo de língua que envolve aspectos linguísticos (léxico, estrutura) tanto da língua

portuguesa, quanto da língua japonesa, e pode ser caracterizada como uma espécie de *code-mixing*. Em (24), *batyanês* deriva de *obachan*, que significa “avó, vovó”. Já em (25), *dekaseguês* advém de *dekasegi*, ou seja, “trabalhador temporário”. De ambas, não há equivalente em língua japonesa. Todas essas formações são consideradas nominalizações denominais.

Na ocorrência em (26), a formação sintagmática *movimento dekasegues* pode ser considerada como derivada, neste caso, somente pela palavra *dekasegues*, a qual deriva do substantivo *dekasegi*. A formação caracteriza o tipo de movimento, ou seja, das pessoas que deixam o seu país de origem para trabalhar em outro lugar. Trata-se de um caso de adjetivação denominal, no qual, o segundo termo determina o primeiro. É preciso ressaltar que o termo *dekasegi* é entendido no Brasil como “o descendente de japonês que deixa o país para trabalhar no Japão”. Contudo, a significação original do termo abrange “qualquer pessoa, de qualquer país ou região que deixa seu lugar de origem para trabalhar em outro diferente”.

- **-ete**

Na gramática contemporânea do português, *-ete*, que teve seu primeiro registro no séc. XVI, na palavra *canivete* (cf. Gonçalves, 2012, p. 174), e cujas formações eram analisadas como analogia, ou casos opacos, adquiriu *status* de sufixo, devido sua recorrência nos séculos posteriores. Atualmente, o sufixo *-ete* (com o sentido de “dançarinas do programa X”, ou “fã, admiradora de Y”), adveio das palavras *chacrete* e *tiete*.

Formações com este sufixo, podemos observar em (27).

(27) “As **Sasuketes** (e em consequência **Sakurazetes**) Vão te pegar de porrada! Mas eu não ahhahahaahhahaha”. [FICHAS 69 e 71]

Nas ocorrências em (27), as formações lexicais *sasuketes* e *sakurazetes*, designam fãs e admiradoras de *Sakura* e *Sasuke*, ambas personagens da série de *anime* e *manga* chamada *Naruto*, produzidos no Japão. Essas formações correspondem a 3,38% do total de formações sufixais.

- **-ise (-ice)**

Não encontramos registro de um sufixo *-ise* nas gramáticas e dicionários consultados, deste modo, supomos se tratar de um erro de ortografia. Devido semelhança fonética, analisamos *-ise* como análogo ao sufixo *-ice*, este sim, muito produtivo na língua portuguesa. O sufixo *-ice* é formador de substantivos abstratos, e geralmente traz o significado de “qualidade ou caráter de algo”, e unindo-se quase sempre à bases adjetivas. Encontramos apenas uma formação com *-ise*, representando 1,70% das sufixações, a qual pode ser observada em (28).

(28) “*Equipe do Otakises*” [FICHA 63]

Nessa formação, tomamos *-ise* por sufixo, pelo fato de inculcar o significado de “coisas de”. No caso de *otakises*, a palavra deriva de *otaku*, que é uma designação para pessoas que são fãs de *anime* e *manga*, portanto, *otakises* pode ser traduzida como “coisas de *otaku*”.

- **-ud (a/o)**

Também considerado um sufixo intensificador, o sufixo *-ud (a/o)* tem certo grau de frequência na língua portuguesa. Este sufixo forma adjetivos com significado de “relativo a característica exagerada, aumentada” ou “provido, cheio de”, por essa razão, é tido como um sufixo que emprega afetividade. Geralmente se une a substantivos, havendo também casos de união com adjetivos. Ocorrências com *-ud* podem ser vistas a seguir, com exceção da palavra *aburazudo* [FICHA 02], a qual foi classificada primeiramente como uma derivação imprópria.

(29) *Hhsuahsushh yoO pic **kawaiizudaaa** mesmo *-----* amei as cores...*
[FICHA 36]

(30) *Pic **Kireizuda** *-----* e melhor... não é verde e vermelha como as de costume /o/~* [FICHA 37]

(31) “*peitões KKKK — quem faaaalando hein **titizuda** hahaha*” [FICHA 83]

Em (29), a base adjetiva *kawaii* significa “fofo, adorável”, portanto *kawaiizuda* designaria algo “muito fofo”. Em (30), temos outra base adjetiva *kirei*, que significa “bonito, belo”, deste modo, *kireizuda* designa algo “muito bonito ou muito belo”. Já em (31), a base é um substantivo, *titi* é uma maneira informal de se dizer “peito, seio”, a maneira formal de se denominar ‘seio’ em japonês é *chibusa*. Todas essas formações indicam aumento da característica indicada na base lexical, além da característica afetividade dos sufixos intensificadores. Elas representam 5,08% do total de sufixações.

5.2. DERIVAÇÃO PREFIXAL

No processo de derivação prefixal, um afixo é anteposto à base para a formação de uma nova palavra, atribuindo-lhe uma ideia acessória. Processo muito produtivo na língua portuguesa, a prefixação tem como característica a ocorrência do afixo sempre à esquerda da palavra base, além de tradicionalmente não alterar a sua categoria gramatical. Foram encontrados três casos de derivações prefixais (totalizando 3,34% do total de neologismos), todas com o prefixo *anti-*, confirmando a fecundidade desse prefixo na língua portuguesa. Originário do grego, esse prefixo carrega a ideia de ‘contrariedade, oposição’, e pode ser facilmente afixado a substantivos, como pode ser observado nas ocorrências (32), (33) e (34) abaixo:

- (32) “*Ainda por cima, ela ficou viva e é portadora da única arma **anti-akumas** revelada no anime.*” [FICHA 04]
- (33) “*Por muitos é considerada uma lei **anti-Otaku**, algum conteúdo é pura e simplesmente proibido enquanto que outro considerado “prejudicial” é atirado para a secção de entretenimento para adultos, via internet será praticamente impossível adquirir estes animes/ mangas/ jogos.*” [FICHA 05]
- (34) “*Bom, posso dizer que indiretamente eu faço parte do clube **anti-Sakura** (mas só quando inventam uma NaruSaku!! eu odeio!!!)*” [FICHA 06]

5.3. DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Na derivação imprópria ou conversão, não são utilizados afixos, como nos outros tipos de derivação, com exceção da derivação regressiva. Nesse processo, a palavra original tem sua classe gramatical alterada, sem que haja alteração formal do vocábulo. Dentre os tipos de conversão mais frequentes na língua portuguesa está a adjetivação denominal, ou seja, quando um substantivo passa exercer função adjetival, como pode ser observado nos exemplos (35) e (36), a seguir:

(35) “*daki a poko vc me passa **aburazinha!***” [FICHA 01]

(36) “*KKKKKKKKKK' lxi , sei nn heein **aburazudo***” [FICHA 02]

(37) “*Saah **Bakazinha!**@Bakazinha_22 abr Atualizandoooo~~~~ - yoooooooooooo meus bakas ! Z quanto tempo x.x*” [FICHA 08]

Em (35) e (36), temos a mesma base: *abura*. Originalmente, na língua japonesa, o significado do substantivo *abura* é “gordura”. Nos contextos relacionados, *aburazinha* e *aburazudo* passam também pelo processo de derivação sufixal, com o acréscimo de *-inh* (diminutivo) e *-ud* (relativo a exagero, em excesso), podendo ser traduzidos por “gordinha” e “gorducho”, respectivamente, designando uma forma de tratamento e/ou caracterização do indivíduo, expressando a atitude emocional e afetiva do falante perante o objeto ou pessoa mencionado. Nestes casos, as formações não expressam tom pejorativo.

Em (37), a base é *baka*, que em japonês significa “bobo, tolo ou idiota”, adjetivo utilizado tanto para o feminino, quanto para o masculino. No caso de (3), *Bakazinha* é utilizada como um substantivo próprio, (destaque para a utilização do ‘b’ maiúsculo). Logo após a conversão, há a derivação sufixal, na qual podemos caracterizar a inserção do sufixo *-inh* com função de valor afetivo.

Essas três derivações representam 3,34% do total de neologismos do *corpus*.

5.4. COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO

Na composição por aglutinação, há a união íntima de duas ou mais palavras, com subordinação acentual de duas ou mais, e perda da integridade formal de uma ou todas, para a formação de uma nova palavra, com um novo significado. Esse processo não se mostrou muito produtivo, tendo ocorrido apenas 1 (um) caso no *corpus* (1,11% do total de neologismos).

(38) *“Pioneira neste segmento no Brasil, a **Nipomed** teve como inspiração o Sistema Kokumim Kenko Hoken do Japão, que tem como principal objetivo a prevenção de doenças a baixos custos”*. [FICHA 54]

Em (38), *Nipomed* é composto pelas palavras *nippon* + *medicina*, com perda da integridade formal de ambas. *Nipomed* é o nome de um sistema de saúde existente no Brasil, com base no sistema de saúde do Japão. Por esse motivo, afirma-se que um das bases seria *nippon*, e não o elemento de composição *nipo-*. *Nipomed* segue o processo de várias outras formações que envolvem o termo *medicina*, tais como *Unimed*, *Medprev*, *Meddog*, etc.

5.5. COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

No processo de composição por justaposição, dois ou mais elementos são justapostos, para que haja a formação de uma nova palavra, com uma única unidade semântica. Neste caso, os elementos envolvidos preservam a sua integridade formal, sendo separados por hífen, sem espaço ou com espaço em branco. Essa formação pode ter caráter subordinativo ou coordenativo. Os dados neológicos encontrados não revelaram alta produtividade desse processo, porém, este se mostrou mais produtivo que a composição por aglutinação, apresentando cinco ocorrências (5,55% do total de dados). Como exemplo de compostos justapostos, temos:

- (39) “Eles falam que nossa língua é **burajirogô** (alusão a língua brasileira) e que deveria ser **portugarogô**, língua portuguesa.” [FICHA 16]
- (40) “Você conhece **COLONIAGO**, língua falada na comunidade japonesa?” [FICHA 19]
- (41) “Lilian Chiba - Em casa sempre se falou “**mesakake**”, mas nunca tinha me atentado que é uma mistura de português com japonês, hahahahaha.” [FICHA 44]
- (42) “Os nossos japoneses são mais doentes do que os outros. **nipofilia.com**”. [FICHA 52]
- (43) “Quando você descobre que **Nipofobia** é o medo de Japonês ou cultura japonesa.” [FICHA 53]

Em (39), temos a justaposição estrutural de dois substantivos: *burajiro* + *go*, na qual *burajiru* (ブラジル) equivale a “Brasil”, e *go* (語) a “língua”, ou seja, “língua brasileira”. O correto para a língua falada no Brasil seria *porutugarugo* (ポルトガル語), ou seja, língua portuguesa. Na formação *burajirogo*, o determinante precede o determinado. No geral, em composições com substantivos em relação de subordinação, é o determinado que precede o determinante, tendo este último função adjetival. Neste caso, a estrutura *determinante* + *determinado*, segue o exemplo de outras formações da língua japonesa, tais como *nihongo*, *eigo*, *supeingo*, “língua japonesa, língua inglesa e língua espanhola”, respectivamente.

Na ocorrência em (40), *coloniago* é composta pelos substantivos *colonia* + *go*, ou seja, *colônia*, do português, e *go* “língua” do japonês, e assim como mostrado em (39), o determinante precede o determinado. Em tradução literal, *coloniago* seria traduzida como “língua da colônia”, sendo utilizada para denominar a língua falada em colônias de comunidades japonesas. Seria um tipo de língua “criada” no interior da própria comunidade, com mistura e alternância das estruturas e códigos da língua japonesa e da língua portuguesa. Convém ressaltar que cada comunidade falante de língua japonesa mantém um diferente tipo de *coloniago*, preservando, deste modo, suas particularidades.

Em (41), *mesakake* é formado pela justaposição das palavras *mesa*, do português, e *kake* (verbo *kakeru*) do japonês, que significa “cobrir, colocar sobre”, assim, *mesakake* pode ser traduzida por “toalha de mesa”. Por ser uma palavra

corriqueira, e há muito tempo utilizada na fala dos descendentes japoneses, por vezes, passa “despercebida”. Não são todos que se atentam para a formação, como podemos observar no contexto em (41). Em japonês, o termo correto para *toalha de mesa* é *teburukake* (*teburu* + *kake*), onde *teburu* = *table* (mesa), do inglês. A formação em (41) poderia ser analisada como um caso de analogia ou decalque parcial, contudo, analisamos como composição por justaposição, por existir, na língua japonesa, palavras como *maekake* (*mae* ‘frente’ + *kake*) para “aventail”; *makurakake* (*makura* ‘travesseiro’ + *kake*) e *makurakaba* (*makura* + *kaba* ‘capa’ em inglês) resultando em “fronha”, da língua portuguesa. Em inglês, fronha é *pillowcase* ou *pillowslip*, e não influenciou a denominação japonesa, exceto por *kaba* (do inglês, *cape*). O fato de se usar *teburu* na formação *teburukake* é por o objeto “mesa de jantar” (e sua denominação *table*), como os conhecemos, terem sido introduzidos no Japão, pelos ingleses, em meados de 1800.

Em (42) e (43), temos a mesma base de formação. *Nipofilia* e *nipofobia* são formados pela justaposição de *nipo* às unidades lexicais *filia* e *fobia*, respectivamente. Tomamos as formações por justapostas, pelo fato de o dicionário eletrônico Houaiss considerar seus constituintes como elementos de composição, assim, *nipo* é tido como um elemento de composição antepositivo, este advindo de *Nippon* (“Japão”), designa “aquilo que está relacionado ao Japão”. No caso de *nipofilia*, *filia* (do grego *phílos*) constitui um elemento de composição pospositivo, originalmente significando “amigo, queredor, amizade”. Atualmente carrega sentido pejorativo, com conotação sexual, contrariando o significado original. No caso de *fobia* (do grego *phóbos*), substantivo que, em alguns casos, constitui elemento de composição pospositivo, designa “medo, aversão, horror” a algo ou alguém. Ambas as formações tem sentido sintagmático, *nipofilia* como o “vício por tudo que for relativo ao Japão ou a japoneses”, e *nipofobia*, por sua vez, como o “medo ou aversão a tudo que for relativo ao Japão ou a japoneses”, com relação a este último sentido, foi encontrada a formação *japanofobia*, advinda do inglês *japanophobia*. Essas formações foram consideradas neológicas, pelo fato de não constarem nos dicionários utilizados como referências, e terem relação com “Japão”, apesar de seus constituintes já serem considerados parte da língua portuguesa, o que foge parcialmente do foco da pesquisa, a saber, palavras com base japonesa de formação.

5.6. MESCLAGEM LEXICAL

Este processo de formação de palavras, semelhante à composição, tem várias denominações, como visto no capítulo 4 (item 4.5.6.). Utilizamos aqui a expressão *mesclagem lexical*. Apesar de considerada por Gonçalves (2012) como um processo não-concatenativo e marginal, a *mesclagem lexical* tem desempenhado um papel importante na morfologia atual do português, e valorizado a sua utilização em textos publicitários, jornalísticos e literários, com a função de chamar a atenção do leitor/ ouvinte. É um processo que exige um nível elevado de criatividade linguística por parte do criador, pois forma-se um único item léxico que contém o significado de duas ou mais palavras, ao contrário da composição, na qual duas palavras, com diferentes significados, se juntam para formar uma nova palavra com significado único, diferente do significado das primitivas.

No *corpus*, encontramos seis casos de *mesclagem lexical*, compondo 6,67% do total de neologismos, são eles:

- (44) *Deliciosas combinações, preparadas com os melhores ingredientes. Caipiroska Smirnoff, **Caipisakê** Jun Daiti.* [FICHA 17]
- (45) *@ **Karaoobar** <http://instagram.com/p/XMJZAwsBOR/> “.* [FICHA 32]
- (46) *“Artigo: Eu falo “**nihonguês**!”.* [FICHA 48]
- (47) *“Para estrear a seção, uma clássica **sakerinha** de frutas. O drink, é a versão da famosa caipirinha brasileira, só que em vez de usar vodca ou cachaça, é usado o sake.”* [FICHA 68]
- (48) *“tenho somente 5 anos no país, falo o idioma o suficiente p nw depender de **tantrouxas** e empreit, nw leio nem escrevo, mas TRABALHO...”* [FICHA 79]
- (49) *“**Yakisobra** é um Yakisoba feito com aqueles legumes que sobraram na geladeira, a gente junta tudo na panela e faz uma comidinha bem gostosa e barata.”* [FICHA 89]

Em (44) e (47), temos a mescla de *caipirinha* + *sake*, ou *sake* + *caipirinha*, resultando em *caipisake* e *sakerinha*, respectivamente. Ambas mesclagens

designam a bebida feita da mesma forma que a tradicional caipirinha brasileira, porém, utilizando *sake* no lugar da cachaça.

Em (45), a formação *karaobar* advém da mesclagem de *karaokê* + *bar*, designando um estabelecimento (tradicional bar) que oferece um divertimento extra, o *karaokê*. Na língua japonesa, *karaokê* é formado por *kara* “vazio” + *oke* (redução de *okesutora*, do inglês *orchestra*), e pode ser literalmente traduzido como “sem orquestra”, contudo é popularmente conhecido como uma espécie de divertimento em que um cantor amador canta no microfone, acompanhado ou não de playback, ou fundo musical.

Na ocorrência (46), *nihonguês* é a mescla de *nihongo* “japonês” + *português*, e designa a mistura da língua japonesa com a portuguesa na interação comunicativa. É quase um caso de *code-mixing*, com interferências de unidades linguísticas do japonês na estrutura da língua portuguesa.

Em (48), a formação neológica *tantrouxas* advém da mescla de *tantosha* + *trouxa*. Em japonês, *tantosha* é o responsável pela seção em uma empresa ou firma. Ao mesclar *tantosha* com *trouxa*, o falante demonstra seu desprezo pelos responsáveis por determinado departamento, e que agem de maneira escrota em relação aos seus subordinados. Além disso, o falante mostra a atenção dada à semelhança fonética e fonológica das palavras. A mesma atenção é dada à formação em (49), na qual, o falante mescla as palavras *yakisoba* e *sobra* (resto de comida), para designar um prato feito com a mistura de vários alimentos, assim como o tradicional *yakisoba*, porém com sobras de outros pratos, mais o macarrão. Vale lembrar que, em japonês, *yaki* significa “grelhado ou frito”.

5.7. NEOLOGIA SEMÂNTICA

A neologia semântica diz respeito à mudança de sentido de uma palavra já existente, ou seja, é atribuído um novo significado a uma palavra, sem alteração formal da mesma. Em buscas por neologismos em determinado *corpora*, deve-se ressaltar a dificuldade de encontrar neologismos semânticos, pois geralmente são palavras existentes na língua, as quais não são detectadas por ferramentas de extração de dados neológicos. Essas palavras são percebidas como tal apenas pela

observação do contexto na qual está inserida. Encontramos apenas 1 (um) caso de neologismo do tipo semântico, o que representa 1,11% do total.

(50) “*Chega na mina e fala...Mina você não é sushi...mas eu tô afim de te comer com meu **hashi**.*” [FICHA 28]

Neste caso específico, em (50), temos um neologismo metafórico, pelo qual, o termo *hashi* (talheres orientais, pauzinhos ou palitinhos), é utilizado para designar o órgão genital masculino, o pênis, vulgarmente chamado de “pau”. Há relação entre a forma do objeto e o órgão masculino, bem como com a designação popular “pau”, portanto trata-se de uma metáfora por semelhança.

5.8. ANALOGIA

A analogia, a qual pode ser definida como o processo de modificação ou criação de uma forma linguística com base em outra já existente na língua, apesar de não gerar uma série produtiva, pressupõe claramente a criatividade lexical que o falante possui, bem como sua percepção da língua e de tudo que o cerca.

Do total de neologismos extraídos, foram encontrados dez casos (11,11% dos dados) que podem ser considerados analógicos, relacionados de (51) a (60), nos contextos abaixo:

(51) “*Benkyoushimashou ka minna ?? Amo Muito tudo isso ..**AISHITERECO**...*” [FICHA 03]

(52) “*Eu vou levar os Komimonos, quem vai levar os **Bebimonos**?*” [FICHA 12]

(53) “*fiz isso num ato de ficar dizendo senpai **conpai** –q órfão –q*” [FICHA 20]

(54) “*-Sensei, me empresta **dishonario**??*” [FICHA 22]

(55) **Harahetado** [FICHA 26]

(56) “*E é nesse passo, sem perder o fôlego, que a revista **Hashitag** completa um ano de existência.*” [FICHA 27]

- (57) “Eu vou levar os **Komimonos**, quem vai levar os **Bebimonos**?” [FICHA 39]
- (58) “Ano... **mimizão dokodesuka?**” (É... onde está o 'mimizão') [FICHA 45]
- (59) **Tanbozal** [FICHA 78]
- (60) “Estou **tsukaretado**.” [FICHA 84]

Em (51), temos a forma linguística *aishitereco*, cuja formação é análoga a *amoreco*. Em japonês, *aishiteru* significa “amo, gosto de”, portanto, equivaleria a *amor* em (amor+eco). Podemos observar formação semelhante em (52), onde *bebimono* é o mesmo que “bebida”. Formação esta, espelhada na palavra do japonês *nomimono* (*nomu* (beber) + *mono* (coisa física) = bebida), tendo o falante apenas trocado a primeira parte do vocábulo “nomi” por “beber”, ou seja, *beb(er)* + *mono*. Há também em (57), a mesma formação base de *bebimono*, ou seja, *komimono* é formada por analogia à palavra japonesa *tabemono* (*taberu* (comer) + *mono* (coisa física) = comida). Neste caso, em *komimono* (com(er) + *mono*), há a troca do grafema < c >, pelo fone correspondente [k], este último, mais comum na escrita romanizada da língua japonesa.

Em (53), a analogia é de oposição, baseada na sonoridade da palavra (*senpai*), e no seu significado em português, ignorando o significado real da palavra japonesa *senpai*, “veterano, mestre”. Levando em consideração apenas a sonoridade, teríamos *senpai* com o significado de “uma criança sem pai, ou seja, órfã”, por esse motivo a formação análoga e oposta *conpai*, “criança com pai”.

No contexto em (54), há claramente analogia à palavra *dicionário*, sem alteração de significado. O falante apenas ‘brincou’ com a semelhança fonética das palavras *dicionário* [dʒisɨɔnariu] e *jisho* [dʒiʃo], formando assim, a unidade lexical *dishonário* [dʒiʃonariu].

Em (55), não há um contexto, mas supõe-se que *harahetado* seja análogo a esfomeado. Na palavra *harahetado*, “haraheta” equivale a “estar com a barriga vazia, estar com fome”, em contexto informal. Neste caso, *hara* é “barriga”, e a formação pode ter sido espelhada na palavra *esfomeado*, do português. O acréscimo do *-ado* ao final da palavra, indica uma forma de aportuguesar a expressão, adjetivando-a em uma única palavra. Na língua japonesa, “esfomeado” é designado pela palavra expressão *kufuku na (hito)*, que também carrega o sentido de “estar com a barriga vazia”. Formação semelhante à *harahetado* observamos em

(60), na qual *tsukaretado* pode ser considerado análogo a *tsukareta*, adjetivo que em japonês significa “cansado”. O falante inseriu *-ado* ao final, adjetivando uma palavra que já era um adjetivo, sem alterar seu significado original.

Já em (56), a formação não tem partes da língua portuguesa, mas sim da língua inglesa com a japonesa. A formação neológica *hashitag* é feita por espelhamento à palavra – também recente – *hashtag*. Na linguagem da internet, *hashtag*, representado pelo símbolo “#”, funciona como um indexador, um conector de links relacionados. *Hashitag*, nome de uma revista digital de culinária japonesa moderna, traz a formação *hashi + tag*, na qual *hashi* faz referência à culinária. A troca de *hash* por *hashi* se faz devido semelhança fonética e fonológica.

Em (58), a analogia se faz à palavra *orelhão*, do português. O termo *orelhão* é de fala popular (dito assim, por assemelhar-se ao formato de uma orelha), o correspondente correto na língua portuguesa seria *telefone público*. *Mimi* é orelha, em japonês, por esse motivo, a analogia com *orelhão*. (*Mimizão* = *orelhão*). Em japonês, *telefone público* é [*kōshū denwa*].

Em (59), *tanbozal* é análogo a *arrozal*. Em japonês, *tanbo* já significa “arrozal”, pois é traduzido como “plantação ou campo onde se planta arroz”. O reforço em acrescentar o sufixo *-al* (cultivo de vegetais), seria uma maneira de “aportuguesar” a palavra e correspondê-la com *arrozal*. Em japonês, *arroz* (já próprio para o consumo) é chamado de *gohan*.

5.9. IMPORTAÇÃO DE PALAVRAS

No Brasil, a maioria das importações linguísticas advém da língua inglesa, pelo prestígio e influência indiscutíveis que tal língua exerce no mundo. Hoje, lenta e gradualmente, a tradição, culinária e cultura japonesas vêm tomando lugar no cenário brasileiro, e, juntamente, palavras japonesas adentram e se estabelecem no nosso vocabulário. No geral, em se tratando da língua japonesa, a maioria das palavras é importada quando seu objeto também o é. Assim, palavras como *sushi*, *sashimi*, *karaoke*, *bonsai*, *hashi*, *judô*, *origami*, *sake*, já fazem parte do cotidiano de muitos brasileiros, e não causam mais estranheza a esses falantes.

Existem duas fases no processo de importação de palavras de outra língua. A primeira fase é chamada estrangeirismo, no qual a palavra importada é sentida

como estrangeira, estranha. Neste caso, relacionamos no *corpus*, apenas dois exemplos (2,22% do total de neologismos), como pode ser observado abaixo:

- (61) “A cultura *Lolita* está crescendo no Brasil. Hoje há uma ação chamada **Revolução Kawaii**, que promete disseminar ainda mais a moda *Lolita* no Brasil.” [FICHA 67]
- (62) “Eles falam que nossa língua é *burajirogô* (alusão a língua brasileira) e que deveria ser **portugarogô**, língua portuguesa.” [FICHA 65]

Em (61), *Revolução Kawaii* pode ser entendida como o decalque parcial de *kawaii revolution*, expressão esta, utilizada no mundo inteiro. Literalmente, *Kawaii* significa “fofo, adorável”. No Japão, a palavra *kawaii* adquiriu outro sentido, se tornou um estilo de vida, abrangendo o modo de se vestir, falar, andar, se comportar publicamente, o modo “fofo”. Este estilo de vida está sendo importado para o Brasil, e crescendo, após a nomeação, pelo governo japonês, de uma “Embaixadora Kawaii” no país em 2009. Aoki Misako tem a missão de promover esta cultura por aqui.

Em (62), *portugarogo* (ポルトガル語) pode ser literalmente traduzido como língua portuguesa. A leitura correta da palavra seria [porutogarugo]. É um caso de estrangeirismo por ter origem de outra língua, e apesar de haver a palavra ‘português’ na nossa língua, alguns falantes optam por utilizar a variante japonesa.

No *corpus*, relacionamos palavras de formação japonesa + portuguesa. As bases japonesas utilizadas advêm principalmente de palavras que podem ser consideradas estrangeirismos para os falantes brasileiros, já que muitas delas não estão dicionarizadas. Contudo, não as relacionamos pelo fato de tais palavras comporem as formações, e não serem as formações em si, ou seja, apenas partes dessas palavras foram utilizadas nas criações lexicais.

A segunda fase do processo é o empréstimo linguístico, neste caso, trata-se do empréstimo externo, e representa a fase no qual a palavra já adentrou o sistema da língua receptora, e já sofreu adaptação ao sistema, ou seja, foi aportuguesada. Podemos citar exemplos como *caratê* (de *karate*), *yakissoba* (de *yakisoba*), *caraoquê* (de *karaoke*), *saquê* (de *sake*), *decasségui* (de *dekasegi*), dentre outras.

Essa adaptação ao sistema da língua pode ser fonológica, ortográfica, morfológica ou semântica, bem como por decalque (tradução literal).

Vale lembrar também que a adoção de palavras importadas pode produzir palavras derivadas, tais como *origamista* (de origami), *judoca* (de judô), *carateca* (de caratê), estas já criadas exclusivamente pelo sistema da língua portuguesa, já que não têm correspondentes diretos na língua japonesa.

Lembramos que, dos 102 candidatos a neologismos extraídos, relacionamos 90 ocorrências como neologismos de fato. Os candidatos a neologismos descartados foram: *decasségui*, *ex-dekassegui*, *hanazinho*, *judoca*, *karateca*, *kurozão*, *kurozinho*, *nipo-brasileiro*, *nipônico*, *niponifilia*, *okinawanos* e *origamista*. Essas formações foram descartadas por em alguns casos, constituírem substantivos próprios, estarem dicionarizadas, serem derivadas delas, ou terem as duas bases próprias da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal analisar os mecanismos de criação lexical utilizados por falantes de português, descendentes de japoneses ou não, os quais, por terem algum conhecimento da língua japonesa, utilizam da sua criatividade linguística para criar palavras provenientes de ambas as línguas.

Para isso, selecionamos um conjunto de 90 unidades lexicais neológicas retiradas de contextos presentes em sites e domínios da internet, e utilizamos como referencial teórico os pressupostos da Lexicologia e Neologia, dispostos em trabalhos como os de Biderman (1978, 2001); Alves (1990); Basílio (1991); Barbosa (1998, 2000); Pilla (2002); Kehdi (2007); Carvalho (2009, 2012); Correia e Almeida (2012); Gonçalves (2012).

Contemporaneamente, a internet pode ser considerada a ferramenta de interação linguística mais dinâmica, rápida e abrangente criada pelo homem. Buscamos então, contextos linguísticos que tivessem relação com a língua e cultura japonesas, uma vez que visávamos formações de palavras que partissem de bases lexicais da língua japonesa, ou que apresentassem partes de palavras da língua japonesa em sua estrutura. Como pensávamos, esta busca tornou-se produtiva. Partimos então, para a seleção do *corpus*, visando a recolha dos candidatos a neologismos.

Nesta primeira etapa, foram selecionadas cento e duas formações candidatas a neologismos, e delas, noventa foram confirmadas como tal. O segundo passo foi analisar cada neologismo, levando em consideração parâmetros como: (a) tipo de neologismo, (b) tipo de base linguística, (c) tipo de processo na formação da unidade lexical, (d) função linguística do neologismo, (e) contextualização, (f) formas flexionais e variantes.

Esta análise detalhada dos neologismos permitiu observarmos que, dentre os tipos de neologismos existentes no *corpus*, o neologismo sintático se fez mais presente. Também permitiu a confirmação de que, assim como ocorre na língua portuguesa, no *corpus*, o processo de formação lexical mais produtivo foi a derivação, mais precisamente, a sufixal, seguida pelo processo de analogia.

Ser a analogia o segundo processo mais produtivo nos dados extraídos foi uma surpresa, visto que na língua portuguesa, ela ainda é considerada um processo marginal, de pouca produtividade, devido ao alto nível de criatividade linguística que

exige. Todas as formações analógicas encontradas no *corpus* mostraram a alta capacidade de associação e correlação, tanto semânticas, quanto estruturais, das línguas japonesa e portuguesa pelos falantes.

No que se refere à função exercida pelos neologismos selecionados no *corpus*, ressaltamos que, assim como todo neologismo criado em qualquer língua, estes foram criados a partir da necessidade de comunicação, veiculação e expressão de ideias, denominação de novos objetos, sentimentos e conceitos, por parte dos falantes, em determinado momento de suas vidas.

Todos os neologismos extraídos foram analisados com base no contexto no qual estavam inseridos, e assim, pudemos observar que todos têm um propósito linguístico. Esses contextos, em sua totalidade, remeteram a fatores e fatos relacionados de alguma forma ao Japão.

Quanto às formas flexionais e variantes os dados foram escassos, o que comprova a dificuldade de criação desses neologismos, mesmo em contextos variados e por falantes diferenciados.

Em uma análise geral, foi possível observar que, em relação às palavras derivadas, todos os afixos utilizados foram provenientes da língua portuguesa, isso se deve supostamente ao fato de a língua portuguesa ser uma língua flexiva, e a língua japonesa, aglutinativa.

Outro ponto de destaque é o perfil do falante. Pela análise do contexto, percebemos que o falante não é exigente quanto às regras da gramática da língua portuguesa, isso se deve ao fato de a internet ser um ambiente que propicia essa liberdade. Deste modo, a linguagem utilizada nos contextos pode ser caracterizada como “escrita oral”, ou seja, fora do padrão da norma culta da língua portuguesa. Além disso, pudemos observar que a utilização da língua japonesa, se limita a um conhecimento básico da mesma pelos falantes, pois várias formações utilizaram como base formas tidas como informais ou dialetais. As formações neológicas advêm de falantes que possuem certo grau de contato e familiaridade com a língua japonesa. Um falante, mesmo que descendente, que não use a língua japonesa na comunicação, dificilmente criará neologismos neste âmbito.

Concluimos que, diante da alta produtividade das criações lexicais observada nos contextos selecionados, a criação de neologismos tende a aumentar, devido à presença cada vez maior da língua e cultura japonesas no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. (supl.), p. 119-126, 1984.

_____. **Neologismo: Criação Lexical**. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.

_____. Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. v. 3. p. 77-92.

_____. (Org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. 291 p.

ANTUNES, Mafalda. **Neologia de imprensa do português**. 2012. 291 fls. Tese (Doutorado em Linguística – Língua Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de; AIRES, Pedro. (Orgs.). **A língua portuguesa no Japão**. São Paulo: Paulistana, 2008. 90 p.

AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 264 p.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 31-49.

_____. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 176-191.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. 94 p.

_____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**, 2.ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 160 p. Traduzido de: La Sociolinguistique.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos, informação e criatividade. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 192-202.

_____. A criação neológica. **Revista Trama**, Cascavel, v. 2, n. 4, p.191-203, 2006.

_____. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009. 95 p.

_____. Caminhos do neologismo no Brasil. In: ALVES, Maria Ieda. **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 277-291.

_____. (Org.). **Criação Neológica**: teoria e prática. Curitiba: Appris, 2012. 174 p.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 111p.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005. 151 p. Traduzido de: The language revolution.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DIAS, Alberto Emerson Werneck. **Renovação lexical do esperanto**: mecanismos de formação de neologismos. 2007. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística - Instituto de Letras) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DOI, Elza Taeko. O ensino do japonês no Brasil como língua de imigração. **Estudos linguísticos**, São Paulo, n. 35, p. 66-75, 2006.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação** (Impresso), Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Neologismos na publicidade impressa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. v. 3. p. 54-64.

_____. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, Maria Ieda. (Org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 251-275.

_____. A neologia formal no português brasileiro: os casos marginalizados. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). **Neologia e Neologismos no Brasil – Século XXI**. 2. ed. Curitiba: Prismas. 2012.p. 407-428.

FUCHS, Cristina Yukie Miyake. **Interferências fonológicas nos falantes bilíngues de português e do japonês**: fatores socio e psicolinguísticos. 1996. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

GENOUVRIER, Émile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Almedina, 1974. 443 p.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: Os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, p. 219-250, 2006.

_____. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. **Signum**: Estudos de Linguagem, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, jun. 2012.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, M. G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. v. 2. 381 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. v. 3. 483 p.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007. 69 p.

MARONEZE, Bruno Oliveira. A expressão da afetividade em neologismos por sufixação. In: ALVES, Maria Ieda. (Org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 121-146.

_____. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. 2011. 199 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. 263 p.

_____. _____. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. 267 p.

OTA, Junko. A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo: considerações sobre koronia-go. **Synergies Brésil**, França, n.7, p. 49-56, 2009.

PILLA, Éda Heloisa. **Neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: AGE, 2002. 104 p.

RIO-TORTO, Graça. Caminhos de renovação lexical: fronteiras do possível. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. v. 3. p. 23-40.

SILVA, José Pereira da. (Org.). **Neologia e Neologismos no Brasil – Século XXI**. 2. ed. Curitiba: Prismas. 2012. 405 p.

SILVA, Marta de Oliveira. **“Tweologism” e “tuiteiro”**: criação de novas palavras no Twitter. 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2010.

TAKANO, Yuko. As faces do bilingüismo nipo-brasiliense: um olhar sob perspectiva da tensão diglôssica. In: Congresso Internacional de Humanidades, 10, 2008,

Brasília. **X Congresso Internacional de Humanidades - Palavra e Cultura na América Latina: Heranças e desafios**. Chile: Editoração Acadêmica, 2008. Não paginado.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 364 p. Traduzido de: Key Concepts in language and linguistics.

WAKISAKA, K. **Michaelis**: dicionário prático japonês-português. 2. ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2012. 565 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Fichas lexicográficas de análise e catalogação dos neologismos

Abaixo, organizamos, em ordem alfabética, as fichas lexicográficas com os neologismos encontrados. Nelas, como já descrito anteriormente no capítulo 1, item 1.2.4., estão contidos todos os aspectos de análise referentes ao neologismo apresentado.

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [01]	Aburazinha	Adjetivo	<i>Abura</i> em japonês significa <i>gordura</i> , neste caso, o termo <i>aburazinha</i> é traduzido como “gordurinha”, podendo significar “gordinha” neste contexto, designando uma forma de tratamento e/ou caracterização. Dessa forma, o neologismo carrega a função de atitude subjetiva, ou seja, expressa a atitude emocional do falante perante o objeto ou pessoa mencionado.	Neste caso, ocorre primeiro o processo de derivação imprópria, mais especificamente, a adjetivação denominal, logo após, o processo de derivação sufixal (adjetivação), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> à base “ <i>abura</i> ”, indicando valor afetivo e diminutivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>daki a poko vc me passa aburazinha!”</i>		
	Fonte(s)	http://www.facebook.com/photo.php?fbid=370248903082867&set=t.100003616565005&type=3&theater		
Ficha [02]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Aburazudo	Adjetivo	Aumentativo do substantivo <i>abura</i> , que significa <i>gordura</i> , neste caso, utilizando a unidade neológica como um adjetivo para caracterizar/ tratar o	Neste caso, ocorre primeiro o processo de derivação imprópria, mais especificamente, a adjetivação denominal, logo após, ocorre o processo de derivação sufixal (adjetivação),

			indivíduo, expressando a atitude emocional do falante perante a pessoa mencionada. Pode ser traduzido por “gorducho”.	com o acréscimo do sufixo <i>-udo</i> , indicando valor afetivo, à base “abura”.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“KKKKKKKKKK' lxi , sei nn heein aburazudo ”		
	Fonte(s)	http://www.facebook.com/photo.php?fbid=370248903082867&set=t.100003616565005&type=3&theater		

Ficha [03]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Aishitereco	Substantivo	Em japonês, <i>aisuru</i> significa <i>amar, gostar muito de</i> . <i>Aishiteru</i> é a forma conjugada no presente do verbo <i>aisuru</i> , e significa <i>amo, gosto de</i> . Neste contexto, <i>aishitereco</i> é relativo à <i>amoreco</i> , do português. Demonstra afeto/afetividade por parte do falante.	Neologismo formado por meio de analogia à palavra <i>amoreco</i> , do português. Neste caso, <i>aishiteru</i> equivaleria a <i>amor</i> . O sufixo <i>-eco</i> indica diminutivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Benkyoushimashou ka minna ?? Amo Muito tudo isso .. AISHITERECO ...”		
	Fonte(s)	https://www.facebook.com/photo.php?fbid=580680005332801&set=a.473435226057280.113178.100001724197500&type=1&theater		

Ficha [04]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Anti-akumas	Adjetivo	No <i>anime</i> “Dr. Grey-man”, um “akuma” é uma arma criada a partir das almas dos falecidos quando seus entes queridos amaldiçoam deus	Neologismo formado pelo processo de prefixação, no qual o prefixo <i>anti-</i> é anteposto ao substantivo “akuma”, trazendo a ideia de contrariedade, oposição.

			pela sua perda. Assim, para lutar contra os “akumas”, os chamados <i>Exorcistas</i> utilizam das armas “anti-akumas”, criadas a partir da Inocência. Na língua japonesa, <i>akuma</i> significa “demônio, espírito mau”.	
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Ainda por cima, ela ficou viva e é portadora da única arma anti-akumas revelada no anime.”		
	Fonte(s)	http://otakises.blogspot.com.br/search?updated-max=2010-12-29T10:40:00-02:00&max-results=7&start=14&by-date=false		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [05]	Anti-otakus	Adjetivo	No Japão e em outros países, <i>otaku</i> é um termo utilizado para designar fãs de animes e mangás. Logo, <i>anti-otaku</i> conceitua tudo que for contrário ao universo dos <i>otakus</i> .	Neologismo formado pelo processo de derivação prefixal, no qual o prefixo <i>anti-</i> é anteposto ao substantivo “otaku”, trazendo a ideia de contrariedade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Por muitos é considerada uma lei anti-Otaku , algum conteúdo é pura e simplesmente proibido enquanto que outro considerado “prejudicial” é atirado para a secção de entretenimento para adultos, via internet será praticamente impossível adquirir estes animes/ mangas/ jogos.”		
	Fonte(s)	http://otakises.blogspot.com.br/search?updated-max=2010-12-29T10:40:00-02:00&max-results=7&start=14&by-date=false		

Ficha [06]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Anti-sakura	Substantivo	Pessoas que não gostam ou se consideram contrárias à personagem Haruno Sakura, do <i>anime</i> Naruto.	Termo formado por meio da derivação prefixal, com o acréscimo do prefixo <i>anti-</i> , que indica contrariedade, oposição.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Bom, posso dizer que indiretamente eu faço parte do clube anti-Sakura (mas só quando inventam uma NaruSaku!! eu odeio!!!)”		
Fonte(s)	http://m.fanfiction.com.br/reviews/historia/14159/offset/180			

Ficha [07]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Bakazão	Adjetivo	No japonês, <i>baka</i> é um adjetivo que equivale a <i>bobo</i> , <i>tolo</i> , ou <i>idiota</i> . Designa uma forma de tratamento e/ou caracterização do indivíduo, no caso, pelo intensificador.	Neologismo formado a partir do processo de derivação, com o acréscimo do sufixo <i>-ão</i> indicando valor afetivo, à base “baka”.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“O @shinjii_j é um BAKAZÃO! XPP (haha vou twittar isso toda vez que ele me encher o saco) XDD”		
Fonte(s)	https://twitter.com/v_yumikoga/status/132067233466822656			

Ficha [08]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Bakazinha	Substantivo	No japonês, <i>baka</i> é um adjetivo que equivale a <i>bobo</i> , <i>tolo</i> , ou <i>idiota</i> . Designa uma forma de tratamento e/ou caracterização do indivíduo.	Neste caso, ocorre primeiro o processo de derivação imprópria, mais especificamente, a nominalização adjetival, logo após, ocorre o processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , indicando valor afetivo e diminutivo, à base “baka”.

Forma(s) variante(s)	
Contexto(s) de uso	“Saah Bakazinha! @Bakazinha_22 abr Atualizandooo~~~~ - yoooooooooooo meus bakas ! Z quanto tempo x.x”
Fonte(s)	https://twitter.com/Bakazinha_

Ficha [09]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Batchanzinha	Substantivo	Em japonês, <i>obachan</i> significa literalmente <i>vovó</i> . No contexto de uso, o primeiro exemplo é uma forma de caracterização do indivíduo, e no caso, poderia ser traduzido como <i>vovozinha</i> , remetendo ao sentido original do sufixo <i>-inh</i> , ou seja, de diminutivo (tamanho). No segundo exemplo, é uma forma de tratamento, indicando valor afetivo apenas.	Neologismo formado a partir do processo de derivação sufixal (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , indicando diminutivo e valor afetivo, à base “obachan”. A retirada do “o” inicial e o acréscimo do grafema < t > na base constituem adaptações fonológicas. O < ch > em japonês corresponde ao fone [tʃ].
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Super original, uma era batchanzona, pq ela era maiorzinha e a outra pequenininha, batchanzinha... lindas as duas!!!” “Esta é a minha Batchanzinha mais linda do mundo. Ela acabou de fazer 95 anos.”		
Fonte(s)	http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?na=3&nid=140891-824539-4689488706749638527&nst=11&tid=824539&cmm=140891&hl=pt-BR http://www.japao100.com.br/perfil/541/galeria/			

Ficha [10]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Batchanzona	Substantivo	Em japonês, <i>obachan</i> significa <i>vovó</i> . Designa a caracterização da pessoa, no caso, remete ao tamanho da <i>vovó</i> , tudo indica que ela era considerada grande pelo falante.	Neologismo formado a partir do processo de derivação sufixal (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-ona</i> , indicando aumentativo, à base “ <i>obachan</i> ”. A retirada do “o” inicial e o acréscimo do grafema < t > na base constituem adaptações fonológicas. O < ch > em japonês corresponde ao fone [tʃ].
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>Super original, uma era batchanzona, pq ela era maiorzinha e a outra pequenininha, batchanzinha...</i> lindas as duas!!!”		
Fonte(s)	http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?na=3&nid=140891-824539-4689488706749638527&nst=11&tid=824539&cmm=140891&hl=pt-BR			

Ficha [11]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Batyanês	Substantivo	Em japonês, <i>obachan</i> significa <i>vovó</i> . O <i>batyanês</i> ou <i>batchanês</i> designa a língua falada pelos avós ou pessoas idosas, ou seja, uma mistura de português e japonês, com interferência linguística de e em ambas as línguas. Uma espécie de <i>code-switching</i> entre as línguas portuguesa e japonesa.	Neologismo formado a partir do processo de derivação sufixal (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-ês</i> , formador de gentílicos, e relativo à língua. A troca do <ch> pelo <ty> é adaptação fonológica, pois < ch > em japonês corresponde ao fone [tʃ]. Bem como a remoção do “o” inicial.
	Forma(s) variante(s)	Batchanês		
	Contexto(s) de uso	“ <i>Voce fala Dekasegues? E Batyanes?</i> ”		
Fonte(s)	http://hidemi-dekasegui.blogspot.com.br/2008/06/voce-fala-dekasegues-e-batyanes.html			

Ficha [12]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Bebimonos	Substantivo	Termo criado a partir da palavra <i>nomimono</i> , que significa <i>bebida</i> , em japonês.	Neologismo formado por analogia à palavra japonesa <i>nomimono</i> (<i>nomu</i> (beber) + <i>mono</i> (coisa física)).
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Eu vou levar os <i>Komimonos</i> , quem vai levar os <i>Bebimonos</i> ?”		
Fonte(s)	http://denisnishimura.blogspot.com.br/2011/05/eu-falo-nihongues.html			

Ficha [13]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Benkyoushimasar	Verbo	Em japonês, <i>benkyosuru</i> significa <i>estudar</i> . Já a forma conjugada <i>benkyoshimasu</i> , significa <i>estudar</i> (utilizado no tempo presente ou no futuro). Designa o ato de estudar a língua japonesa.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação (verbalização deverbal), no qual há o acréscimo do sufixo <i>-ar</i> , designando verbos da primeira conjugação no infinitivo, à base <i>benkyoushimasu</i> . Há perda morfológica por parte da base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Vamos <i>benkyoushimasar!</i> lo!”		
Fonte(s)	https://www.facebook.com/photo.php?fbid=580680005332801&set=a.473435226057280.113178.100001724197500&type=1&theater			

Ficha [14]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Bonsaizinho	Substantivo	Literalmente, <i>bonsai</i> significa “árvore em bandeja” ou “árvore em miniatura”. Uma espécie de réplica em miniatura de uma árvore	Neologismo formado pelo processo de derivação por sufixação (nominalização denominal), no qual se acrescentou à base <i>bonsai</i> , o sufixo <i>-inh</i> , indicador de diminutivo.

		encontrada da natureza. Bonsaizinho indica algo menor que o próprio <i>bonsai</i> . A utilização do sufixo indicador de diminutivo reforça ainda mais a ideia de algo pequeno.	
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	“ Bonsaizinho , inho , inho...”	
	Fonte(s)	http://arte108.forumeiros.com/t2004-bonsaizinho-inho-inho http://odestinomarcaahora.blogspot.com.br/2012/04/bonsaizinho-da-pascoa.html	

Ficha [15]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Buchozada	Substantivo	Em japonês, <i>bucho</i> é a pessoa responsável pelo setor e/ou departamento, ou seja, chefe, diretor ou gerente de departamento. O termo em questão designa ideia de coletividade, um grupo de <i>bucho</i> .	Neologismo formado a partir do processo de derivação por sufixação (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-ada</i> indicando coletividade, à base <i>bucho</i> . O < ch > em japonês corresponde ao fone [tʃ].
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Veio...valeu a força! O Churras da Buchozada foi bom!brasssooo”		
	Fonte(s)	http://www.fotolog.com.br/celsosakuraba/27501193/		

Ficha [16]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Burajirugo	Substantivo	Termo utilizado para designar <i>língua brasileira</i> , alusão à língua falada no Brasil, a língua portuguesa.	Neologismo formado pelo processo de composição por justaposição, no qual a unidade lexical “burajiru” (ブラジル), ou seja, Brasil, (com adaptação fonética e fonológica)

			se antepõe a unidade lexical japonesa “go”, que significa “língua, idioma”.
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	“Eles falam que nossa língua é burajirogô (alusão a língua brasileira) e que deveria ser portugarogô , língua portuguesa.”	
	Fonte(s)	http://traducao-japones.blogspot.com.br/2011/11/voce-conhece-coloniago-lingua-falada-na.html	

Ficha [17]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Caipisakê	Substantivo	Bebida nova, semelhante à caipirinha brasileira, feita com saquê no lugar da tradicional cachaça. <i>Sake</i> , em japonês, pode também designar bebida alcoólica produzida pela fermentação do arroz.	Neologismo formado por meio do processo de mesclagem lexical, onde se utiliza duas bases lexicais, caipirinha e sake, para formar uma nova unidade. Há perda de massa morfológica na palavra <i>caipirinha</i> para a formação do neologismo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Agora no Villa toda quinta é dia de caipiras com preço especial! Deliciosas combinações, preparadas com os melhores ingredientes. <i>Caipiroska Smirnoff</i> Caipisakê Jun Daiti <i>Caipirinha Nega Fulô Carvalho</i> ”		
	Fonte(s)	http://villascambo.com.br/destaque/B60987CAB14-caipiras_caipisake_e_smirnoff_mix		

Ficha [18]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Chawanzinho	Substantivo	Genericamente, o <i>chawan</i> é uma tigela utilizada para preparar e beber chá. Também utilizada para refeição. <i>Chawanzinho</i> é o diminutivo da palavra <i>chawan</i> , ou seja, um <i>chawan</i> pequeno.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , indicador de diminutivo, à base <i>chawan</i> . Na forma variante apresentada, o [t] constitui uma simples adaptação fonológica.
	Forma(s) variante(s)	Tchawan		
	Contexto(s) de uso	“Não aguentei e acabei comendo um chawanzinho .”		
Fonte(s)	http://mayumizl.blog.uol.com.br/arch2009-09-13_2009-09-19.html			

Ficha [19]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Coloniago	Substantivo	Designa a língua falada nas colônias ou comunidades japonesas no Brasil. Nela, há a mistura das línguas portuguesa e japonesa.	Neologismo formado pelo processo de composição por justaposição, sem perda de unidade mórfica, pois há a junção das palavras “colônia” e “go”, que em japonês significa <i>língua</i> . Na forma variante, o [k] constitui adaptação fonológica.
	Forma(s) variante(s)	Koronia-go		
	Contexto(s) de uso	“Você conhece COLONIAGO , língua falada na comunidade japonesa?”		
Fonte(s)	http://traducao-japones.blogspot.com.br/2011/11/voce-conhece-coloniago-lingua-falada-na.html			

Ficha [20]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Conpai	Substantivo	Em japonês, <i>senpai</i> é o mesmo que veterano, mestre. <i>Conpai</i> seria uma brincadeira invertendo o significado de <i>senpai</i> , interpretada, neste caso, não	Neologismo formado pelo processo de analogia à palavra <i>senpai</i> .

		como veterano, mas sim como órfão, ou seja, uma criança <i>sem pai</i> .	
Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	<p>“fiz isso num ato de ficar dizendo</p> <p><i>senpai</i> conpai -q</p> <p>órfão -q”</p>		
Fonte(s)	http://sociedadeanimas.forumeiros.com/t814-acabei		

Ficha [21]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Dekaseguês	Substantivo	Língua falada pelos descendentes de japoneses, ou pelos decasséguis. Uma mistura de português e japonês, com interferência linguística de e em ambas as línguas. Apresenta traços de <i>code-switching</i> entre as línguas portuguesa e japonesa.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), a partir da palavra <i>dekasegi</i> (trabalhador temporário) com o acréscimo do sufixo -ês, formador de gentílicos, relativo à língua.
	Forma(s) variante(s)	Dekasseguês		
	Contexto de uso	<p>“Voce fala Dekasegues? E Batyanes?”</p> <p>“Quem não fala dekassequês?”</p>		
Fonte(s)	http://hidemi-dekasegui.blogspot.com.br/2008/06/voce-fala-dekasegues-e-batyanes.html http://gambare.uol.com.br/2008/03/25/quem-nao-fala-dekasseques/			

Ficha [22]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Dishonario	Substantivo	Em japonês, <i>jisho</i> significa dicionário ou glossário. <i>Dishonario</i> significa o mesmo, com adaptação fonética.	Trata-se de um neologismo do tipo fonológico, formado por analogia à palavra <i>dicionário</i> . No sistema alfabético japonês adaptado, o < j > é relativo à [d ₃], por isso a escolha de utilizar o /d/ no lugar do < j >.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“-Sensei, me empresta dishonario ??”		
Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=47784981&tid=5564074885904020694			

Ficha [23]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Dorameiro	Substantivo	Em japonês, <i>dorama</i> (ドラマ) ou drama (do inglês), são séries (novelas) asiáticas. Podem ser divididos em <i>K-dramas</i> (coreanos), <i>J-dramas</i> (japoneses), <i>TW-dramas</i> (taiwaneses), <i>C-dramas</i> (China) ou <i>HK-dramas</i> (Hong Kong). O termo “drama” foi ressignificado para <i>novela</i> perdendo o sentido original do inglês. Portanto, <i>dorameiro</i> é aquele que é fã, apreciador de <i>doramas</i> .	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo <i>-eiro</i> à base lexical <i>dorama</i> , trazendo a ideia de alguém que é fã de <i>doramas</i> . Trata-se de uma nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ Dorameiro que é dorameiro está sempre disposto a passar horas e horas falando sobre o ator Fulaninho, das gravações do drama X e como foi incrível a estreia de Y.”		
Fonte(s)	http://teleseries.uol.com.br/15-razoes-para-assistir-a-dramas-asiaticos/comment-page-1/			

Ficha [24]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Gambateando	Verbo	<i>Ganbate</i> em japonês significa “esforce-se”, verbo no imperativo. Advém de <i>ganbaru</i> , verbo que significa persistir, manter-se firme, resistir. Neste caso, o contexto de uso informa que a palavra adquiriu uma conotação diferente da original, podendo ser substituída por <i>lutando</i> ou <i>batalhando</i> (no sentido de viver, vencer os obstáculos).	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (verbalização deverbal), com o acréscimo do sufixo que indica gerúndio <i>-nd</i> , expressando uma ação em curso, à base já verbal, <i>ganbate</i> . Há o acréscimo do tema “a”, e a troca do < n > pelo < m >, adaptando-se à regra gramatical do português.
	Forma(s) variante(s)	Gambatiando		
	Contexto(s) de uso	“ Gambateando sempre ao seu lado!”		
	Fonte(s)	http://gambare.uol.com.br/aniversario-de-tres-anos/		

Ficha [25]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Gambatear	Verbo	<i>Ganbaru</i> em japonês significa “esforçar, persistir, resistir”. Verbo literalmente traduzido do japonês, indica o ato de esforçar-se, com o intuito de incentivar.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (verbalização deverbal), com o acréscimo do sufixo de primeira conjugação de verbos <i>-ar</i> , à base já verbal, <i>ganbate</i> . Há a troca do < n > pelo < m >, adaptando-se à regra gramatical do português.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“E os brasileiros, criativos como sempre, inventaram o gambatear .”		
	Fonte(s)	http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=95444		

Ficha [26]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Harahetado	Adjetivo	<i>Haraheta</i> é um termo utilizado para indicar quando uma pessoa está com fome, literalmente com a barriga vazia (designação informal), ou seja, com fome. Portanto, <i>harahetado</i> é o mesmo que esfomeado.	Neologismo formado pelo processo de analogia à palavra esfomeado, do português.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso			
	Fonte(s)	Comunicação pessoal		

Ficha [27]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Hashitag	Substantivo	Nome de uma revista digital cujo assunto envolve a moderna e tradicional culinária japonesa.	Neologismo formado por analogia ao termo da língua inglesa <i>hashtag</i> , que é um composto de palavras-chave com o símbolo “#”. Funciona como um indexador na rede (internet). Em <i>Hashitag</i> , trocou-se “hash” por “hashi”, devido à semelhança fonética.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“E é nesse passo, sem perder o fôlego, que a revista Hashitag completa um ano de existência.”		
	Fonte(s)	http://hashitag.com.br/edicoes/edicao-04/		

Ficha [28]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Hashi	Substantivo	O <i>hashi</i> , popularmente chamado de “palitinhos ou pauzinhos”, são varetas utilizadas como talheres em alguns países orientais. O neologismo indica a atitude subjetiva do falante e/ou caracterização do indivíduo e/ou objeto, no caso, para designar o órgão genital masculino pequeno, ou seja, um <i>pênis pequeno</i> .	Neste caso, o neologismo criado atinge o critério semântico, pois se utiliza da palavra <i>hashi</i> , resignificando-a, ou seja, há uma mudança semântica. Na menção, faz referência ao órgão genital masculino.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Chega na mina e fala...</p> <p><i>Mina você não é sushi...</i> <i>mas eu tô afim de te comer com meu hashi.</i></p> <p><i>As mina pira num hashizinho</i> <i>hauahuahauh.”</i></p>		
Fonte(s)	https://www.facebook.com/permalink.php?id=362779627110736&story_fbid=445047688883929			

Ficha [29]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Hashizão	Substantivo	O <i>hashi</i> , popularmente chamado de “palitinhos ou pauzinhos”, são varetas utilizadas como talheres em alguns países orientais. O termo <i>Hashizão</i> indica caracterização do objeto (tamanho).	Neste exemplo, o neologismo é formado pelo processo de derivação por sufixação, com o acréscimo do sufixo <i>-ão</i> , indicando aumentativo, à base “hashi”. Ocorre, neste caso, a nominalização denominal. No dicionário, consta como <i>fachi</i> , originário do chinês.
	Forma(s)			

	variante(s)	
	Contexto(s) de uso	“Comprei gohan e miso e sushi e mochi e shoyu e sake e utensílios pra fazer sushi e um hashizão :D”
	Fonte(s)	https://twitter.com/rhariane/status/207625186818785280

Ficha [30]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Hashizinho	Substantivo	O <i>hashi</i> , popularmente chamado de “palitinhos ou pauzinhos”, são varetas utilizadas como talheres em alguns países orientais. Neste caso, indica a atitude subjetiva do falante em relação ao objeto.	Neologismo formado pelo processo de derivação por sufixação (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> à base <i>hashi</i> , indicando diminutivo, no sentido afetivo da palavra.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Everton e seu yakisoba,,(ps: nessa hora un dos hashis caiu e ele tava comendo com apenas um hashizinho),,que dó que dó,”		
	Fonte(s)	https://picasaweb.google.com/106861465188682521661/LibaOtaku05062011#5657882786087465186		

Ficha [31]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Kangaetando	Verbo	<i>Kangaeru</i> significa pensar, imaginar, refletir. <i>Kangaetando</i> designa o ato de pensar, “estar pensando”.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (verbalização deverbal), com o acréscimo do sufixo que indica gerúndio <i>-nd</i> , expressando uma ação em curso, à base já verbal, <i>kangaeta</i> . Há o acréscimo do tema “a”.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“sera que um dia estarei contigo nesse mural???,bjo e se cuidaah to kangaetando iro iro, bjo e se cuida, fica com Deus”.		

	Fonte(s)	http://www.fotolog.com.br/carol_matsui/16184558/

Ficha [32]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Karaobar	Substantivo	Designa um tipo de estabelecimento (bar), o qual oferece a opção de karaokê como diversão. <i>Karaokê</i> ou <i>caraoquê</i> (adaptação) pode ser definido como um divertimento em que alguém do público canta no microfone, acompanhado ou não de playback.	Neologismo formado pelo processo de mesclagem lexical com a junção de <i>karaokê</i> + <i>bar</i> . Há perda morfológica por parte da primeira base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Karaokezando... #ParabensHugoBelens #medicina @ Karaobar http://instagram.com/p/XMJZAwsBOR/ “.		
	Fonte(s)	https://twitter.com/search?q=karaobar&src=typd		

Ficha [33]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Karaokezando	Verbo	Pode ser interpretado como o ato de “estar cantando” no <i>karaokê</i> .	Neologismo criado por um processo derivação sufixal, na qual há a verbalização de um substantivo, no caso, <i>karaokê</i> , por meio do acréscimo do sufixo verbal <i>-nd</i> (gerúndio) que traz a ideia de uma ação em continuidade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Photo: Karaokezando... ”		

Forma(s) variante(s)	
Contexto(s) de uso	<p>“Anônimo - 13/08/2004 Cara, o Que ? Um karaokezinho seria muito divertido. Japonês (eu) gosta Karaoke né !</p> <p>Adoraria ver alguém karaokezando o Alex Antunes ou o Naporano”</p>
Fonte(s)	http://www.orkut.com/Main#Main\$CommMsgs?na=3&nid=109813-1162019-4691792050465813952&nst=41&tid=1162019&cmm=109813&hl=en-GB

Ficha [36]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Kawaiizuda	Adjetivo	Em japonês, <i>kawaii</i> significa amável, atraente, simpático, e é um adjetivo geralmente utilizado para crianças, mulheres ou objetos. O aumentativo do termo designa algo muito bonito ou fofo.	Neologismo criado por meio do processo de derivação sufixal (adjetivação adjetival), com o acréscimo do sufixo <i>-ud</i> , à base <i>kawaii</i> , indicando valor afetivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“12. blakcat 21/12/2008 - 17h:44 Hhsuahsushh yoO pic kawaiizudaaa mesmo *-----* amei as cores...”		
Fonte(s)	http://www.flogao.com.br/karenainohana/128676315			

Ficha [37]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Kireizuda	Adjetivo	Na língua japonesa, <i>kirei</i> significa “bonito, belo”, geralmente utilizado para objetos e/ou coisas em geral. <i>Kireizuda</i> designa algo extremamente	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (adjetivação adjetival), com o acréscimo do sufixo <i>-ud</i> , à base <i>kirei</i> , trazendo a ideia de algo muito bonito, e

		bonito.	indicando valor afetivo.
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	<p>“10. animeskirei 20/12/2008 - 22h:10 Yo é mesmo... o Natal já tá aí e realmente o ano passou muito rapido x___x nyaaaa, tbm nem comprei presentes -___- na verdade aqui, o povo de casa não dá muitos presentes eu mesma nem sei o que quero tbm... prefiro ganhar uma quantia em dinheiro...aí eu me viro depois! ^^v hehehehehe Pic Kireizuda *----- ----* e melhor... não é verde e vermelha como as de costume /o/~ hihhi Amei os detalhes da arvore *o* queria uma arvore assim aqui ^3^ Valeu pela visitinha!”</p>	
	Fonte(s)	http://www.flogao.com.br/karenainohana/128676315	

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [38]	Kokorozinho	Substantivo	Em japonês, <i>kokoro</i> significa “coração”. O diminutivo da palavra indica a atitude subjetiva do falante, e/ou caracterização do indivíduo ou objeto.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> à base, indicando valor afetivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“esse meu blog que sempre estará em meu kokorozinho.”</p> <p>“Meu kokorozinho está mal porque não estou falando com as pessoas.”</p>		
	Fonte(s)	<p>http://konoaisetsu.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html</p> <p>http://animespirit.com.br/duckyclear/livro</p>		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [39]	Komimonos	Substantivo	Termo criado a partir da palavra <i>tabemono</i> , a qual significa <i>comida</i> , <i>coisa de comer</i> , em japonês.	Neologismo formado por analogia à palavra japonesa <i>tabemono</i> (<i>taberu</i> (comer) + <i>mono</i> (coisa física)). Neste caso, em <i>komimono</i>

			(comer+mono), há a troca do grafema < c >, pelo fone correspondente [k].
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	“Eu vou levar os Komimonos , quem vai levar os <i>Bebimonos</i> ?”	
	Fonte(s)	http://denisnishimura.blogspot.com.br/2011/05/eu-falo-nihongues.html	

Ficha [40]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Lamenzinho	Substantivo	O ramen é uma espécie de caldo com macarrão, legumes, verduras, carnes, e outros ingredientes. No Brasil, o Lámen (nome de macarrão da <i>Nissin</i>) é popularmente conhecido como “macarrão instantâneo”. O diminutivo da palavra indica a intenção de caracterizar um objeto.	Neologismo formado a partir do processo de derivação, com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , indicando diminutivo, à base “lamen”. Ocorre, neste caso, a nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)	Ramen		
	Contexto(s) de uso	“É que o da Quick num tem gosto nem forma, é só um lamenzinho pálido e triste, então... você começa achando bom, mas enjoa daqueles pedacinhos. E isso porque a sopa é boa! Mas existe o sabor similar da Vono que dá uma rasteira nesse.” “Agora está com gosto de lamenzinho bom e quentinho! Também comemos gyoza e tomamos Coca-cola.”		
Fonte(s)	http://eusouatoa.com/2010/05/14/desafio-da-sopa-instantanea-dia-11-reta-final/ http://erikay.blogspot.com.br/2009/04/emocao-e-distracao.html			

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [41]	Mangazeiros	Substantivo	<i>Mangazeiro</i> é todo aquele que se interessa por <i>manga</i> (história em quadrinhos japonesa, charge), e coisas semelhantes.	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, no qual há o acréscimo do sufixo <i>-eiro</i> , à base lexical <i>manga</i> . Processo de nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“<i>Mangazeiros</i> na Marvel”</p> <p>“E qual <i>mangazeiro</i> nunca quis participar da produção de um anime heim...”.</p>		
	Fonte(s)	<p>http://omelete.uol.com.br/quadrinhos/mangazeiros-na-marvel/#.U0C79ahdVVA</p> <p>https://www.facebook.com/andersonassis.ilustrador/posts/591011727579845</p>		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [42]	Mangazinho	Substantivo	Mangá é a palavra utilizada para as histórias em quadrinhos feitas no estilo japonês. <i>Mangazinho</i> designa a caracterização do objeto, indicando o diminutivo do mesmo.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> à base <i>manga</i> . Indica valor afetivo por parte do falante e, ao mesmo tempo, diminutivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Estou voltando a ter vontade de desenhar <i>mangázinhos</i>, e tenho vontade também de treinar cartoon...este estudinho de cor é com mangá mas vou tentar unir as coisas e melhorar na próxima.”</p>		
	Fonte(s)	<p>http://renanleema.blogspot.com.br/2009/05/mangazinho-para-relaxar.html</p>		

Ficha [43]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Merando	Verbo	A palavra “meru” foi importada do inglês “mail” pelos japoneses, com adaptação fonética-fonológica. <i>Merando</i> designa o ato de “estar enviando” mensagens por celular (cf. Cap. V, 5.1).	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação. Neste caso, ocorreu uma verbalização denominal da unidade lexical, com a troca do “u”, pela vogal temática “a”, com o acréscimo do sufixo <i>-nd</i> (gerúndio), à base <i>meru</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Anônimo - 01/03/2011 <i>misturando portugues com japones=nihongues!^^</i> <i>-merando=mandando me-ru</i> <i>-tabettando=comendo”</i></p>		
Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8737518&tid=5578935288561104674			

Ficha [44]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Mesakake	Substantivo	O termo <i>mesakake</i> literalmente significa “toalha de mesa”. Na língua japonesa, o termo correto para toalha de mesa seria <i>teburukake</i> , advindo do inglês <i>table</i> , ou seja, <i>table + kake</i> . (cf. Cap.V, 5.5).	Neologismo formado por meio do processo de composição por justaposição, no qual o substantivo “mesa” do português é anteposto ao verbo “kakeru” do japonês, que significa “cobrir”, “colocar sobre”.
	Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	<p>“<i>Claudia me lembrei de uma coisa engraçada em relação às misturas de cultura, lá em casa a minha mãe quando ia falar da fronha do travesseiro ela dizia makura kake, e quando ia falar da toalha de mesa ela dizia mesa kake, e acredite eu sempre achei que mesakake fosse japonês, eu lembro do dia que eu pensei um pouco e depois cai na risada rsss, ai ai e olha que já era bem grandinha!!</i>”</p> <p>“<i>Lilian Chiba - Em casa sempre se falou "mesakake", mas nunca tinha me atentado que é uma mistura</i></p>			

		<i>de português com japonês, hahahahaha.”</i>
	Fonte(s)	http://chacomarroz.blogspot.com.br/2009/01/significado-dos-pratos-do-ano-novo.html https://profiles.google.com/102326765517659163344/buzz/87hFSHy6BqN

Ficha [45]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Mimizão	Substantivo	Em japonês, <i>mimi</i> significa “orelha”. Faz referência à palavra “orelhão” do português, indicando o tipo de telefone público (<i>kōshū denwa</i> , em japonês).	Neologismo formado por analogia a <i>orelhão</i> do português. Também ocorre uma nova significação para a unidade lexical, ou seja, há uma conversão semântica, do significado original <i>orelha</i> a <i>telefone público</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>“Suimasen, ano... ano...” (Com licença, é... é...) “Ano... mimizão dokodesuka?” (É... onde está o 'mimizão'?) Mimi é orelha em japonês, o cara procurava um orelhão huahuahua...”</i>		
	Fonte(s)	http://herikamiya.blogspot.com.br/2009/08/micos.html		

Ficha [46]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Movimento dekasegues	Adjetivo	Termo que designa a natureza de um evento, no caso, dos chamados decasségus. No Brasil, denomina a saída de descendentes de japoneses do país, os quais, na década de 90, buscaram no Japão melhores oportunidades de trabalho.	Neologismo do tipo sintagmático, formado pelo processo de derivação sufixal, (adjetivação denominal), a partir da palavra <i>dekasegi</i> (trabalhador temporário) com o acréscimo do sufixo -ês, formador de gentílicos. O segundo termo é o determinante.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>Essas ações com certeza ficarão gravadas nas nossas mentes, na história do movimento dekasegues.</i> ” “ <i>Terminaram nesta segunda-feira (9) as atividades realizadas por todo o Japão em comemoração dos 20</i>		

	<i>anos do Movimento Dekasegues, denominação que dão às pessoas que saem de outras regiões em busca de trabalho no país.”</i>
Fonte(s)	https://groups.google.com/forum/#!msg/sos-japao/7GeVgojR4lc/NF6U55EOdb4J http://www.vermelho.org.br/go/noticia.php?id_noticia=134813&id_secao=8

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [47]	Nihongozado	Adjetivo	<i>Em japonês, nihongo significa “língua japonesa”. Nihongozado designa a mistura da língua portuguesa com a japonesa, no caso, mais voltado à língua japonesa.</i>	Neologismo formado a partir do processo de derivação por sufixação, no qual o sufixo adjetival <i>-ad</i> é acrescido à unidade lexical <i>nihongo</i> . Ocorre adjetivação denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<i>“Essa comunidade é destinado a todos que falam passam os domingos na casa da Bá, tentando uma comunicação, nem sempre compreendida mas sempre engraçada usando um nihongô aporuguesado ou um português nihongozado... Eh.. ficou gozado mesmo, neh? Uhuhuhuhu”</i>		
	Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=394800		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [48]	Nihonguês	Substantivo	<i>Nihongo é o termo em japonês para “japonês ou língua japonesa”. Nihonguês designaria a língua formada pela mistura de japonês e português, ou seja, a língua portuguesa com interferências do japonês, e / ou vice-versa.</i>	Neologismo criado pelo processo de mesclagem lexical, utilizando de duas bases = <i>nihongo + português</i> .

	Forma(s) variante(s)	
	Contexto(s) de uso	<i>“Artigo: Eu falo “nihonguês”!”.</i>
	Fonte(s)	http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=95444

Ficha [49]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nihonzada	Substantivo	<i>Nihon</i> é o termo em japonês para “Japão”. Termo equivalente à “japonesada”, do português. Traz a ideia de coletividade.	Neologismo criado por meio do processo de derivação por sufixação (nominalização denominal), no qual há o acréscimo do sufixo <i>-ad</i> à base <i>nihon</i> , indicando a ideia de coletividade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<i>“12/07/2009 - 15 postagens - 11 autores ... do evento com certeza foram de fazer inveja, patcha infraestrutura, segurança, organização, cronograma... Nihonzada mandou hiper-bem.”</i>		
	Fonte(s)	http://www.comunidadesetuning.com.br/forum/viewtopic.php?f=21&t=18250&start=0		

Ficha [50]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nikkeizada	Substantivo	<i>Nikkei</i> em japonês significa “ascendência japonesa”. Designação para um grupo de <i>nikkeis</i> .	Este neologismo é formado pelo processo de derivação por sufixação. Neste caso, há a nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-ad</i> , para indicar a noção de coletividade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<i>“Abriu as portei ras pra nikkeizada, agora tem que arcar!”</i> <i>“TOMA NIKKEIZADA!!!”</i>		

	Fonte(s)	http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Comunidade/Aichi/Policia-de-Aichi-cria-rede-com-midia-estrangeira_01022011 http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Comunidade/Gifu/Minokamo-vai-cobrar-imposto-de-estrangeiros-inadimplentes_25082010
--	-----------------	--

Ficha [51]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nintendista	Adjetivo	<i>Nintendo</i> é uma empresa japonesa fabricante de jogos de vídeo games. <i>Nintendista</i> é a designação para a pessoa que joga os jogos da <i>Nintendo</i> , e se interessa por tudo relacionado à marca.	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal (nominalização denominal), no qual, se acrescentou o sufixo <i>-ista</i> à base, indicando “pessoa que pratica algo”. Há perda de massa mórfica por parte da base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>nintendista.com.br</i> ”		
	Fonte(s)	http://nintendista.com.br/		

Ficha [52]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nipofilia	Substantivo	Ato ou efeito de ser viciado em japoneses ou coisas relacionadas ao Japão, ou seja, o vício de qualquer tipo em relação aos japoneses ou coisas relacionadas ao Japão, geralmente com conotação sexual, e utilização pejorativa.	Neologismo formado por meio do processo de composição por justaposição. <i>Nipo-</i> , elemento advindo de <i>nippon</i> (Japão) é considerado um elemento de composição (antepositivo), e designa coisas relativas ao Japão. <i>-filia</i> é um elemento de composição (pospositivo), e designa <i>amigo, querido, queredor</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s)	“ <i>Nipofilia.com</i> ”		

	de uso	@nipofilia Os nossos japoneses são mais doentes do que os outros nipofilia.com”
	Fonte(s)	https://twitter.com/nipofilia

Ficha [53]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nipofobia	Substantivo	Medo em excesso de japoneses ou de coisas relativas ao Japão.	Neologismo formado por meio do processo de composição por justaposição. <i>Nipo-</i> é considerado um elemento de composição (antepositivo), e designa coisas relativas ao Japão. Elemento advindo de <i>nippon</i> (Japão). <i>-fobia</i> é um elemento de composição (pospositivo), e designa medo excessivo de algo.
	Forma(s) variante(s)	Japanofobia		
	Contexto(s) de uso	<p>“•Nipofobia – Medo de Japoneses e da sua cultura #JRV”.</p> <p>“Quando você descobre que Nipofobia é o medo de Japonês ou cultura japonesa. - Primeira reação: Eterna Reação: http://tumblr.co/ZPBGAvdcX0SR”</p>		
	Fonte(s)	https://twitter.com/search?q=nipofobia&src=typd		

Ficha [54]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Nipomed	Substantivo	Nome fantasia de um sistema de saúde particular brasileiro baseado no sistema de saúde japonês.	Neologismo formado por meio do processo de composição por aglutinação, com perda de massa mórfica de ambas as unidades lexicais, “nippon” e “medicina”.
	Forma(s) variante(s)			

Contexto(s) de uso	<i>“Pioneira neste segmento no Brasil, a Nipomed teve como inspiração o Sistema Kokumim Kenko Hoken do Japão, que tem como principal objetivo a prevenção de doenças a baixos custo”.</i>
Fonte(s)	http://www.nipomed.srv.br/conteudo.asp?campo=des_quem_somos

Ficha [55]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Niponzada	Substantivo	Em japonês, <i>Nippon</i> significa “Japão”. Termo equivalente à “japonesada”, do português. Traz a ideia de coletividade.	Este neologismo é formado pelo processo de derivação por sufixação. Neste caso, há a nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-ad</i> , para indicar a noção de coletividade. Além de haver perda do grafema < p > na base, como no primeiro contexto.
	Forma(s) variante(s)	Niponzada		
	Contexto(s) de uso	<p><i>“Nossos publicitários, definitivamente, precisam pegar uns toques com a niponzada.”</i></p> <p><i>“Os japoneses encasquetaram mesmo que o mercado deles está indo pro brejo, e soltaram uma histeria dessas. Calma, niponzada, é só esfriar a cabeça e aceitar que as coisas mudaram um pouco, dar uma reorganizada nas ideias, e partir pro jogo novamente.”</i></p>		
Fonte(s)	http://ressacamoral2005.blogspot.com.br/2005/05/viva-o-design-oriental.html http://forum.outerspace.terra.com.br/index.php?threads/koei-tecmo-square-enix-e-sega-morrer%C3%A3o-em-10-anos-publica%C3%A7%C3%A3o-japonesa.265039/			

Ficha [56]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Ofurozada	Adjetivo	<i>Furo</i> significa “banheira, sala de banho”. O “o” utilizado antes da palavra, como em <i>Ofuro</i> é apenas para tornar a palavra mais “polida, formal”. <i>Ofurozada</i> designaria o	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, mais especificamente, adjetivação denominal, no qual há o acréscimo do sufixo <i>-ad</i> para indicar estado da pessoa.

		modo como a pessoa ficou.	
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	"Peguei o dia da noiva plus que inclui manutenção básica da fachada, limpeza de pele, manicures todas dos 20 dedinhos, arrancamento de sobrancelhas, mais teste de cabelo e maquiagem e ainda ganhei de cortesia um banho de ofurô com pétalas de flor e espuminhas, preu ficar ofurozada no grande dia."	
	Fonte(s)	http://www.uiaqui.blogspot.com.br/2007_05_01_archive.html	

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [57]	Ofurozando	Verbo	<i>Furo</i> significa "banheira, sala de banho". O "o" utilizado antes da palavra, como em <i>Ofuro</i> é apenas para tornar a palavra mais "polida, formal". <i>Ofurozando</i> designa o ato de a pessoa banhar-se no <i>furo</i> .	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, por verbalização denominal, com o acréscimo do sufixo verbalizador <i>-nd</i> , para indicar uma ação em continuidade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	"Nanda Bernardes - 22/03/2011 ofurozando e <i>piscinando</i> ".		
	Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?na=3&nid=110411678-5563077324304823152-5584275676121670801&nst=1343&tid=5563077324304823152&cmm=110411678&hl=pt-PT		

Ficha [58]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Ofurozão	Substantivo	<i>Furo</i> significa “banheira, sala de banho”. O “o” utilizado antes da palavra, como em <i>Ofuro</i> é apenas para tornar a palavra mais “polida”. <i>Ofurozão</i> indica uma “banheira grande”.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, no qual há o acréscimo do sufixo <i>-ão</i> , para indicar aumentativo. Ocorre a nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Saunas, sala de repouso, ofurozinho e ofurozão ” 25/11/2011”		
Fonte(s)	http://pindaibas.wordpress.com/tag/ofurozao/			

Ficha [59]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Ofurozinho	Substantivo	<i>Furo</i> significa “banheira, sala de banho”. O “o” utilizado antes da palavra, como em <i>Ofuro</i> é apenas para tornar a palavra mais “polida, formal”. <i>Ofurozinho</i> designa “banheira pequena”.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, no qual há o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , para indicar diminutivo. Ocorre a nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Saunas, sala de repouso, ofurozinho e ofurozão” 25/11/2011”		
Fonte(s)	http://pindaibas.wordpress.com/tag/ofurozao/			

Ficha [60]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Omiyagezinho	Substantivo	<i>Miyage (mono)</i> significa presente ou lembrança. O “o” antes do substantivo indica “polidez”. <i>Omiyagezinho</i> seria o mesmo que “presentinho, lembrancinha”.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), no qual se acrescenta à base <i>omiyage</i> , o sufixo <i>-inh</i> , indicando atitude subjetiva, não necessariamente diminutivo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“~Gaaaah~ ligado 11/02/2007</p> <p>"Se Maomé nao vai até a montanha...Ki a montanha venha logo à Maomé!!!!"haUHAluahIUHAIBaleiO gorduxO!!!ArigatO pelo "omiyagezinhoO!XD~Adorei</p>		
Fonte(s)	http://www.fotolog.com.br/quito_jp/			

Ficha [61]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Origamizando	Verbo / Substantivo	<i>Origami</i> é um substantivo em japonês que significa arte da dobradura. Origamizando seria uma nova designação para “o ato de dobrar papéis, fazer dobraduras”.	Neologismo criado por um processo de derivação sufixal, no qual há a verbalização de um substantivo, no caso, <i>origami</i> , por meio do acréscimo do sufixo verbal <i>-nd</i> (gerúndio) que traz a ideia de uma ação em continuidade. No primeiro contexto trata-se de um substantivo próprio.
	Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	<p>“O ORIGAMIZANDO:</p> <p><i>Um blog para trocar idéias com pessoas interessadas e quem sabe até mesmo vender os origamis! =D Demorou pra sair do campo das idéias e passar pra ação! Mas finalmente está no ar. ^^</i></p> <p>“Vou tentar atualizar o máximo de vezes aqui,já que passo dia todo "origamizando".”</p>			

Fonte(s)	http://origamizando.wordpress.com/ http://tentinaoler.blogspot.com.br/
-----------------	--

Ficha [62]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Otakaria	Substantivo	No Japão e em outros países, <i>otaku</i> é um termo utilizado para nomear os fãs de animes e mangás. A “Otakaria” é uma página criada na rede social <i>facebook</i> , e tem como objetivo de trazer informações e notícias da cultura oriental, e do universo “otaku” para o Brasil.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, por nominalização denominal. Neste caso, utilizou-se a base “otaku”, com o acréscimo do sufixo <i>-aria</i> , que designa locativo, ou seja, um lugar ou local. Há a perda da vogal < u >.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Fundada pelo #Raphael Neves em 30/09/2011, a OTAKARIA tem o objetivo de trazer informações e notícias da cultura oriental para o Brasil.</p> <p>Nossa missão é traduzir e compartilhar todo tipo de informação Oriental, no caso, animes, mangás, curiosidades e outros.”</p>		
Fonte(s)	https://www.facebook.com/pages/Otakaria/145445458877506?id=145445458877506&sk=info			

Ficha [63]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Otakises	Substantivo	No Japão e em outros países, <i>otaku</i> é um termo utilizado para nomear os fãs de animes e mangás. Otakises seria uma nova designação para a expressão “coisas de Otakus”.	Neologismo formado a partir do processo de derivação por sufixação. No caso, houve o acréscimo do sufixo formador de substantivo <i>-ice</i> , para indicar “coisas de”. Há a perda da vogal < u >. A utilização de <i>-ise</i> é tida como um erro ortográfico.
	Forma(s)			

	variante(s)	
	Contexto(s) de uso	“Equipe do Otakises ”.
	Fonte(s)	http://otakises.blogspot.com.br/

Ficha [64]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Pachinkeiros	Substantivo	No Japão, <i>pachinko</i> é um jogo eletrônico de azar. <i>Pachinkeiro</i> é a pessoa que utiliza dos jogos eletrônicos de azar para diversão.	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-eiro</i> , que designa “alguém que exerce uma atividade”.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“A empresa onde trabalhei também era rigoroso com motoristas negligentes, pachinkeiros que iam com uniforme da empresa no pachinko, pessoas envolvidas com a polícia por causa de drogas e roubos, afinal suja a imagem da empresa. Em casos extremos, eram cortados por justa causa.”		
	Fonte(s)	http://www.ipcdigital.com.br/Noticias/Comunidade/Shizuoka/Seguro-de-saude-fica-mais-carro-em-Hamamatsu_15012010		

Ficha [65]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Portugarogo	Substantivo	Literalmente, é uma designação para <i>língua portuguesa</i> .	Trata-se de um estrangeirismo, já que o mesmo termo é utilizado no Japão.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Eles falam que nossa língua é burajirogô (alusão a língua brasileira) e que deveria ser portugarogô , língua portuguesa.”		
Fonte(s)	http://traducao-japones.blogspot.com.br/2011/11/voce-conhece-coloniago-lingua-falada-na.html			

Ficha [66]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Ranashitetando	Verbo	<i>Hanasu</i> em japonês significa “falar, conversar, dizer”. <i>Ranashitetando</i> é a designação para o ato de “estar falando”.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, com o acréscimo do sufixo <i>-nd</i> (gerúndio) ao verbo <i>hanashite</i> (conjugado), indicando continuidade. Há também a troca do < h > pelo < r >, constituindo adaptação fonética.
	Forma(s) variante(s)	Hanashitetando		
	Contexto(s) de uso	“-Sensei, me empresta dishonario ?? -eu to ganbatiando pro benkyou! - ranashitetando (esta falando)”		
Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=47784981&tid=5564074885904020694			

Ficha [67]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Revolução Kawaii	Substantivo	Designa um movimento com o objetivo de expressar o espírito “kawaii” (fofo). Ser “kawaii” é praticamente um estilo de vida que surgiu no Japão, e se espalhou pelo mundo inteiro. No Brasil, temos até uma Embaixadora Kawaii, que promove a chamada <i>cultura Lolita</i> .	Empréstimo linguístico tido como um decalque da expressão “Kawaii Revolution”, utilizada no mundo inteiro.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“A cultura Lolita está crescendo no Brasil. Hoje há uma ação chamada Revolução Kawaii , que promete disseminar ainda mais a moda Lolita no Brasil.”		
Fonte(s)	http://jojoscope.com/2012/07/revolucao-lolita/			

Ficha [68]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sakerinha	Substantivo	Bebida semelhante à caipirinha brasileira, feita com saquê no lugar da tradicional cachaça. <i>Sake</i> , em japonês, pode também designar bebida alcoólica.	Neologismo formado por meio do processo de mesclagem lexical, onde se utiliza duas bases lexicais, caipirinha e sake, para formar uma nova unidade. Há perda de massa morfológica na palavra <i>caipirinha</i> para a formação do neologismo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Para estrear a seção, uma clássica sakerinha de frutas. O drink, é a versão da famosa caipirinha brasileira, só que em vez de usar vodca ou cachaça, é usado o sake.”		
Fonte(s)	http://nakasablog.wordpress.com/2010/05/28/drink-do-dia-sakerinha/			

Ficha [69]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sakurazetes	Substantivo	<i>Sakura</i> é um personagem do anime <i>Naruto</i> . As <i>sakurazetes</i> seriam as fãs de tal personagem.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), no qual se utilizou do sufixo <i>-ete</i> , para indicar a idolatria pela personagem. Faz analogia a <i>tiete</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“As Sasuketes (e em consequência Sakurazetes) Vão te pegar de porrada! Mas eu não ahhahahaahhahaha”.		
Fonte(s)	http://m.fanfiction.com.br/reviews/historia/14159/offset/180			

Ficha [70]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sashimizada	Substantivo	Em japonês, <i>sashimi</i> é um prato de peixe cru, em fatias. Designação para a feitura do prato de <i>sashimi</i> em grande quantidade.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, por nominalização denominal, no qual se acrescentou à base <i>sashimi</i> , o sufixo <i>-ad</i> , que indica um prato feito em grande quantidade com o alimento indicado na base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“EFS5619 August 27, 2010 feed Força Dú...Rapidão vc sai dessa....Aehh vamu fazê aquela sashimizada... @andrelluiss @jeronimovencesl #ff # honoriusdead”</p> <p>“Anônimo - 30/01/2005 SASHIMI Ae rapaziada amiga do marião... dizem as mas linguas q ta pra rola uma "sashimizada" la na casa do mestre em comida japonesa e derivados... nao sei c confere essa informação....”</p> <p>“Ninhaaaa_ ligado 04/04/2005 desculpa, sábado eu tive uma sashimizada+churrascadacom os amigos fodões do meu pai!”</p>		
Fonte(s)	<p>http://twitoaster.com/country-br/efs5619/forca-durapidao-vc-sai-dessaaehh-vamu-faze-aquela-sashimizada-andrelluiss-jeronimovencesl-ff-honoriusdead/</p> <p>http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=7202047&cmm=930706&hl=pt-BR</p> <p>http://www.fotolog.com.br/uah/7791127/</p>			

Ficha [71]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sasuketes	Substantivo	<i>Sasuke</i> é um personagem do anime Nauto. As <i>sasuketes</i> seriam as fãs desse personagem.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal (nominalização denominal), no qual se utilizou do sufixo <i>-ete</i> , para indicar a idolatria pela personagem. Faz analogia a <i>tiete</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	"As Sasuketes (e em consequência Sakurazetes) Vão te pegar de porrada! Mas eu não ahahahaahhahaha".		
Fonte(s)	http://m.fanfiction.com.br/reviews/historia/14159/offset/180			

Ficha [72]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Shainzada	Substantivo	<i>Shain</i> , em japonês, é o "funcionário efetivo" de uma empresa. <i>Shainzada</i> é a designação para um grupo formado por <i>shain</i> , ou seja, por funcionários de uma empresa.	Neologismo formado a partir do processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-ad</i> à base, indicando coletividade.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	"pq aqui a folga do pussual eh tudo diferente,eaw vamos tentar tira yukiu,soh q shainzada num gosta de dar yokuu pra brasileiro!!"		
Fonte(s)	http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2550652217352350897&cmm=1155932&hl=pt-BR			

Ficha [73]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sobaria	Substantivo	Lugar onde se faz e/ou vende <i>soba</i> . <i>Soba</i> é um tipo de macarrão japonês feito de trigo sarraceno.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, por nominalização denominal. Neste caso, utilizou-se a base "soba", com o acréscimo do

				sufixo <i>-aria</i> , que designa locativo, ou seja, um lugar ou local.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“O Sobaria não é um restaurante japonês, ao contrário do que a maioria das pessoas pensam por conta do nome. Ele é bem brasileiro e oferece pratos da cozinha típica do Mato Grosso do Sul– a começar pelo Sobá, especialidade da culinária japonesa trazida pelos imigrantes de Okinawa e tão consumido na capital do estado, Campo Grande, que foi incorporado pela população local como refeição no dia-a-dia.”		
	Fonte(s)	http://gastrolandia.uol.com.br/onde-ir/restaurantes/sobaria-linguica-de-maracaju-sopa-paraquaia-e-mais-mato-grosso-do-sul/		

Ficha [74]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sushizada	Substantivo	Em japonês, <i>sushi</i> é o nome dado a um prato da culinária japonesa feito com arroz especialmente temperado, com algum tipo de carne de peixe, fruto do mar, vegetais, frutas ou ovo. <i>Sushizada</i> é a designação para uma grande quantidade de preparados de <i>sushi</i> .	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, por nominalização denominal, no qual se acrescentou à base <i>sushi</i> o sufixo <i>-ad</i> , que indica um prato feito em grande quantidade com o alimento indicado na base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ Sushizada é o novo conceito para breve - Drink Food And Friends , aliando o melhor do sushi acompanhando as mais variadas especialidades de gin!” “Olá! Bem-vindos à Sushizada ! Somos quatro amigas e somos fãs de sushi. Assim, criamos a Sushizada para dar resposta ao apetite de todos os fanáticos por comida japonesa.		
Fonte(s)	http://www.facebook.com/pages/Sushizada/356456351142705			

	https://sites.google.com/site/sushizada/
--	---

Ficha [75]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Sushizeiro	Substantivo	Derivado do substantivo <i>sushi</i> , <i>sushizeiro</i> pode ser um substantivo próprio ou comum. Designa uma profissão ou aquele que é um amante de <i>sushi</i> .	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo <i>-eiro</i> à base <i>sushi</i> , permitindo a formação de substantivos, caracterizando assim uma nominalização denominal.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“O Sushizeiros te espera!”</p> <p>“Alerta para os sushizeiros do Recife.”</p> <p>“O sushizeiro (que dobra como gerente) trabalhou no Soho, melhor casa de sushi da Bahia, segundo informações colhidas ontem mesmo.”</p>		
Fonte(s)	<p>www.sushizeiros.com.br</p> <p>http://www.sushiblog.com.br/2012/03/30/alerta-para-os-sushizeiros-do-recife/</p> <p>http://comerebeber.wordpress.com/2009/05/14/temaki-lounge/</p>			

Ficha [76]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tabettando	Verbo	Em japonês, <i>taberu</i> (verbo no infinitivo), significa “comer, alimentar-se”. <i>Tabettando</i> é a designação para o ato de “estar comendo”.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo verbalizador <i>-nd</i> , uma forma nominal (gerúndio), que expressa uma ação em curso, à base já verbal, <i>tabette</i> (verbo conjugado no presente). Há a troca da vogal “e” pela vogal de ligação “a”. Ocorre uma

			verbalização deverbal.
Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	<p>“Anônimo - 01/03/2011 misturando portugues com japones=nihongues!^^ -merando=mandando me-ru -tabettando=comendo”</p>		
Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=8737518&tid=5578935288561104674		

Ficha [77]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Taikoenses	Substantivo	<p>Em japonês, <i>taiko</i> significa “tambor”. Fora do Japão, <i>taiko</i> é o nome dado a determinados tambores japoneses utilizados em uma apresentação em ritmo de marcha.</p> <p><i>Taikoense</i> (e suas variantes) designa a pessoa que pratica a arte do <i>taiko</i>, ou seja, aquele que toca <i>taiko</i>.</p>	<p>Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo <i>-ense</i>, <i>-sense</i>, ou <i>-eiro</i>, para designar a pessoa que exerce a atividade relacionada na base. Dependendo do sufixo utilizado, há a inserção do <i>-z-</i>, como no caso de <i>taikozeiros</i>; ou a retirada da última vogal da base < o >, como no caso de <i>taikeiros</i>.</p>
	Forma(s) variante(s)	Taikosenses / Taikozeiros / Taikeiros		
Contexto(s) de uso	<p>“Milamanzano ligado 12/08/2007 ó os taikoenses! hahahaha! beijos .*”</p> <p>“my super best friens...pate...tate...loooooove you...x)bjoooooussss gordinhos taikosenses”</p> <p>“E aí Taikozeiros e simpatizantes de plantão!”</p>			

	<p>“Pra finalizar, quatro taikozeiros (taikeiros, ah, tacadores de taiko, vai) fazendo pose. Tocar Oodaiko é legal demais!!!”</p>
Fonte(s)	<p>http://www.fotolog.com.br/super_god/28814987/</p> <p>http://www.fotolog.com.br/patitake/17025036/</p> <p>http://shyu-daiko.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html</p> <p>http://junpictures.blogspot.com.br/2011/10/japansul.html</p>

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [78]	Tanbozal	Substantivo	<p><i>Tanbo</i>, em japonês, equivale a “plantação de arroz, campo de arroz, arrozal”.</p> <p>Portanto, <i>tanbozal</i> é o lugar no qual se planta ou cultiva o arroz.</p>	Neologismo formado a partir de analogia com a palavra <i>arrozal</i> , do português.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso			
	Fonte(s)	Comunicação Pessoal		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [79]	Tantrouxa	Substantivo	<p>Em japonês, <i>tantosha</i> é o encarregado, o responsável pela seção em uma empresa ou firma.</p> <p><i>Tantrouxa</i> é a designação para a pessoa que é responsável pelo departamento, e que age de</p>	Neologismo formado pelo processo de mesclagem lexical, no qual se utilizou duas bases (<i>tantosha</i> e <i>trouxa</i>) para a formação do neologismo. Há perda morfológica apenas por parte da primeira base.

		maneira escrota em relação aos seus subordinados.	
Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	<p>“tenho somente 5 anos no país, falo o idioma o suficiente p nw depender de tantrouxas e empreit, nw leio nem escrevo, mas TRABALHO...”</p> <p>“o TANTROUXA dessa empreiteira chama Claudio Taguchi e eh um %\$#@! que nao faz nada!!!”</p>		
Fonte(s)	<p>http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Comunidade/Aichi/Brasileiros-estariam-envolvidos-no-acidente-de-Nagoya_02022010</p> <p>http://www.braznet.org/F%C3%B3rum/tabid/148/forumid/6/threadid/77360/scope/posts/language/pt-BR/Default.aspx</p>		

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
Ficha [80]	Temakeria	Substantivo	<p><i>Temakeria</i> seria uma nova designação para um restaurante especializado em <i>temaki</i>. Em japonês, <i>temaki</i> significa literalmente “enrolado com as mãos”. O <i>temaki</i> é um tipo de sushi criado fora do Japão, que consiste em um rolinho de arroz em formato de cone com recheio de vários sabores.</p>	<p>Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-aria</i>, indicador do lugar onde se vende o produto relacionado na base. Há a troca da última vogal < i > pela vogal < e >, facilitando o processo morfológico de formação da palavra.</p>
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“E, no Brasil, as Temakerias fazem muito sucesso na primeira década do século XXI.”</p>		
	Fonte(s)	<p>http://cozinhajaponesa.com.br/japao/historia-do-sushi-origem-tipos/</p>		

Ficha [81]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tempurazão	Substantivo	<i>Tempura</i> é um prato feito com camarões e legumes empanados e fritos no estilo japonês. O novo termo designa um <i>tempura</i> grande.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-ão</i> , indicador de aumentativo, à base <i>tempura</i> . Há a troca do < n > pelo < m >, de acordo com as regras do português.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ <i>Experimentei também o okowa (foto acima), arroz cozido com legumes, frango e castanhas portuguesas da mesma barraca junto com um tempurazão enorme de legumes quentinho e super crocante!</i> ”		
Fonte(s)	http://pecadodagula.blogspot.com.br/2009/07/12o-festival-do-japao.html			

Ficha [82]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tempurazinho	Substantivo	<i>Tempura</i> é um prato feito com camarões e legumes empanados e fritos no estilo japonês. O termo <i>tempurazinho</i> designa um <i>tempura</i> pequeno.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-inh</i> , indicador de diminutivo (segundo e terceiro casos), e valorativo (primeiro caso), à base <i>tempura</i> . Há a troca do < n > pelo < m >, de acordo com as regras do português.
	Forma(s) variante(s)			
Contexto(s) de uso	“ Tempurazinho com uma brejinha, heim!!!” “O cheiro entrou em minhas narinas. <i>Tempura</i> quentinho. De cenoura, de cebola e... de camarão. Olhei de volta pro japonês. Ele deu uma risadinha e empurrou a travessa na minha direção. Peguei um tempurazinho bem pequenininho. Ele franziu o cenho e empurrou de novo a travessa. Peguei mais um pedaço, maior. Ele pareceu feliz e eu continuei.”			

		“cheguei em casinha comi tempurazinho e assistir Show Bar again *-*”
	Fonte(s)	http://web17.twitpic.com/4all9e http://casadagabi.com/tempura-merengue/ http://www.fotolog.com.br/x_nevelethisgo/36953410/

Ficha [83]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Titizuda	Adjetivo	<i>Titi</i> significa “seios”, em uma linguagem bem informal da língua japonesa. <i>Titizuda</i> seria a <i>designação</i> para uma mulher que possui seios grandes.	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, por adjetivação denominal, com o acréscimo do sufixo <i>-ud</i> (aumentativo), à base <i>titi</i> . O neologismo tem valor afetivo e pejorativo.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso(s)	“peitões KKKK — quem faaaalando hein titizuda hahaha”		
	Fonte(s)	https://twitter.com/search?q=titizuda&src=typd		

Ficha [84]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tsukaretado	Adjetivo	Em japonês, <i>tsukareta</i> significa “cansado”. Designação para indicar o estado físico da pessoa, no caso, que ela está cansada.	Neologismo formado por espelhamento, ou seja, por analogia à palavra <i>cansado</i> . A inserção do <i>-ad</i> ao final é uma maneira de aportuguesar a palavra, adjetivando a palavra que já tem função adjetiva.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“Estou Tsukaretado ” e “Eu vou levar os <i>Komimonos</i> , quem vai levar os <i>Bebimonos</i> ?”		

Fonte(s)	http://denisnishimura.blogspot.com.br/2011/05/eu-falo-nihongues.html
-----------------	---

Ficha [85]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tsunamado	Verbo	Em japonês, o <i>tsunami</i> é o mesmo que maremoto. Designação para um fenômeno que atinge grandes proporções, como o ocasionado por um maremoto. Geralmente empregado com valor negativo.	Neologismo criado por um processo derivação sufixal, no qual há a verbalização de um substantivo, no caso, <i>tsunami</i> , por meio do acréscimo do sufixo verbal <i>-ad</i> .
	Forma(s) variante(s)	Tsunamada		
	Contexto(s) de uso	<p>"Suponho se que a bomba atômica não tivesse funcionado, poderíamos ter 'tsunamado' pessoas", afirmou.</p> <p>"mole do que já era, a marolinha também deu uma "tsunamada" nas montadoras de automóveis, setor que emprega uma montanha de gente (Google)"</p>		
Fonte(s)	http://visao.sapo.pt/eua-testaram-bomba-tsunami-ao-largo-da-nova-zelandia=f704628 http://navblog.uol.com.br/comment.html?postFileName=2008_12-01_20_26_12-10045644-0&idBlog=1099278			

Ficha [86]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Tsuruzinho	Substantivo	Em japonês, <i>tsuru</i> é o nome dado ao grou, uma espécie de ave parecida com uma cegonha. No Japão, o grou é a ave símbolo da felicidade, e de acordo com uma antiga lenda, quem fizer mil dobraduras (origami) do <i>tsuru</i> , tem um pedido atendido pelos deuses.	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, por nominalização denominal, no qual se acrescentou à base, o sufixo <i>-inh</i> indicando diminutivo e valor afetivo.

		Designação para indicar um pequeno <i>origami</i> de <i>tsuru</i> .	
	Forma(s) variante(s)		
	Contexto(s) de uso	“ Tsuruzinho , onde estávamos mesmo?”	
	Fonte(s)	http://leogarciaorigami.blogspot.com.br/2010/07/tsuruzinho-onde-estavamos-mesmo.html	

	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Wakatei	Verbo	O mesmo que dizer “entendi” “peguei”, no português. Palavra utilizada para dizer que você “entendeu”, compreendeu algo.	Neologismo formado pelo processo de derivação sufixal, por verbalização deverbal, com o acréscimo do sufixo verbalizador <i>-ei</i> , à base <i>wakatta</i> (verbo conjugado no pretérito perfeito), advindo do verbo <i>wakaru</i> , que significa “entendi, compreendi”.
Ficha [87]	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Anônimo - 30/03/2008 Depois que o cara se acostuma ao sistema, ai vem as piores.....:</p> <p>Gambatiando.... Wakatei.... e por ai vai.....kkkkk”</p>		
	Fonte(s)	http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=47784981&tid=2591643688012212487		

Ficha [88]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Wasabiando	Verbo	Utilizando <i>wasabi</i> (raiz-forte). Designação para o ato de usar o <i>wasabi</i> .	Neologismo formado por meio do processo de derivação sufixal, por verbalização denominal, com o acréscimo do sufixo de gerúndio <i>-nd</i> , à base <i>wasabi</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ Wasabiando Posted by: nakasablog on: agosto 5, 2010”		
Fonte(s)	http://nakasablog.wordpress.com/2010/08/05/wasabiando/			

Ficha [89]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Yakisobra		Em japonês, <i>yakisoba</i> significa literalmente “sobá frito”. Sobá é um tipo de macarrão japonês. O prato tem origem chinesa e nele, mistura-se ao macarrão, carnes e legumes. <i>Yakisobra</i> seria a designação para o prato feito com sobras de comida e macarrão.	Neologismo formado por meio do processo de mesclagem lexical, com a junção das palavras <i>yakisoba</i> + <i>sobra</i> , com perda de massa morfológica da palavra <i>yakisoba</i> .
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	“ Yakisobra é um <i>Yakisoba</i> feito com aqueles legumes que sobraram na geladeira, a gente junta tudo na panela e faz uma comidinha bem gostosa e barata.”		
Fonte(s)	http://www.feitonahora.com/2013/03/yakisobra.html			

Ficha [90]	TERMO	Classe gramatical	Definição	Análise linguística
	Yakissobada	Substantivo	Em japonês, <i>yakisoba</i> significa literalmente “soba frito”. Soba é um tipo de macarrão japonês. O prato tem origem chinesa e nele, mistura-se o macarrão, carnes e legumes. <i>Yakissobada</i> seria a designação para a feitura do <i>yakisoba</i> em grande quantidade.	Neologismo formado por meio do processo de derivação por sufixação, por nominalização denominal, no qual se acrescentou à base <i>yakisoba</i> , o sufixo <i>-ad</i> , que indica um prato feito em grande quantidade com o alimento indicado na base.
	Forma(s) variante(s)			
	Contexto(s) de uso	<p>“Anônimo - 25/06/2007 Yakissobada! ô povooo!!!</p> <p>e ae meu!? qnd vcs voltam?!</p> <p>tão perguntando aqui em casa , qnd vai rolar (se rolar né) a yakissobada!”</p>		
Fonte(s)	http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=2539927250210353501&cmm=28863122&hl=pt-BR			